

JOAQUIM MANOEL DE MACEDO

A

NAMORADEIRA

SEGUNDO VOLUME

N. 47 SUPPLEMENTO ROMANTICO
DO "JORNAL DO BRASIL"

9332

n

3^o - parte 3 - 64
4^o " - 64 - 109
5^o " 4 - 109 -

J. M. de Macedo

A NAMORADEIRA

SEGUNDO VOLUME

Helio Sps



HL 1453

RIO DE JANEIRO
Officinas Graphicas do "Jornal do Brasil"
- 1932 -

HL
869.9332
M141m
v.2

TERCEIRA PARTE

I

Ha no homem duas naturezas temporaria e mysteriosamente unidas, profunda e absolutamente distinctas, espirito e materia, natureza animada, e natureza animal; e é no amor do homem e da mulher que mais e melhor se aprecia essa dualidade do ser humano; porque o amor é da alma e não se pôde confundir com aquelle instincto que é apenas impulsão dos sentidos, em que a natureza animal do rei da criação é essencialmente a mesma que a dos brutos.

O seductor é, em regra, por paixão, por ufanía ou por habito nefando, exclusivamente escravo do instincto brutal; o seductor não ama, aspira o gozo da mulher que voluptuosa ou agradável falla-lhe aos sentidos.

O amor é nobre porque exalta aos olhos puros da alma o objecto amado; o instincto animal é vil porque tende a rebaixar o objecto do gozo.

E' por isso que o homem que ama abraza-se nas fiammas da pureza da mulher amada; e o homem que tenta seduzir, procura abraçar a mulher, a quem deseja, nas lavas volcanicas da sua luxuria.

O seductor tem sua dualidade especial; porque no mesmo tempo é de gelo e de fogo: de gelo para a serenidade no calculo; de fogo para atear o incendio. Quando se mostra acoso em mais ardentes chammas, eleva ou modera o calor a seu arbitrio, e estuda cuidadoso o thermometro dos sentimentos e da exaltação da victima para acertar com a hora mais opportuna no extremo arrojado do criminoso empenho.

Gelo constante para o calculo, fogo apromptado e prompto sempre para o incendio eis os dous elementos principaes da força e do poder do seductor.

Desde que elle, porém, embora não ame, se apaixonou sensual, mas ardentemente pela mulher que procurou e procura seduzir, e se apaixonou a ponto de não manter independente, fria, calma e

soberana a faculdade que dirige o calculo, perde a sua maior vantagem, perde o gelo, que lhe dava serenidade, paciência e subtileza, segurança de si proprio, e visão clara e facil das variações dos sentimentos da victima desejada, arde tambem em um fogo que ella altêa voluntariamente ou não, e nem sabe mais se vae ser senhor, ou escravo.

Então o seductor fica no caso daquellas velhas das tabas dos selvagens do Brasil, tristes velhas que, occupando-se em preparar os venenos destinados a hervar as fleixas dos guerreiro, ás vezes morriam envenenadas antes de acabar o processo mortifero.

Era pouco mais ou menos essa a situação em que se achava Ernesto.

Muito presumido da sua fama de seductor feliz e propecto, Ernesto nem contou com a sagacidade e com o inverosimil descomedimento de ardis de uma joven de vinte annos que era *namoradaira* tambem propecta, e ainda menos se lembrou, nem era natural que se lembrasse, das miseras fraquezas da sua idade.

Castigo providencial do passado, os namoradores useiros, os conquistadores de damas, quando entram na velhice, de ordinario conservam ou por habito fatal ou por vangloria ridicula suas pretenções de galantelo ou de seducção, e na velhice pagam os peccados da mocidade, servindo de escarneo ás jovens a quem cortejam, e de automatos escandalosos, e de martyres ludibriados, atreitamente explorados, visivelmente iludidos pelas especuladoras que abusam sem piedade do anachronismo amoroso.

E não ha velho namorador ou lascivo que se convença da sua estúpida desgraça, antes pintando de preto os cabellos brancos, perfumando-se e untando-se de cheirosas pomadas, espartilhando-se, e atormentando a pobre, decadente, e cansada natureza, como que andam a provocar zombaria, ridiculo, o até opprobrio, contando que os deixem na estollida illusão da sua eterna primavera.

Ao mancoito inexperiente o mundo engana dez vezes; no velho ainda mettido a namorador, ou seductor a série dos enganos é tão illimitada, como a sua tristissima e lamentavel mania. Cem vezes que o enganem, o pobre velho ainda assim não se desengana. Se lesa não é molestia, é miseria da humanidade.

Com toda sua elegancia e matiz da sociedade de apurado tratamento, Ernesto contava já em todo caso dez annos além de

melo seculo e forçosamente havia de experimentar as funestas consequencias da paixão tão serodia na sua idade, por uma joven bella e allucinadora nos annos mais travessos da vida da mulher.

Rosina tinha em poucos dias desvastrado o seu pretencioso seductor; este, porém, illudido pelas fingidas explosões de amor e pelos alvoroços do pejo da manhoga *namoradivo*, mais que nunca se presumia adelantado em seus planos de seducção, e meditava sobre os meios mais seguros de vencer a defeza que já se lhe figurava herolca.

Na tarde em que deixára a exultada e afflicta donzella, tocando em desespero o *Gran Dio! morir si giovane* da *Traviata*, Ernesto não se retirou abatido, antes viu naquella constornação da alma justamente apprehensiva de infortunio, o annuncio lisonjeiro de seu proximo triumpho.

O seductor ainda acreditou que podia reflectir placido e calmo, e reflectiu como lhe foi possível.

Havia na resistencia de Rosina dous pontos de evidente fraqueza no seu conceito: eram — a paixão do luxo e o amor que elle conseguira inspirar-lhe; ella, porém, se premuntra prudente contra a primeira, declarando-lhe que não receberia mais os seus ricos presentes, e contra o segundo, desejando um noivo que lhe escudasse o credito, e sem duvida a defendesse zeloso.

O que pois convinha ao seductor era lisonjejar e explorar a paixão do luxo, obrigando Rosina a aceitar jolas e confeites de subido valor, mas de modo que não offendesse seus escrupulos. Este recurso era indispensavel porque senhora que recebe dadivas do homem que a ama, é senhora que mais ou menos tudo se rende.

Na questão de noivo e casamento era de recelar que Rosina achasse entre os seus namorados algum que se apressasse a desposal-a, tornando assim muito mais difficil o empenho da seducção; se, porém, ella se prestasse a admittir um noivo da escolha de Ernesto, um desses miseraveis que vendem nome e brío pelo dote da mulher suspeita, esse contracto escandaloso seria palma infallivel da victoria almejada.

Longe estava do seductor a idéa de entregar a linda moça á posse de outro; elle a queria exclusivamente para si, reputando inextinguivel seu ardor apaixonado; realzada, porém, a seducção, era simples a despedida do noivo posto á mão ou enfim, dada a hypothese de arrefecimento das flammas lascivas, ainda o noivo

condescendente seria extrema compensação para a victima, e tambem indulgencia para o peccado do sacrificador.

Por mais repugnantes e immoraes que pareçam e sejam semelhantes reflexões premeditadoras de um attentado que a sociedade deveria punir com reprobção severíssima e implacavel, houve ainda outra mil vezes mais abominavel, porque foi um ultrage á lei sagrada da natureza.

Ernesto pensou e decidiu que o homem que o devia auxillar nas lisonjas á paixão do luxo, e na escolha do noivo de Rosina, era Ursini, o proprio pae de Rosina!...

Ernesto contava com a compiacencia do pae desnaturalado; porque lhe estava patente desde muito a vergonhosa condescendencia com que elle tolerava, e, por assim dizer, animava o seu diario e revoltante galanteio, que não podia ter por fim senão a seducção de Rosina. Elle sabia já por experiencia propria que Ursini, dominado por vii interesse, pelos terriveis impetos do jogo, e pelo culto do ouro, escravo do dinhelro, era instrumento cego da vontade e do arbitrio de quem lh'o dava.

A indignidade e perversão do Ursini não podiam ser contestadas; mas o homem que desce ao paul, conspurca-se, e Ernesto, deccendo a Ursini, egualava-se com elle

Mas o seductor não o seria, se consultasse a moral e as noções do dever. Ernesto não vacillou, e logo no dia seguinte foi procurar Ursini.

II

Era meio dia quando Ernesto entrou na officina de Ursini.

— Compadree! exclamou o Italiano ao velo chegar, fingindo se profundamente agradecido ao aperto de mão com que o honrara o riquissimo capitalista; senhor compadree!... aqui, nesta espolunca?... porque não sóbe?...

— Não... hei de voltar á tarde... agora desejo fallar-lhe em particular.

— A mim?... em toda a parte ás ordens: o senhor compadree manda egualmente aqui em baixo e lá em cima; respondez Ursini.

Ernesto hesitava a pesar seu; não duvidava do condescendente Italiano; mas sentia natural vexame de encetar as proposições ignobels que trazia no pensamento.

Depois do breve silencio disse:

— Continue a trabalhar, como se eu não estivesse aqui, e ouça-me: despenco os seus olhos e preciso dos seus ouvidos.

— Ah! murmurou Ursini, sorrindo.

E, abaixando a cabeça, o italiano continuou a occupar-se do concerto de um piano que tinha em mãos.

Ernesto, livre dos olhos vivos e petulantes de Ursini, começou logo a fallar em voz de confidencia.

— Compadre, você sem o querer me perturbou o socego do espirito: abrindo-me a porta de sua casa, pôz-me em face e expoz-me aos encantos da moça mais formosa que em toda minha vida tenho visto. Sua filha é um prodigio de belleza; e eu, sendo homem de bem e de consciencia, não deixo por isso de ter coraçõ. Francamente, isto quer dizer que amo a quem não devo amar.

— Diabo! disse Ursini, sorrindo-se outra vez; senhor compadre, eu não esperava por esta!

— E menos eu na minha idade: felizmente Deus me fez rico e generoso: quando amo alguém, não tenho mãos a medir! compadre, pois que sou casado, não posso casar-me com sua filha...

— Eis ahí o que é claro...

— Como, porém, amo D. Rosina, desejo e quero tornal-a bem feliz; entende, compadre?... bem feliz. Precisamos casal-a quanto antes...

— Ah, compadre! esse é o meu maior empenho e sem duvida tambem o della; mas as moças pobres só por milagre acham marido; eu trabalho dia e noite, e ainda não pude economisar bastante para assegurar um dotezinho a Rosina.

— Isso é o menos; disse Ernesto.

— O menos?... eu pensava que era o mais.

— O mais ou o essencial é que achamos noivo conveniente para fazer a felicidade do sua filha.

Ursini coçou a cabeça e perguntou:

— Não julga que isso deve ficar por conta da mulher que tem de casar?...

— Não; a escolha poderia ser desacertada.

— Então, quem ha de escolher?...

— O compadre: como pae assiste-lhe esse direito e esse dever.

A NAMORADEIRA

— E se a noiva não gostar do escolhido ...

— Eis ahí o que corre por conta e risco do compadre, porque eu estou prompto a dotar D. Rosina, e a dotar-la mesmo grandemente uma vez que ella se casa conforme a vontade de seu pae.

— Oh, senhor compadre!... como hei de agradecer tão alto favor?...

— E não será sómente esse; porque é evidente que o senhor e sua familia estão debaixo de minha protecção, e que o cuidado do futuro do meu afilhado pertencerá exclusivamente ao padrinho.

— E ainda mais!... abençoado Ernestinho que me afortunou a familia toda!

— Sou franco e preciso sei-o: não foi Ernestinho, foi D. Rosina que me captivou.

— Ah!... sim... mas... ella é bonita, convenho; e com padre porém...

— Adoro-a; mas sei respeitar sua innocencia: soffro muito, compadre; porque amo sua filha, não posso casar com ella e nunca a ultrajaria com a idéa de seducção: já me lembrou muitas vezes fugir para sempre de sua casa, e todavia volto a ella todos os dias defendido pela pureza de minhas intenções.

— Eu tenho plena confiança na probidade do compadre; o caso porém é grave...

— E o mundo maligno e perverso está ahí para calumniar-me, e suspellar da mais honesta das donzellas!...

— Na verdade é o ponto mais delicado da questão...

— Achei o meio de conciliar tudo: um noivo para sua filha imporrá silencio á maledicencia possível: eu dotarei D. Rosina sem que se saiba que o fiz, e a minha protecção estendida a toda sua familia explicará o innocente interesse que tambem tomarei pela formosa moça, sua filha.

— Mas o compadre, desse modo, sacrifica ao mesmo tempo o coração e a bolsa.

— Justo castigo de uma louca paixão de velho: eu não quero compensações, nem podia querel-as sem crime, ou antes a minha compensação unica será o meu martyrio: peço-lhe que me deixe adorar sua filha, como se adora uma santa em altar, em que não se tóca: solteira ou casada quero ter o direito de vela e de admiral-a, de ouvi-la fallar, tocar piano, cantar: é por isso que exijo

que o compadre faça a escolha do noivo de D. Rosina, calculando com um dote, cujas proporções serão marcadas pelo meu reconhecimento.

A infâmia da proposição mal se disfarçava em desprezíveis reservas lançadas adrede para poupar opprobrio escandaloso e confesso ao miseravel pae, que já ouvira demais para em furor desculpavel esbofetear o velho insolente.

Entretanto Urstni, que allás sem olhar para Ernesto coçira muitas vezes a cabeça, não se mostrou offendido, e respondeu ao compadre com inacreditavel placidez.

— Desde que ha dote para a noiva, encontra-se com certeza noivo conveniente, e desde que o dotador é homem de bem e de consciencia, o pae da dotada não tem que escrupullisar. O compadre é perfeito cavalheiro e incapaz de abusar da confiança da familia que o recebe em seu solo: eu tenho os olhos fechados; porque sei que não preciso abri-los: estou certo de que minha filha não terá necessidade de repellir pretensão alguma affrontosa...

— A' quem o diz?..

— A quem entra em minha casa e são della como amigo leal e protector honestissimo: a franqueza com que o compadre acaba de explicar-se ainda mais o elevou na minha estima. O seu amor por minha filha não é crime, a culpa está sómente na lindeza da rapariga; crime haveria na tentativa de seducção; mas o dote para Rosina, e o conselho para o seu casamento abonam de um modo admirlavel a virtude do compadre. Ha poucos homens como o senhor!...

— Portanto...

— Póde contar commigo. Ha de se arranjar um noivo digno de Rosina e do seu nobre e honrado protector.

Mas Urstni que continuara a interromper o trabalho do concerto do piano, coçando frequentemente a cabeça, perguntou logo depois:

— E Rosina, compadre?...

— Que tem ella?...

— Como anda na historia?... franqueza até o fim: como pensa a menina?... é claro que preciso sabel-o, e que a filha não dirá tudo ao pae.

— D. Rosina sabe certamente que eu a adoro... é um anjo de innocencia... doseja casar-se... e...

— E... acabe, senhor compadre!...

— Sua filha deve ser bem aconselhada...

— Sobre que?...

— Ella não confia ainda quanto deve e se faz necessario no amigo, que tomou a peito felicitar sua familia, e dar mais do que abastança, riqueza relativa a seus paes pelo grande e innocente amor que sente por ella. D. Rosina é caprichosa e desconfiada... ao compadre convém dar-lhe bons conselhos... isso convém-lhe muito, compadre! convém-lhe; eu lh'o asseguro. E' positivo que na situação difficil em que nos achamos, e tratando-se de casamento e de dote que pôde ser magnifico, e de protecção que será lisonjeiro futuro para toda sua familia, ella e eu devemos entender-nos, como bons amigos, e ella de sua parte entregar-se plenamente sem injuriosas suspeitas á dedicação honestissima e desinteressada do homem que, em honra de sua belleza e virtude, está resolvido a dar-lhe posição brilhante e vida afortunada e invejavel na sociedade.

— E a ingrata desconfia?... perguntou de novo Ursini, não coçando mais a cabeça, erguendo-a porém e encarando de face Ernesto.

— D. Rosina manifesta escrúpulos que a glorificam, mas que realmente me contrariam. Dou-lhe um exemplo: ha de crer que protestou hontem, que não accetteria mais presente ou mimo algum que eu ainda teimasse em offerecer-lhe?...

— Ella é assim porque ficou tola com a educação austera que lhe dei.

— Mas onde está a mallela ou o veneno dos insignificantes adornos que raras vezes trago como tributos á sua formosura?... isto é uma crueldade inexcusavel!... compadre, a sua amizade deve ajudar-me a vencer semelhante capricho de menina exagerada em melindres de pejo...

— Puerilidades... puerilidades... o compadre descanse em mim, que chamarei á razão a doudinha. Estou vendo que descortez e rudemente Rosina excedeu-se, rejeitando algum mimoso obsequio do senhor compadre...

— Não o fez não; temo, porém, que o faça, e vejo-me embaraçado, porque realmente não me está bem expor-me a uma repulsa dolorosa. Entretanto eu tinha destinado para o formoso collo de D. Rosina este adereço de perolas que me pareceu bonito.

E Ernesto tirou do bolso e abriu deante de Ursini uma delicada caixinha forrada de setim, dentro da qual estava o precioso collar.

— Que joia estupenda!... disse o italiano devorando com avidas vistas o adereço.

— Compadre, tornou Ernesto, pondo a caixinha sobre o plano: dê esse collar, como lembrança sua, a dona Rosina: é o meio de obrigar-a a aceitar... que diz?...

Ursini reflectiu por alguns momentos e logo depois expandiu-se, como á uma idéa luminosa e disse:

— Isto vem mesmo a talho de foice!... olhe, compadre; exactamente daquíl a breve prazo Rosina completa dezofte annos.

— Ah!

— Ora eu tinha promettido a minha filha dar-lhe no dia da sua festa um presente de subido valor, e ainda hem que resisti á sua curiosidade e não a preveni do que seria.

— Mas eu não convenho em privar-a do presente que seu pai lhe destinava.

— Coitadinha!... já está privada: isto é uma pequena historia dos inconvenientes da pobreza. Desde dez annos ponho sempre de lado alguns vintens com a esperanza de comprar uma pequena casa que fosse propriedade e dote de minha filha; conseguí capitalisar dous contos de réis e ultimamente puz os olhos em um modesto *chalet* com seu competente jardim, em um dos suburbios da cidade: como soube que estava para vender-se, fui vê-lo, e calculei que o seu preço não excederia a oito contos, e contei que o comprarla, deixando-o em hypotheca por seis contos ao vendedor. Era este o famoso presente com que eu devia pôr doida de alegria a minha Rosina; mas quer saber, compadre?... o proprietario exigiu-me pelo *chalet* doze contos de réis á vista!!!

Ernesto sorriu-se, fingindo acreditar na *historia dos inconvenientes da pobreza*.

Ursini continuou, dizendo:

— Eu não sabia como haver-me com a menina no dia de seus annos: agora, porém, tenho o collar de perolas para cumprir minha palavra, e vou pô-lo de reserva.

— Não, compadre, respondeu Ernesto: não imporemos a esse adereço o sacrificio de esperar tanto tempo pela gloria de adornar o collo de dona Rosina: desejo que ella o receba hoje mesmo...

— Isso é facil; mas eu no dia dos annos?...

— Tranquillise-se: já lhe declarei que pretendo ser zeloso e dedicado protector de sua familia. Póde estar seguro de que corresponderéi amplamente á confiança que lhe mereço; mas quero tambem que me preste o seu indispensavel concurso para que sua filha se case bem e quanto antes. Ah! o senhor me ha de dizer, quando eu julgar opportuno sabê-lo, onde fica esse *chalet*: é provavel que deseje vê-lo, e desde que elle agrada a D. Rosina...

— Como, senhor compadro?...

— Não tratemos disso agora. Crelo que ficamos de accordo sobre o que lhe propuz.

— Eu tambem penso que sim.

— O compadre se incumbê de procurar e dispôr o noivo...

— Sem duvida; e com a garantia do dote não terei muito trabalho... mas o dote?...

— E' evidente que ha de ser digno do protector. A quantia será determinada depois.

— E Rosina póde ter conhecimento deste empenho do compadre?

— Certamente; pois que o meu empenho é decoroso, nobre e sem reservas de intenções occultas e maliciosas; porque conhecendo-o, sua filha se convencerá de que deve fazer mais justiça ao meu character e ser menos desconfiada e mais suave em seu trato commigo.

— Hei de dizer-lhe tudo isso e mais ainda. Eu sou homem muito simples, de perfeita llura, e julgo os outros por mim. O compadre vê que todo este negocio tem seus pontos melindrosos, e um pouco sombrios e escarpados...

— Que quer indicar?...

— Quero dizer que ainda assim accetto em tudo e por tudo a fiança do padrinho de meu filho.

— Sim; e eu em todo e qualquer caso respondo pela felicidade de D. Rosina e pelo futuro de sua familia.

O seductor, ouvindo a aparentemente solemne appellação para sua probidade, lembrou-se de que era capitalista e negociante de optima firma, e respondeu de modo subterfugente e sem comprometter-se; mas Ursini não mostrou comprehender o que havia de capcioso a vago na declaração, e accrescentou com expressão de *segurança*:

— Pois bem; fico cego, como se do nascença fosse; fico sem reflexão, nem cuidados, como se estivesse idiota: a visão dos meus olhos, e a do meu espirito estão na honra do meu compadre. Que deseja mais?... o senhor compadre quer ser o protector da minha familia; seja-o na graça de Deus, e portanto dê ordens na casa e responda por ella.

Ursini fallára com ardor, mas, fallando, coçara com força a cabeça; e Ernesto, que por certo preferira não receber tão ampla dictadura firmada na garantia da sua honra, não pôde protestar, nem dizer que não accetava o que evidentemente viera pedir.

Em ultimo resultado, Ursini salvára as apparencias da mais escandalosa e infame negociação e Ernesto, estendendo-o assim, retirou-se da officina com a convicção de que acabava de comprar posse e dominio da bella filha de um pae miseravel, sacrilego, torpe e malvado.

Mas, todos os sophismas á parte, o corruptor não fraternisa sempre com o corrompido?... O facto da corrupção nivela ambos e os deixa para sempre com egual balxeza e nodoa.

III

O empenho que Ernesto manifestara do casar com urgencia Rosina, e o offercimento de um dote de elevadas proporções para a noiva, tinham feito com que Ursini, durante a conferencia indecente com Ernesto, coçasse a cabeça repetidas vezes.

O italiano teve sinistras apprehensões, e receou que a filha houvesse fraqueado e cahido na rede da seducção.

Ursini queria negociar e ganhar com o ignominioso galanteio da filha; mas positivamente não concebera nunca a idéa de sacrificar á paixão opprobriosa de Ernesto.

Em seu coração, estragado pelos vícios, havia desprezo do decoro, desde que o indecoro offerencia vantagens materiaes; mas o que Ursini chamava honra da filha era por calculo, e, dil-o-omos, por orgulho de pae, o signal extremo de que o grito sagrado da natureza ainda nelle achava eco.

Esta contradicção de sentimentos só se poderia explicar pelo julzo que Ursini fazia da sociedade, conforme a sociedade em que viveu, e a dosmoralisação em que passara os seus primeiros annos, e o desejo ardente que nutria de dar á sua filha, joven encantadora, posição deplumbrante no mundo.

Ursini queria ouro, riqueza para Rosina, ainda a custo de malevolas suspeltas; mas, sobre essa base de ouro, queria Rosina forte e ufana de sua pureza physica para merecer o respeito e todo amor de um esposo que não tivesse o direito de abatel-a e do confundil-a com a consciencia do seu aviltamento.

Ursini amava de seu modo á filha, e por isso apenas Ernesto sabiu da officina, lançou-se elle para o sobradinho, coçando a cabeça ainda com mais força.

Rosina não estava na sala; mas acudiu immediatamente á voz do pae que a chamou e que turbou-se muito mais, reparando que a filha, de ordinario alegre e travessa, se mostrava triste e com os olhos magoados por lagrimas innegavelmente choradas.

— Tu choraste, Rosina?... perguntou o italiano preoccupado das prevenções que trazia.

— Chorei; responden a donzella sem hesitar.

— E porque choraste?...

— Porque errei.

— Diabo!... exclamou Ursini, batendo com o pé; diabo! diabo!...

— Meu pae, que é isso?... porque me trata assim?... ..

— Oh!... quando confessas que cahiste em erro, desgraçada?!!!

— Que erro imagina?... vossa mercê me insulta com algum mau pensamento... oh!... tambem meu pae!...

Ursini fitou os olhos no rosto da filha que, impavida, se deixou olhar sem o mais leve indício de confusão.

Ursini sentou-se no sofá e fez Rosina sentar-se na cadeira mais proxima e, dando as costas para o corredor, de modo que o seu semblante ficasse exposto á luz que entrava pelas janellas, assim e sempre a olhar a filha, elle perscrutava-lhe a alma nos movimentos e nas expressões da physionomia.

— Rosina, disse o italiano, moderando o tom com que lhe fallara, teu pae é o teu primeiro amigo; não ha nem póde haver motivo que te aconselhe encobrir-me segredos. E' absolutamente necessario que eu saiba em que ponto se acham as tuas relações com o velho malvado que te faz a corte.

A filha corou um pouco e respondeu com tristeza:

— Estão no ponto em que meu pae desejou: obedeci de mais; foi isso o meu erro.

— Mas como entendes obedecer de mais?... não vês que te explicas mal?... que foi que eu desejei!...

— Ah! vossa mercê bem sabe que eu ouvi daquella porta a conversação que teve uma tarde com minha mãe: antes não a tivesse ouvido!...

A filha vingava-se um pouco dos pezares que sentia, increpando o pae; este, porém, pelas apprehensões que trazia, atormentava-se com as phrases dubias que ouvia a Rosina.

— Quero saber tudo... tudo, disse elle agitado; refere-me quanto se tem passado... nada me occultes!

— Mas a que vem isto?... para que fazer-me corar?...

— Ah!... exclamou Ursini, olhando com furor para a filha.

Rosina leu então nos olhos do pae a mais negra suspeita, e por sua vez irritada, disse com amargor:

— Meu pae não pôde reprehender-me; e se chegou a desconfiar de mim, é porque está pensando que me impelliu mais do que era heito.

— Ingrata! tornou Ursini, adoçando a voz.

— Tranquillise-se; continuou a filha ainda resentida: eu sei defender-me por mim.

— Mas... conta-me tudo... conta-me, e não te encolorizes com teu pae...

Rosina ficou os olhos no collo, e tremula pelo vexame e pela dôr da suspeita, repetiu circumstanciadamente, e sem omitir episodio algum, toda a historia do galanteio do velho seductor e da sua ardilosa afronteza na simulação de violento amor. Nessa ampla franqueza levava ella dous pensamentos: o de manifestar-se leante de culpa irreparavel que talvez lhe imputavam, e o de confundir tambem seu pae com o quadro das suas lições em pratica.

Todavia Ursini ouviu a triste confissão sem o mais leve signal de desperto do pudor, e enfim, perfeitamente convencido de que se sobressaltara despropositadamente, apertou as mãos da filha, e disse-lhe:

— Creio na doce verdade que acaba de saber como suave perfume da rosa da tua boca.

E beijou-lhe uma das mãos.

— Mas eu tenho errado! observou Rosina, levantando os olhos

— Não, minha; tens pelo contrario procedido admiravelmente. é assim que se prepara a melhor das vinganças, que é a vingança mais dolorosa para o offensor, e mais util para a offendida. Olha: para tí o peor do caso está nos beijos do velho que te hão de ter causado tedio; mas, lavadas as mãos e as espaldas com um pouco de agua da colonia, não fica vestigio.

Apezar dos profundos vícios de sua educação, Rosina sentiu repugnância, ouvindo esse ignobil gracejo do pae, talvez porque accebe dia algum generoso sentimento lhe estava accusando na consciencia seus desatinos de *namoradaira*.

Ursini, sem dar attenção ao desgosto da filha, continuou immediatamente, dizendo-lhe:

— Confidencia por confidencia; franqueza por franqueza.

E referiu palavra por palavra as proposições que Ernesto pouco antes lhe fizera na officina, e embora surpreso ao ver que a filha parecia indifferente ás importantes e animadoras revolações que recebia, Ursini proseguiu sem parar, accrescentando:

— De quanto me disseste, e acabas de ouvir-me, é positivo que o meu rico e velho compadre está amarrado a teus pés; podes bem pisar na cabeça desse homem que é um animal sem espirito nem consciencia, e sómente escravo de sensual e affrontosa intenção. Faremos delle tudo o que melhor nos parecer; ha, porém, uma circumstancia, que eu não posso combinar com os seus projectos de seducção, com o doto que te offerece, e com a sua credulidade no teu amor; é o seu empenho em dar-te quanto antes noivo e marido.

Rosina não respondeu.

Ursini insistiu na questão:

— Como é que, tão allucinado como o tens posto, e possesso do mais formoso e travesso demoninho, pôde elle querer dotar-te e casar-te para que pertenças indisputavelmente a um marido...

O pae exaggerava demais o abuso do decoro e do pudor que devia ainda presumir na filha, que era em todo caso uma donzella, e tinha jus, como tal, a respeitosas delicadezas.

Rosina se cozteve e se mostrou senhora, guardando ainda silencio.

— E' indispensavel que nos esclareçamos mutuamente: a causa da filha é a causa do pae: que pensas tu de semelhante originalidade?... eu não creio que o velho já esteja completamente tolo: fallaste-me de um contracto inverosímil, insensato, burlesco: que dizes?...

A donzella hesitava.

O pae immoral e desnaturado renovou telmoso e sem brio a impudica pergunta.

Urgida assim, a misera filha cörou fortemente, e escondendo os olhos, respondeu.

— Eu não sei... talvez... seja ainda um moço... de... sedução...

— Um moço?... e como?... falla; não és nenhuma criança... explica-te.

— Póde ser... seria verosimil... que elle acreditasse na possibilidade... de... vencer-me antes... por condição...

— Ah!... ou... depois...

Mas o pae sacrilego interrompeu a explicação, vendo a filha debruçar-se em lágrimas.

Ursini deu tempo a que Rosina socogasse e depois lhe disse:

— Não vejo razão para chorar: estamos em bom caminho e cedo chegaremos ao fim, a que me propuz. Tu desenvolves rara habilidade, e por pouco que continues assim, teremos em breve dote e noivo seguros e um velho arrogante e estúpido a lamentar-se submergido na enchente opportuna, do teu e do nosso desprezo...

— Mas eu não posso, meu pae, não quero levar adiante esta comédia, esta escandalosa zombaria, que me compromette e me desdoura...

— Como é isso?... agora quasi a ter dote e noivo na mão?..

— Ah, meu pae! eu lhe disse que tinha chorado!

— E' verdade; disseste-me; mas porque choraste?...

— Porque já sei que tenho dado aos homens honestos o direito de me desprezar.

Ursini que já estava de todo livre da conjectura sinistra que lhe perturbava o animo, poz-se a rir da observação aliás judiciosa da filha, e respondeu-lhe:

— Has de ver... que si todos esses senhores honestos, quando fôres rica.

— Eu infelizmente já sou, a quem a minha pobreza não tinha espantado...

— E' mais que provavel teras visto sem que não se tenham espantado: és muito bonita para que te não perdoem a pobreza.

— Sim; mas esse de quem fallo, não me perdoou o suspeiço de desdouro.

— Ah! o quem é esse?... sabes que estou á cata de um noivo talvez nos convenha.

— E' um mancebo que me amava, e me queria por esposa...

— E então?...

— Retiroi hoje a palavra que me dera, e ainda nobre escondo o seu desprezo na grandeza da sua generosidade.

— Isso é episodio de romance, manina!

— Para não humilhar-me com o verdadeiro motivo da sua despedida, não fez a menor allusão ao grave erro de que tantos me estão accusando, e calumniou-se, inventando uma culpa, um delicto que o desapreciaria se não fosse imaginario.

— E quem é esse heroe?...

— Chama-se Angelo... é o sobrinho de minha madrinha.

— O filho do mestre André?...

— Sim, meu pae.

— Oh lá!... mas é um original sem segundo nesta cidade. Que diabo!... Joanna fallou-me disso, e eu não acredito!... o pateta amava-te, queria casar contigo, e nunca se lembrou de vir á nossa casa!...

— Veto esta manhã... e não voltará mais a ella.

Ursini coçou a cabeça.

— Querás saber?... disse elle á filha; penso que fizemos um achado feliz. Angelo serve-nos ás mil maravilhas.

— Oh! é muito tarde agora! murmurou Rosina abatidamente.

— Escuta, menina. Não sei bem dar a razão; mas é certo que, em regra, todo o artista de genio tem sua falha no juizo, e Angelo então é como disse ha pouco, um original que faz pena. Qualquer homem de mediocre subtilleza, comtante que possa penetrar na furna onde se esconde esse solitario, dominará facilmente sobre elle. Ora eu conheci-lhe o pae, conheço-o e te respondo pelo novo.

O orgulho de Rosina despertou estimulado.

— Isso não, meu pae!... exclamou ella; não convenho em que vá arrastar-me aos pés do homem que me rejeitou.

— Eu sei fazer as cousas, menina; tornou-lhe Ursini; asseguro-te que será Angelo quem pedirá de mãos postas o favor de ser teu marido.

Rosina fez um movimento indicador de incredulidade.

Ursini continuou, dizendo:

— Angelo é um pintor de consciencia e de inspiração, tem diante de si futuro brilhante de gloria; mas no Brasil ainda os mais afamados artistas não podem esperar enriquecer pela arte. Crelo que o teu casamento com elle não seria muito afortunado em outras circumstancias; no caso, porém, em que nos achamos, Angelo te ha de trazer os reflexos de sua celebridade e tu lhe levarás dote sufficiente para viveres boa vida...

— Meu pae!...

Ursini não comprehendeu, ou fingiu não comprehendêr a exclamação da filha.

— Tu verás, disse; verás em poucas semanas a quanto te eleva o dote; por ora começa por um lindo chalet no valor de doze contos de réis, além das joias que já tens, e que valem ouro; isto é só para principiar...

Rosina revoltou-se.

— Mas eu por minha vez desprezaria Angelo, se elle se submettesse...

O corrompido italiano não a deixou acabar.

— Se submettesse a que, tola?... pois tu o desprezarias por elle convir no que estás sabiamente fazendo?... serias tão douda que o condemnasses pelo facto de ajudar-te a tomar a mais justa vingança do ultraje imperdoavel com que te feriu esse homem velho e casado que tentou e tenta seduzir-te?...

Rosina sentiu a força do sophisma de seu pae: com effeito, não poderia mais condemnar a hypothetica submissão de Angelo, sem condemnar confessadamente a sua propria submissão real e effectiva ao plano da supposta vingança de Ursini; por isso ella respondeu, honrando os nobres sentimentos daquelle que se considerara seu noivo.

— Angelo nunca se aviltaria, como eu me tenho aviltado.

Ursini, aborrecido já do que lhe parecia intempestiva sensibilidade romaneca da filha, mudou de estrategia, e disse:

— Veremos se me engano, e se pela primeira vez bato em falso: imaginemos, porém, o peor: Angelo te rejeita e te despreza absolutamente: e dahi?... acaba-se por isso o mundo?... em primeiro logar a esse desprezo injurioso responde-se activamente com o esplendor da felicidade; em segundo, não é o Sr. Angelo tão distincto e preclaro mancebo, que não aches outro igual ou melhor.

Rosina não respondeu. Ursini proseguiu, fallando, como quem era:

— Menina, isso do amor é fogo que se apaga mais cedo do que se imagina: o casamento é um estado, e não pôde ser eden de amor senão durante a lua de mel para os mais felizes: o que realmente adita uma senhora é o casamento, como posição definida, e com fortuna bastante para os amplos gozos das festas e dos prazeres da vida, ou pelo menos com a abastança que exclue as privações.

Rosina parecia absorta, e no seu silencio não indicou nem approvação, nem duvida, nem negação.

Ursini disse ainda:

— Formosa, como és, basta que tenhas dote medíocre para que aches excellento casamento, e, liberta dos rudes trabalhos da casa do pobre, poderás empregar o tempo em enfeitá-la com a tua natural e caprichosa facelrice, e te verás sempre cercada, aplaudida e incensada por mil adoradores.

Rosina começou a escutar o pae desmoralizado e propinador da peçonha da corrupção.

— Jamais te aconselharia a que solteira ou casada te degra-dasses com a noção que só o perdão de Deus pôde lavar além da morte; mas sentir-se, reconhecer-se, ufanar-se objecto de predi-loção do culto arrebatado dos cavalheiros mais elegantes, da inveja das senhoras mais pretenciosas é a mais excusavel ambição, e a maior felicidade que uma joven formosa pôde encontrar na terra.

— Ah! o casada com um homem que se estima pelas suas virtudes?... perguntou Rosina a esmolar uma suave lição de amor puro, e de angelica e doce caridade.

O pae negou a esmola, envenenando ainda mais a filha.

— Se o marido virtuoso e estimado é pobre, e é tambem pobre a joven que com elle se casa, casam-se duas pobrezaas, callem-se as mãos, e afela-se tianado o rosto da mulher, que apenas véste andrajos e não depára quem a olhe e menos quem a admire. Ora, quando a joven assim casada é bella, como tu és, Rosina, na verdade o gainel dessa vida desconsola.

— Tem razão, meu pae; murmurou a donzella valdoea.

— Ah! estás tocando á realidade material e unica deste nosso mundo?... pois é por ti sómente que apuro a vingança contra o meu insensato e perverso compadre; queres ver o fruto da minha conferencia revoltante de hoje com esse velho tão rico e poderoso como imprudente e idiota?... repara neste collar de perolas!

E Ursini tirou do bolso e abriu a caixinha forrada de setim, expondo nos olhos da filha o bello adereço.

Rosina olhou mais do que devia para a preciosa joia.

Ursini foi deixar a caixinha sobre o plano, e voltando a sentar-se, disse:

— Aquillo é nada, o *chalet* bem pouco ainda, o mais que ha de vir... ah! fica sabendo que vás completar dezolito annos em breve prazo que ainda não marquei definitivamente.

— Eu?...

— Não me has de desmentir: é preciso que faças annos quanto antes... o dia da tua festa deve ser fecundo.

— Ah! meu pae! e que dirão de mim?...

— Muito mal um ou dous mezos e muito bem longos annos depois: serás tão applaudida pelo teu hablissimmo ardil, como o velho pateta ridiculisado por todos.

— Mas amfim... casada... com quem?... oh!... isto é um sonho afflictivo!... esse velho fatal não convirá jamais em do-tar-me o ver-me casada sem...

E, abaixando os olhos, Rosina ousou completar o seu pensa-mento:

— Sem ufanar-se do meu opprobrio, o que não conseguirá.

— Por certo; nós, porém, conseguiremos tudo.

— Impossivel!

— Heim?...

E, sorrindo sem pejo, e não se abysmando pela terra, como pao que fallava á sua filha, esse miseravel proseguiu, dizendo:

— Continua a incendial-o sem incendiar-te.

— Um dia chegaremos ao extremo do insulto na exigencia, e da desaffronta na força da repulsão.

— Isso fica para o fim; mas, porém, do fim tudo se adia, nada se promette, deixa-se esperar, e a esperanza vai dando de si...

Rosina tremia.

— O segredo, bem o sabes, está em que o futuro nunca chegue a ser presente, mantendo-se constantemente o millionario e presumçoso seductor sempre nos ardores da vespera, e nunca lhe consentindo amanhecer do dia.

— Ah, meu pae!...

— A questão é de semear e colher: semea-se com a astuce, colhe-se, encarecendo-se esperanças... ora... tu bem sabes...

Rosina sentiu-se devorada pelo fogo da vergonha.

O pae infame atreveu-se a acrescentar:

— Estás vendo que não prescindio da tua pureza, que é o meu santo orgulho.

Que é que o sacrilego chamava pureza?...

Ursini levantou-se e disse:

— Conto com o teu juizo, menina; estamos agora inteiramente absorvidos nos cuidados da vida real, que te dará todos os recursos para a vida poetica depois. Não percas as vantagens que já tens conseguido. Eu por mim tenho mais facil tarefa: vou amarrar de pés e mãos o teu noivo original: hoje não; pois con-

vém dar-lhe um dia e uma noite para a febre do clume; hei de ir apanhá-lo amanhã nas horas de prostração.

— Meu pae! não eu... não quero que lhe falle... não o deve fazer...

— Que pensas tu?... eu nada sei do amor de Angelo nem do que se passou entre vocês dous; sou capaz de jurar-te que é elle que vai confiar-me os seus segredos.

E ajuntando immodesto gracejo a essa explicação talvez falaria, disse a rir:

— Angelo é meu e quero vender-t'o: quanto me dáes por elle?... eu sou negociante de preço fixo: vendo-te Angelo pelo maior dote que souberes ir arrancando ao meu estupendissimo compadre.

E, rindo-se ainda, Ursini deixou a filha, e desceu para a officina.

Rosina ficando sob a impressão desse gracejo que indicava a segurança com que eeu pae contava assenhorear-se do animo de Angelo e dirigil-o a seu arbitrio, entregou-se por breves momentos á esperanza da reconquista do noivo que lhe fugira; mas logo depois, voltando a seus impulsos de vaidade, hesitando em hora um instante, mas immediatamente vencida pelo gosto da fa ceirice e do luxo, avançou para o piano, estendeu o braço, tomou a caixinha forrada de setim, abriu-a, e contemplou risonha o collar de finissimas perolas.

Um fraco, mas doloroso gemido fez estremecer a embevecida Rosina que, voltando os olhos, viu Joanna, a pobre mãe, em pé, com a face encostada ao portal do corredor, com os braços cahidos inertemente, e olhando para a filha com dous fios de lagrimas, que alvejavam sublimes, cabindo aos lados de seu rosto moreno.

Eram all duas jolas de perolas e ambas para Rosina.

Nas mãos da filha de Ursini o adereço de perolas, presente da seducção.

Aos olhos da filha de Joanna as perolas das lagrimas choradas por sagrado amor de mãe.

Rosina largou sobre o piano com movimento nervoso a pequena caixa que guardava o adereço.

IV

Rosina tinha recebido a formal despedida de Angelo com impeto de cólera e explicável desabrimento; mas logo depois, fugindo envergonhada da presença de sua mãe, fóra, recolhida a seu quarto, experimentar prompta e fortíssima reacção da consciencia e do sentimento mais delicado.

A afflicção vehemente de Angelo, seu fallar precipitado e demasiadamente conciso, claro e preciso na exposição da sua grave culpa, o conhecimento que ella tinha do caracter e das virtudes do nobre mancebo, e finalmente a dolorosa e profunda segurança que elle deixára ouvir com tanta verdade, da firmeza e perpetuidade já inuteis do seu desgraçado amor, tornavam paciente e melindrosa e santa falsidade do pretexto para o rompimento dos laços que eram de purissimo noivado e que deviam ser de mais doce hymeneu.

Angelo a amava ainda e sempre, e porque a amava muito, mais fundo recebera no coração o golpe dado pela sua excoessiva levandade, que a muitos se affigurava já degradação.

E Rosina, a villpendiada de tantos, e de alguns que costumavam contemplal-a em extase de admiração, o que á simples suspeita de sua triste fraqueza, a ultrajavam já com egares insolentes, testemunhos injuriosos da crença do seu aviltamento, merecera ainda ser poupada, e de certo modo respoltada pelo unico homem a quem assistia o direito de confundil-a atraídoado!...

Angelo, ferido no seu immenso e poetico amor, na sua confiança, nos sonhos da maior felicidade, Angelo justamente suspeltoso da immodestia e da perfidia da sua noiva, não podendo nem devendo mais dar-lhe a honra do seu nome honesto, em vez de fazel-a corar, indicando o motivo real de seu desprendimento, inventára um aliove contra si proprio, offendera-se para não offendel-a, beijara-lhe os pés para não desprezar-lhe a mão, e fugira-lhe, parecendo condemnado para não parecer condemnal-a!...

No rompimento como Angelo o preparara e effectuara, se havia indignidade, se apparecia uma nodoa, eram só para elle: Rosina ficava incolume, isenta de culpa: o culpado era sómente elle.

No seu proceder artificial mas grandioso só impuzera um castigo á noiva perfida, a ostentação do amor inabalavel, constante, angelico, maravilhoso, que ella não perdia, mas inutilisara pelos seus erros, que a comprometiam na opinião geral.

Mas esse castigo era ainda uma consolação embora amarga; porque significava genuflexão lisonjeira deante do poder de sua belleza, ou talvez o matiz sublime da nobre falsidade, innocentando a criminosa pelo influxo da constancia do amor allás desmerecido.

Rosina accusada pela propria consciencia, e considerando a alta generosidade do delicadissimo cavalheiro, que até então não soubera apreçar bastante, sentira-se commovida, exaltada, engrandecida pelo amor de coração tão nobre, e apezarada, o arrependido do abatimento moral que a menoscabava.

Rosina, enfim, que até esse dia nunca tinha amado Angelo amou-o desde a manhã desse dia, e amou-o ou porque a mulher ama ás vezes por capricho o amante que lhe foge, ou porque a grandeza da estima e o sentimento da admiração accendem quase sempre o amor no coração da mulher.

Angelo tornara-se, aos olhos de Rosina, bello, majestoso, adoravel por duas condições contradictorias: porque se mostrara nobremente altivo, honrando a sublimidade da mulher, não a querendo nem de leve suspeita pela insensação tolerada do amor de outro homem; e porque ferido pela offensa e pelo perjuro, sacrificara a violencia do seu resentimento ao melindroso respeito com que generosamente poupava ás confusões do pudor e a incoerências affrontosas a donzella que havia escolhido por noiva.

Na offensa da despedida e na bizarría da explicação havia edito religioso e magnifico á soberania, ao melindre, ao pejo, á alma, ao coração, ao sentimento da mulher que Angelo tinha amado ou ainda amava.

Angelo tinha preferido parecer suicida a ser algoz; matava-se para não matar; exaltava-se no seu infortunio com o perdão recondito que concedia á criminosa, e com o patente labéo de um perjuro, cuja responsabilidade tomava para si, afim de deixar a coberto de conjecturas desairosas e infamantes aquella que fôra e continuava a ser objecto do seu primeiro amor.

O brilho de tanta virtude encheu de luz celeste o coração de Rosina que, arrebatada pela admiração e pelo reconhecimento, e deprimida pela consciencia dos proprios erros, chorou duplamente sobre o bem que perdera e sobre o mal que se fizera.

Como tão rapida passara ella da ira ardente para subito amor, e do resentimento para a gratidão, é segredo inexplicavel da natureza susceptivel e do espirito sempre voluvel e chelo de vivos contrastes dessa donzella em quem a imaginação usurpara o sceptro da razão e por habitos de inconstancia, de capricho e de

sensibilidade já alterada mudava Inopinadamente de sentimentos, como lhe era facil e useiro mudar de namorados.

Nem se pôde explicar de outro modo a variedade e contradicção de ideas com que, depois daquelle reacção que promettia ser de influencia tão benigna o tão honrosa, depois do amor que rompera da estima e do arrependimento que nascera da consciencia dolorosamente despertada, Rosina, ouvindo os sophismas e as lições immoraes do seu pae, chegara ao ponto de não oppôr absolutamente resistencia ao desairoso projecto que Ursini concobera de ir procurar no mancebo altivo e nobre o ignobil noivo exigido por Ernesto, e finalmente se abaxara a avançar dous passos para o plano, a estender o braço, a tomar e abrir a caixinha, e a sorrir, contemplando o collar de perolas!...

Evidentemente havia em Rosina amotinação de sentimentos oppostos, paixões diversas em alvorço; mas no amor em que ella se suppunha abrazada por Angelo era ainda a ufania de haver merecido a adoração do mais honesto e escrupuloso mancebo, e era talvez douda esperanza e nascente capricho de reconquistar outra vez pelos milagres da sua belleza o noivo que lhe fugira, e que, lhe fugindo, se confessava amante desgraçado, que lhe tinham dado nos olhos lagrimas de santo, mas ephemero arrependimento, e ao coração leviano sonhos suaves do bem, da verdade e do justo apreço de um homem tão resplendente do mimosa sensibilidade como de grandes virtudes.

Em Rosina o que se via e se devia lamentar era o quadro vivo e triste da ruina moral da innocencia e da pureza.

Mas ainda ao menos a donzella vaidosa e enfeitada pelo fulgor do luxo, obedeceu a um assomo de pudor, e largou sobre o piano o presente da seducção.

Joanna deixou-se, onde estava, o com vagaroso e expressivo movimento de cabeça que ajudava o sentimento a manifestar-se pela palavra, disse-lhe quase loço:

— Ainda orraste!... não era teu pae que devia ir a Angelo: teu pae ha de espantalo muito mais!...

— Ah, minha mãe!... não fui eu que o pedi.

— Mas tiveste a fraqueza de lhe deixar a acção livre. Ah, Rosina! minha filha!... ainda nos resta um recurso... impedirel que teu pae vá amanhã, indo eu hoje...

Rosina commoveu-se e perguntou sentidamente:

— Tão tarde agora!... dizer-lhe o que?...

Joanna era simplez e não sabia sophismar, como Ursini, para disfarçar o amargor de uma idéa.

— Para dizer-lhe a verdade toda... toda... e trazel-o convencido de que apenas tens sido mal aconselhada... sómente inconsiderada o ligeira... porque assim, minha filha, Angelo te perdoará.

Rosina interrompen a pobre mãe, e disse rapida:

— Nunca!

— Rosina!... Angelo é teu anjo! deixa-me ir...

A donzella presumida, soberba, contradictoria e estouvada revoltara-se ao pensamento da sua humildade e do perdão de Angelo, que Joanna queria obter: um rir nervoso estremeceu-lhe nos labios, e ella respondeu:

— O anjo bateu as azas... voou!... minha mãe se perderia a procural-o nas alturas... não quero...

E mudando a ironia em despeito e asaninho, acrescentou com voz firme:

— Não quero!...

Joanna recuou e desapareceu, retirando-se pelo corredor.

Desgostosa de si e de todos, colerica e aturdida, turbada e incapaz de reflectir, pensando em Angelo, amando-o e aborrecendo-o, lembrando Ernesto, desprezando-o, e todavia tendo na memoria as lições de Ursini, Rosina passeou ao longo da sala algum tempo, e enfim, num impulso de afflicção ou de aborrecimento de tudo, já la sahindo, quando da porta do corredor voltou, e, chegando-se ao plano, agarrou com raiva a caixinha forrada de setim e foi trancar-se no seu quarto.

Acabando de fechar a porta, Rosina atirou a caixinha sobre o seu tocador, e ora estendendo-se no leito, ora andando como louca em volta do seu pequeno aposento, passou longa hora de febril heciliação.

Mas pouco e pouco foi serenando, e á medida que mais serenava, olhava muitas vezes para o tocador, até que finalmente um repentino movimento avançou para elle, abriu a caixinha forrada de setim, tirou della o collar de perolas, acolchetou-o ao pescoco e olhou-se ao espelho.

A vaidosa sorriu-se outra vez ao duplice gozo da vista do seu formoso collo e do adereço de finas perolas que brilhavam alvejantes nelle, como corda magnifica na fronte de uma rainha.

V

Ursini começava a ter pressa de depennar profusamente o seu velho compadre. Até poucos dias projectava, ao contrario, espaçar quanto fosse possível o desgano de Ernesto; porque lhe parecia mais facil por menos sensível ir ganhando em pequenas dadias vazios, cuja somma avultasse muito no fim, e para isso bastaria que Rosina entrelivesse longamente o galanteio e as esperanças do seductor; mas uma opposição inesperada viera alterar-lhe o socego no seio da familia, e obrigar-o a accelerar a acção da repugnante comedia.

Joanna, a esposa cegamente submissa, a senhora de espirito fraco e humilde, de educação obediente e de genio passivo, amargurada em seu amor de mãe e no descredito da filha, se não ostentava resistencia energica, indignação e justos brados contra o infame proceder do marido, affligia-o de continuo, quando estava a sós com elle, queixando-se, chorando e protestando.

Ursini estimava Joanna, devia-lhe vinte e dous annos de perfeita felicidade, tinha orgulho do recato e da honestidade de sua esposa; sabia dominal-a, estava certo da sua obediencia; consumia-se, porém, vendo-a chorar e padecer; sobretudo incommodava-se com a desacostumada perturbação da tranquillidade suave do seu viver no lar domestico.

Isso muito mais do que as proposições instantes do compadre o determinou a abanconar o seu primeiro proposito, e a adeantar a obra tão lucrativa como degradante e impordavel.

Assim, e como disséra á Rosina, foi no dia seguinte pôr-se de intelligencia com Angelo.

Ursini conhecia pouco e mal o character do filho do mestre André, e errava muito não juizo que fazia da sua originalidade ou excentricidade.

Tendo em grande conta o proveito que podia tirar das disposições galhofeiras e traquinas que são communs nos estudantes e nos jovens artistas, o italiano esperou que Angelo, preparado sagaz e manhosamente por elle, não hesitaria em ajudal-o a chasquear e a enganar Ernesto.

Faltando á promessa feita a Rosina, Ursini começaria por mostrar-se sabedor de quanto se passára entre ella e Angelo, queixar-se-lhe da revolta de sua filha que em afflicção e desespero se estava negando a continuar a obedecer-lhe na trama da mais engraçada e tormentosa vingança tomada contra um homem casa-

do o velho que, com abuso de confiança, e orgulhoso do poder da sua grande riqueza, ousára tentar seduzi-lo, e sem dar ao joven pintor tempo para reflexões explicar-lhe a natureza, o ridiculo, as conveniências da vingança; repetiria, ataviada com falsidades e pretextos os mais verosímels e interessantes a arenga que já uma vez fizera ouvir a Joanna; abundaria em recriminações contra os ricos ignorantes e soberbos que procuram humilhar e desprezar os artistas que valem muito mais do que elles, e excitando o espirito de classe e avantajando a graça, o pundonor e o optimo exito do stratagemma de que Ernesto devia ser victima, indicaria a necessidade que, em taes circumstancias, tinha de um artista companheiro e socio para levar ao cabo a destorria de Rosina innocente e pura, e o menoscabo, o castigo dado na bolsa, e a desillusão grotesca do perverso velho criminoso de tentativa de seducção.

O corrompido e experiente italiano, confiando muito na rede ardilosa dessa historia, e ainda mais no amor ardente de Angelo, e na perspectiva do dote elevado de Rosina, dirigiu-se esperançoso ou quasi certo de feliz empenho á casa do joven pintor, cuja conquista, além do mais, lhe assegurava a doce quietação do animo sobressaltado de Joanna.

Mas pouco antes da hora do jantar, Ursini, voltando a casa, e subido ao sobrado, mostrou-se aos olhos de Rosina confuso e de mau agouro.

A filha estava melancolica e apprehensiva e não dirigiu ao see pergunta alguma.

Foi o pae que teve de fallar.

— Angelo não é original, é estúpido; disse Ursini; deves esquivar-te, menina!

Rosina tornou-se livida, e murmurou:

— Rejeitou-me... humildemente offercida... talvez...

— Oh! não: foi elle que tomou a palavra para confessar-me o que chama sua irremediavel desgraça... o diabo do estrolha chora, jurando que te ama, e lamenta achar-se preso a um dever que reputa imprescindivel, e que eu debalde demonstrei que era ridiculo.

— Uma vergonha de mais!... disse Rosina, que trocára a lividez por inflammado rubor.

— Se eu te digo que elle é estúpido!... peor que isso, nem merece a reputação que lhe emprestam, como artista; assero-la que não passará de estouvado borrador de ruins quadros historicos.

— Que me importa isso?...

— Dizes bem: que te importa?... perdaste um noivo novo, e eu perpara-te em compensação um noivo sabio.

Rosina indifferente á compensação annunciada, pareceu seriamente preocupada e perguntou:

— Meu vae... desculpe-me: prometto-me dizer a verdade por mais cruel que ella seja?...

— Oh!... por Deus!... eu nunca te engano: a minha regra contigo é sempre verdade e franqueza.

— Pois bem: que pensa desso dever imprescindivel... de que falla... Angelo?...

Ursini fallava a verdade, quando lhe convinha, e dessa vez a verdade podia convir-lhe.

— Penso que é falso o perfido pretexto. Angelo tem o unico merecimento de não saber mentir: já te disse que elle é estúpido.

— Oh!... mas então porque teima em dizer que me ama, e porque me ultraja com o seu desprezo?... perguntou Rosina com terror.

Ursini julgou esta pergunta menos simples e mais complicada que a outra, e por isso respondeu o contrario do que pensava.

— Explicação airosa de namorado inconstante: neste ponto elle fez excepção de estupidez, despreza-te; mas quer que ainda em cima lhe fiques agradecida pelo desprezo: pelo menos eu entendo assim; mas na minha condição de pae da desprezada julguei mais acertado accellar a explicação que não te desaltrava, e em que elle, por hypocrita humilhação, se metta pela terra a dentro.

— Ah!... balbuciou Rosina, rindo, com um rir, porém, que indicava descrença do juizo ou da lealdade de Ursini e intima convicção do contrario do que lhe ouvia.

— Desconfias do que te digo, Rosina?...

— Oh! não, meu pae; eu já não confio nem desconfio do que ouço sobre Angelo: porque não penso mais nelle: que viva um seculo... Angelo morreu para mim.

— Prova do bom juizo: e demais rei morto, rei posto.

— Que quer dizer?...

— Já t'o disse: tenho os olhos postos em um guapo mancocho que se te agrada...

Rosina absorta ou indifferente nem sequer por curiosidade perguntou quem ora esse noivo tão facilmente improvisado.

— Não queres saber o seu nome o qualidades?... creio que vale a pena: tornou-lhe o pae.

— Que me importa! disse a filha, fazendo um movimento de desagrado.

Ursini corria melhor o caracter de Rosina do que o de Angelo, e por tanto marcou corteiro o ponto que devia atacar.

— Deveras que o tal pintorsinho deixou-te profunda setta no coração! tão perdida estás por elle, que nem te inflamma o orgulho esse desdem com que desestima a inclinação torna, do que se devia ufanar por merecel-a da mais formosa donzella, que floresce no jardim do Rio de Janeiro!... Ah, Rosina!...

Rosina deu-se:

— Eu nunca senti amor por esse homem... e menos o sentiria hoje; disse ella.

— Disseste-me o contrario hontem, e agora mesmo estás manifestando que ainda o amas, e muito...

A filha e tacerbou-se com a insistencia do pae; e disse:

— Supporhamo-o!

— Incurrerías no erro mais lamentavel. Olha: Angelo é carta absolutamente falha no baralho: não podes jogar com elle, que definitivamente te voltou as costas.

E Ursini recolheu perspicaz a impressão que tinham causado á filha as palavras *te voltou as costas*.

— Das duas uma, continuou elle; ou é verdadeiro o motivo da retirada de Angelo, e embora o lamentos, deves procurar outro motivo, pois não penso que tenhas a idéa de ficar perpetuamente solteira; ou o motivo foi pretexto, e falsidade, e Angelo te offendeu com o mais cruel desprezo, e em tal caso...

— Em tal caso... acaba, meu pae!

— Ah! quem pode acabar o meu pensamento ó a tua justa attivez de donzella formosa e recatada.

Rosina estava agastada com o pae, e para magoal-o, disse:

— Bonita ainda me reputo; mas recatada, meu pae?... na verdade depois que fui impellido a anlmr... o cortejo insidioso... as deshonrosos pretensões de um homem casado, perdi o direito de queixr-me da desestima, ou do desamor de Angelo.

Ursini não se defendeu da manifesta accusação que a filha lhe dirigira.

— Mas que diabo de amor era o d'elle e que poder é o teu!... pois tão friamente se foge a uma joven encantadora e a quem se dizia querer tanto?... eu comprehenderia que elle tivesse vindo aqui em furias de ciúme a tomar-te contas, que te maltratasse com a rudeza da palavra colorica, que te injuriasse com a suspella

revoltantemente injusta; tudo isso indicaria amor em desespero; inventar, porém, uma historia burlesca, e para não te empurrar com as mãos, voltar-te as costas, e ir pintar seus quadros muito a gosto, e placidamente!!!

Rosina, despetada o raivosa, perguntou, torcendo as mãos:

— Elle... trabalhava...

— Absorvido na tela, onde pretende representar Augusto contemplando compadecido, mas soberbo, o cadaver de Cleopatra; o seu palnal não tem sentimento, nem grandeza; devo, porém, confessar que Angelo estava dando ás dobras e inclinações da toga do hero combinadas com a attitude do corpo deste fórmas cheias de verdade e perfeito estudo.

— Meu pae!

— Já vês que Angelo é um homem de gelo, ou que em vez do se achar comprometido por grave e delirante culpa, como veiu aqui dizer-te, naturalmente esqueceu-te, ou te menospreza; porque se prendeu a outra mulher, ou calcula com alguma noiva que é menos pobre do que tu.

Rosina preferia a esquivança de Angelo pela sua immodestia, e pelo seu comportamento equivoco, á perfidia e inconstancia delle por qualquer especie de influencia de outra mulher.

— Não! isso não! exclamou ella; nem é de gelo, nem ama outra, não!

— Por consequencia não te julgou digna de uma hora de ciúmes, de alguns minutos de explicações ou ao menos da consolação de uma injuria que dêsse testemunho de amor suspetoso e enfurecido.

— E por consequencia!!... disse sem saber o que dizia Rosina desnortada pela malefica influencia do pae.

— Por consequencia Angelo te abateu demasiadamente, despediu-se de ti, como de uma já desencantada illusão da mocidade, como, ou sei lá! talvez como um devanelo que acaba por fatigante, e o que te cumpre...

— Eu o sei! murmurou Rosina, abafando a raiva.

E levantou-se.

— Menina, acudiu Ursini, procurando retel-a, precisamos conversar um pouco e razoavelmente.

— Hoje?... perguntou a filha, fazendo ouvir na pergunta um protesto contra a possibilidade de conversação calma.

— Hoje, sim; respondeu Ursini; hoje, porque o tempo urge. Eu te disse que tenho de mão um excellento noivo para ti...

— Oh, meu pae!... um noivo?... para mim um noivo que voessa mercê apanhou de passagem ahí na rua?...

— Doudinha!... eu supponho o noivo optimo; quem todavia se lembra de obrigar-te a casar com elle?...

— Esse noivo é pois?...

— Não é, será instrumento da oração ao arbitrio da grammatica da tua vontade; agente da oração principal, se te convier; subordinado ou incidente, como te parecer; mas em todo caso...

Ursini segurava pelo braço Rosina que teimava em querer subir da sala...

— Em todo caso?... perguntou ella.

— Um auxiliar para o embahimento do meu compadre, e optimo auxiliar, porque será opportunamente conservado ou despedido conforme o teu capricho, noivo mandado embora ou marido feliz e felicitador á mercê de tuas sympathias ou antipathias.

— E' de mais!... exclamou a filha, com indignação mal contida.

— E' de mais? como?... perguntou Ursini visivelmente contrariado.

Um esforço de Rosina, e o subito movimento de contrariedade de Ursini separaram o braço de uma das mãos do outro.

A filha sentindo-se livre da prisão que a continha, recuou alguns passos e disse:

— E' de mais, meu pae; porque realmente é demais!...

E, voltando-se logo, adeantou-se, uma vez ao menos com acção sobre e altiva e com melancolla grave e digna, retirando-se a poucos grados pelo corredor.

Ursini seguiu-a com os olhos e ao vê-la desaparecer, sorriu-se ironicamente como quem contava com o animo inconstante da filha.

VI

A situação tornara-se difficilissima para Rosina contrariamente compellida por affectos diversos e emmaranhada em duvidas, hesitações e impelios oppostos.

Se pensava que convindo-lhe serenar o espirito para escolher com acerto a melhor linha de proceder, lhe eram preciezos alguns dias do recolhimento, em que se furtasse ás vistas dos vizinhos, á observação dos namorados e ás visitas de Ernesto, vinha-lhe a idéa de que por um lado se expunha assim a juizos e conjecturas

que a maledicência inspiraria, e por outro poderia parecer a Angelo muito consternada pelo seu desdém, o que a sua presumpção e a sua vaidade não toleravam.

Se pelo contrario admittisse a presença e, portanto, o galanteio de seductor, ou toria de rechassal-o, pondo termo á intriga já muito escabrosa e nesse caso achar-se-ia em absoluto antagonismo com seu pae; ou prestando-se á continuação dos laços vergonhosos armados ao ouro do velho rico, daria pleno e justificado fundamento á desestimação e ao abandono com que Angelo a rebaixara, e amontoaria novos erros sobre aquelles que já tão caros lhe tinham custado.

Pelo muito que estava soffrendo, ella principiava a trocar por aborrecimento a indifferença que sentira por Ernesto: desconfiava que seu pae levasse já além e mais do que dizia as suas convenções com o audacioso velho, e fantasiava, tremendo, mil perigos que poderia correr.

Rosina acreditava que Angelo ainda a amava, e por explicavel capricho de desdenhada e presumida, ardia por vencer a esquivança repentina do joven plutor, e por isso mesmo desejava-o, e talvez começava realmente a amal-o.

Joanna aticava este sentimento, não sabendo fazel-o com intelligente subtiliza, mas poderosamente ajudada pela opportunidade; Ursini muito mais habil estimulava com ardor o desvanecimento e a paixão do luxo que eram os dous demonhos que tentavam com maior poder á filha.

Rosina hesitava, pois, e hesitando cogitava no meio de ganhar tempo sem comprometter qualquer disposição ou definitivo proposito que em breve chegasse a tomar, como lhe era indispensavel e urgente.

Ora quando a mulher almeja e procura deveras um expediente, acha-o mil vezes mais depressa, e melhor inspirada que o homem.

Rosina mal acabou de jantar, deixou os pães á mesa, e sem os prevenir, foi vestir-se para sahir, e quando Ursini se levantava afim de descer á officina, mostrou-se ella ataviada com todo o esmero.

— Oh lá! exclamou o italiano; por Baccho! estás divina!... que temos hoje?...

— Venho pedir-lhe que me leve a passar á tarde com Marieta. Marieta era uma joven, filha de outro italiano que fizera, mascateando, mediocre fortuna.

Manzonati, o pae, era amigo de Ursini, e Marieta fôra companheira de collegio; e desde então camarada de Rosina.

Ursini comprehendeu logo que a filha queria nessa tarde escapar á visita de Ernesto, e julgou prudente a idéa de Rosina, e ainda mais acertado condescender com ella.

Rosina e Marieta passaram juntas e alegremente aquella tarde e parte da noite; mas á hora da despedida — as moças têm tambem sua maçonaria, e suas allianças fraternaes — as duas camaradas pediram a seus paes tres dias de vida intima, regosijante e feliz.

Rosina queria levar consigo Marieta, e esta fallava com olhos longos a Manzonati, a rogar permissão.

Ursini de boa ou má vontade secundou os pedidos da filha; Manzonati, que era pouco escrupuloso e de economia que se aproximava da avareza, calculou com a menor despeza do macarrão, e convелu em separar-se de Marieta por tres dias:

Rosina exultou: Marieta era por tres dias a sua salva-guarda, o seu ganho de tempo, a sua ostentação de ledice á janella, uma festiva resposta ao desdém insultante de Angelo, e uma companheira — obstaculo á erupção natural ou artificial dos vulcões de amor ardentissimo do velho que se presumia do proximo — feliz seductor.

Ursini admirou e applaudiu dentro de si o habilissimo recurso da filha, o qual não lhe escapou ao espirito subtil e fraudulento. Marieta não podia ser esperançosa rival de Rosina: não era feia; tinha a côr marmorea, os olhos bellos, e os cabellos negros das Italianas; mas estava muito longe de competir com a camarada.

Por ser um estorvo provisório nos ardores de Ernesto, Marieta era um incentivo, uma contrariedade ainda mais excitante, que sem dispendio de resistencia e de artificios custosos farjam encarecer os dotes da formosa Rosina, e inflamar a paixão forçosamente contida, sopçada, e agulhoada do velho sensual, e todo incendios inúteis.

Em vez de tres dias Marieta ficou em companhia de Rosina quatro semanas.

Manzonati era condescendente: consolava-se da ausencia da filha, indo vê-la na casa do amigo e compatriota, onde ás vezes jantava o que, conforme os seus calculos, importava diminuição nas suas despezas diarias.

Durante a primeira semana a presença de Marieta não foi incommoda a Ernesto; porque a filha de Manzonati era agrada-

vel, esperta e indiscreta como Rosina, e o velho galanteador de damas, presumindo-se namorado por esta, e sabendo quanto ás vezes aprovaia a um seductor despertar ciúmes no coração da mulher, cuja posse almeja, não quiz perder o ensejo de empregar esse meio.

Marieta via-se muito dos cumprimentos e das lisonjas de Ernesto, e evidentemente não se mostrava esquiua; mas Rosina, que allás algumas vezes parecia observar esse principio ou ensaio de galanteio, nem se accorda a ciumenta, nem indicava zeloso cuidado.

O velho cada dia mais allucinado pela belleza de Rosina, acabou cedo por enfadar-se com a companhia de Marieta, de quem não tirara o proveito que havia esperado, e começou a queixar-se a Ursini de hospedagem tão longa e contrária a seus planos de protecção, insistindo de novo pela necessidade do noivo conveniente.

O italiano fez garbo do sua solicitude em obedecer ao compadre, assegurando-lhe que o noivo já estava fallado e disposto; mas que era preciso não contrariar a caprichosa Rosina, apressando a retirada de Marieta, que em todo caso não podia demorar-se por muitos dias fóra da casa de seu pae.

Ursini contemporisava, illudindo Ernesto e condescendendo com Rosina. A companhia de Marieta lhe estava sendo utilissima; pois ao mesmo tempo exacerbava a paixão do compadre, aquietava o espirito agitado e afflicto de Joanna, e fazia renascer a lealdade natural e a leviandade habitual da filha.

Com effeito Rosina, a principio com esforço, e pouco a pouco realmente consolada e distrahida pela presença e pelo genio brincão da amiga, tão alegre e livre de preocupações se afigurou ao pae que este, apanhando-a de passagem no corredor, disse-lhe ao ouvido:

— Um segredo: hoje á noite virá tomar chá connosco... o tal sujeito...

— Quem é?... perguntou a filha curiosa.

— O que será teu noivo... se te agrada.

Rosina não respondeu; mas tambem não exclamou, como dez dias antes exclamara: "ó demais!..."

Ursini observou a filha durante o dia, e não viu-lhe no rosto, nem nos modos, signal algum de enfado ou de desgosto, e convenceu-se de que ella aguardava o candidato a noivo com indifference, mas sem anticipada repugnancia.

A's oito horas da noite entrou na casa de Ursini e este apresentou á sua familia o joven Albino Archimedes, seu amigo muito prezado.

Albino era um mancebo de vinte e quatro annos de idade, de estatura pouco acima do ordinario, bonito de semblante, e bem talhado de corpo, como desejariam sel-o muitas senhoras, trajava com apuro requintado da moda, e á primeira vista obrigava a sympathia. Tinha bellos olhos, admiravols dentes, e mãos brancas e pequenas: penteava-se como um cabelleiro francez e suas botinas de Mellét ostentavam a delicadoza do seus pés.

Ursini não se animara a indicar, apresentando Albino, nem sua familia nem sua posição social, ou o mister de que elle se occupava na sociedade; limitara-se a fazer em breves palavras o elogio de suas qualidades e do seu notavel talento.

Albino era o que Ursini não se animaria a declarar á filha, homem tão miseravel e corrompido que, á primeira offerta de dote e protecção, se mostrara prompto e decidido a ser noivo de uma joven já suspeita pelo simples facto do semelhante negociação de casamento com um desconhecido.

Albino devia á natureza não só bonitas feições e gentileza, como intelligencia clara e agradável facilidade de se exprimir; e devera a seus paes alguns estudos superficiaes de humanidades que á força de castigos até nos dezoito annos recebera.

Nessa idade um dia roubara as jóias de sua mãe, avultada quantia da gaveta de seu pae, e fugira da capital de sua provincia para a do imperio, mudando de nome proprio e de familia. Não foi perseguido; mas ficou abandonado a si mesmo...

O pae severo confundiu a honra com o orgulho: occultou o crime do filho que lhe nodgara o nome, e deixou-o solto na carreira da perdição.

O dever paternal impunha outro procedimento: cumpria que o filho fosse apanhado e exemplarmente castigado no segredo do lar da familia: lançado, porém, ao abandono, era offensa viva a natureza e á sociedade.

Albino dissipou em breve na cidade do Rio de Janeiro todo o fruto do seu crime, e reduzido á penuria, e já habituado á vadiação e aos prazeres, desceu ás mais baixas e condemnaveis acções para haver dinheiro.

Em sua degradação nem mesmo o crime podia repugnar-lhe. Fez-se poeta, cantou e chorou, explorando todos os sentimentos das victimas a quem resolvia fingar: não houve casamen-

to nem baptisado em familias ricas que não inspirassem a sua musa, nem morreu homem afortunado, cujas virtudes não celebrasse.

O calote e o furto com destreza executado foram para elle fontes de elegancia e de renda, e rojando por todas as vergonhas, tornou-se corretor habilissimo na praça da libertinagem, servindo de aluguel ás cortezãs escandalosas e á impudicicia hypocrita.

Albino era, pois, a corrupção mais desprezivel.

O proprio Ursini chegaria talvez a suicidar-se, se em deca, pero, se visse Albino casado com Rosina.

Todavia, precisando de um noivo *conveniente* para enganar Ernesto, o italiano, desnorteado pela recusa de Angelo, ao voltar para casa encontrá-lo na rua Albino, e nelle *puzera os olhos*.

Dous ou tres dias depois, Ursini fallou, e, sem esforço nam debate, alugou a preço ajustado, aquelle candidato a noivo!...

Albino acreditou-se alugado ou comprado não só para pretendente á mão, como para marido *conveniente* da joven, que era dotada por protector millionario.

Ursini o embalara com essa esperanza; receioso, porém, da influencia da boniteza e dos attractivos de Albino, e não querendo nem que Rosina o repellisse como noivo para a comedia, nem que se deslumbrasse a ponto de querel-o para marido, industrial ou, o, aconselhou-o de arte a demonstrar-se diante da filha abolutamente repulsiivo, por ostentação de immoralidade rudemente *epiphista*.

Albino era ainda mais vil, porém muito menos astuto do que o italiano, e os conselhos e a lição deste estavam tão de harmonia com o papel presente e futuro, que lhe corria a obrigação de representar, que, obediente e escrupuloso, protestou dosempenhá-lo conforme as instrucções que recebia.

Albino não é uma ficção, como não são ficções, em nossa irreflectida sociedade, nem Ursini, nem Rosina.

Convém applicar o ferro em braza a certas ulceras...

Na exposição semi-nua do vicio vac o ferro em braza.

VII

Albino esforçou-se por agradar sem parecer imperlimento: em vez de impôr a apreciação de seus dotes e vantagens, esperou compro poder indicar condescendencia em fazel-o, e nunca espe-

rou debalde, porque Ursini tinha interesse em recommendal-o até certo ponto.

Conhecendo mal a arte da musica, Albino possuia suave e extensa voz de tenor, e cantava de c6r algumas arias e muitos romances francezes e italianos, e assim, depois de haver discorrido o melhor que pôde sobre theatros, bailes e festas do Rio de Janeiro, urgido por Ursini, sentou-se ao piano, e, acompanhado do seu com imperfeição patente, cantou bem e expressivamente uma barcarola e o romance do *Trovador*.

Tendo-se servido e terminado o chá, Ursini, como que grajeando com o seu jovem amigo, provocou-o a fallar sobre o amor e o casamento, obrigando Joanna, Rosina e Marieta a envolverem-se na discussão das duas theses importantes para a mulher.

As senhoras fizeram apenas observações passageiras; mas Albino, animando-se pouco a pouco, expoz com vivacidade que procurou tornar interessante os seus principios que elevavam o respeito e a confiança que se devem á mulher, a alturas falsas e insanas que eram em realidade da parte do homem a péssima lancia na balança.

Albino poetisou banalmente o amor, matizando idyllas triviaes com algum fervor de apparente sentimento, e subindo e descendo logo á segunda questão, sustentou que o casamento devendo ser sempre o sublime e sagrado triumpho do amor mais perfeito, e por mais perfeito, angelicamente embebido na absoluta confiança mutua dos esposos amantes, excluía — *sine qua non* — toda idéa de ciume, porque o ciume é suspecto, e a suspeita é ultraje.

Elle não comprehendia noções do dever presidindo a vida dos esposos: o dever é obrigação, e portanto, aniquila o supremo encanto da espontaneidade; detestava a fidelidade conjugal, pelo dever e pela religião, que são inúteis, quando ha verdadeiro amor, e são oppressões e sacrificios sem elle.

O amor é a bemaventurança na vida de casados amantes; mas a confiança absoluta e cega era a condição tambem absoluta e imprescindível do amor; por consequencia, considerado assim o casamento, a fidelidade mutua dos esposos não precisa ser zelada, porque já está essencialmente garantida. no casamento o homem, que representa a força, tem por unico dever o trabalho, e os cuidados materiaes que asseguram o bem estar presente e futuro da familia; e a mulher, que representa a felicidade pela belleza, pelas graças e pelas virtudes, fóra de deveres, tem

amplo direito de brilhar, de deslumbrar, de ser admirada e invejada, para honra e gloria do marido, a quem exclusivamente ama.

O homem que se casa, não pode tomar contas do passado da noiva; as contas só se tomam antes do casamento, e este, na peor das condições, é amnistia obrigada de todos os peccados: o casamento por amor purifica; o casamento por amor faz do noivo um santo, e da noiva um anjo.

A senhora casada por amor é em corpo e alma de seu marido, que é em corpo e alma de sua mulher; o marido e a mulher dormem o somno dos justos no paraizo da confiança; mas assiste sempre á mulher, que representa a felicidade pela belleza, o direito de receber todos os cultos, e ainda os mais ardentes, prestados á sua belleza, desde que, não por dever, mas por amor de esposa, não deixar que se apague a flamma pura de sua fidelidade, o o marido erra, desmente o seu amor, e é indigno da esposa amante e fiel, se não dorme o somno dos justos no paraizo da confiança, e se ultraja o seu anjo, pondo em duvida a sua pureza conjugal pelo facto da mais ligeira duvida, que é a aniquillação da confiança sublime.

Albino transportava-se extravagantemente, considerando desse modo o casamento por amor; quando Ursula, receando vê-lo cahir de subito no extremo do ridiculo, o interrompeu a rir, dizendo-lhe, como homem pratico e experiente da vida:

— Até ahí Potrarca a fazer versos á sua Laura; mas não se dizerem poesias, nem ellas alimentam a familia: vamos ás realidades deste mundo; concedi-lhe de mais ampla liberdade de poetisar sobre o amor; no casamento, porém, ha um lado material, que é positivo e diariamente requisitador implacavel: ainda não nos fallou do dinheiro, que veste o corpo, e mata a fome do esposo santo, e da esposa anjo: que nos diz a esta malvada prosa do mundo?...

— Já o disseo, respondeu Albino: essa triste miseria da vida humana fica por conta do homem que representa a força e que pela força é de obrigação o encarregado do trabalho.

— Ah! sendo assim...

— E o deve ser, e do mesmo modo ou pela mesma razão a esposa, tendo plena confiança no marido, não se envolve, e nada tem que vêr com as fontes de recursos que elle explora, com o tempo que é preciso empregar dentro ou fóra de casa para recolher a colheita de ouro devida á sua sollicita e honrosa diligencia.

— Nesse modo, observou Marieta, as vantagens todas para a mulher.

— Não, minha senhora; não ha vantagens que não sejam para ambos; porquanto, na maior felicidade e soberania da mulher é que consiste a maior dita do marido.

— A theoria é enlevadoça.

— E toda ella se resume em poucas palavras: no casamento o amor garante a felicidade, e pelo amor a confiança mutua segura aos esposos ampla liberdade, de que não se abusará ja, mais.

— E na hypothese do abuso?... perguntou Joanna.

— E' de sobra o remorso para castigo do crime.

— Mas a dôr, o infortunio do esposo ou da esposa que é victima da infidelidade?...

— Enquanto a victima não sabe que o é, não soffre, e vive ainda feliz na ignorancia do infortunio: quando enfim descobre a traição...

— Acabe...

— Dá-me um expediente, um meio que prescreve o homem da lei fatal da morte?...

— Sem duvida que é impossivel.

— E como então nos cumpre considerar essa lei implacavel?...

— Com resignação e paciencia: é isso?...

— E', minha senhora; e não ha remedio contra o casamento infeliz, como não o ha contra a morte.

— O divorcio... a separação...

— Escandalo publico, que não lava, antes ainda mais aviva a noção. Na terrivel hypothese, quando o infiel é o marido, a esposa deve chorar em segredo, e vencer com a generosidade do perdão a inconstancia e a perfidia do ingrato: se a esposa é a delinquente, cumpre ao esposo esconder-lhe a vergonha e vigila-la para impedir novos desvios... e perjurios...

— Eis ahí a desconfiança...

— Pois se o amor necessariamente deixa de existir!... desde então o casamento se torna peso, e apenas se tolera com resignação e paciencia; mas sem o escandalo publico que degrada a mulher e não restaura a honra do marido.

Joanna, que oppuzéra leves objecções ás theorias inauditas e aos vis sophismas de Albino, teve pejo de provocal-o a annunciar principios de mal dissimulada tolerancia da corrupção da mulher casada, e calou-se para que elle se calasse.

Tambem fazia-se tarde : já eram dez horas da noite e Albino, desculpando-se por haver, encantado pela obsequiosa e amabilíssima família, ido muito além dos limites permittidos a uma primeira visita, levantou-se e despediu-se.

Ursini, embora a noite estivesse tão adeantada, acompanhou Albino, pretextando, por cerimonia, querer levá-lo á casa.

Ursini ainda tinha deante de seu irresistível vicio, pelo menos quatro horas de *lansquenet* em uma *scarrò* animadora e muito concorrida.

Joanna ao separar-se das duas jovens camaradas, reteve um momento Rosina, e disse-lhe em voz baixa :

— Acautela-te : o mancebo que acaba de deixar-nos é o noivo que teu pae te destina : juro-te que elle vale mil vezes menos que Angelo, e não passa de um miseravel sem consciencia nem coração.

Rosinha sorriu-se, e depois de haver beijado, apertou docemente a mão de sua mãe.

Rosina pensava como Joanna, relativamente a Albino.

VIII

O leito de Marieta era defronte do de Rosina, no mesmo aposento, e tão perto um do outro que as duas moças, se quizessem, podiam depois de deitadas e antes de dormir, conversar em voz baixa, e sem receio de ser ouvidas.

E' provavel que em outras noites já tivessem conversado em segredo: nunca a duas jovens que dormem no mesmo quarto faltarão confidencias que preludiam suaves sonhos; nessa noite, porém, Rosina e Marieta com certeza conversaram.

Marieta foi a primeira a fallar, pela optima razão de que Rosina não fallára desde dous minutos de silencio depois de se acharem ambas em seus leitos.

— Que te parece o teu noivo em projecto?... perguntou ella.

— Que lhe achas tu?... disse Rosina, perguntando tambem em vez de responder.

— E' um bonito rapaz, por Baccho!... como dizem teu pae e o meu.

— E além de bonito?...

— Conforme: homem de sublimes idéas, se pretendes viver vida de douda feliz: poderás ir com elle á China, tendo a se-

ganrança de o conservar convencido de que não sahio do Brasil; animal ruim, incommodo e repulivo, se tens o pensamento de viver vida solta e um pouco clausural, como a de tua mãe, neste mundo que ainda é mais carnavalesco nos trezentos e sessenta e dous dias do anno do que nos tres dias do carnaval.

— E que pensas de tudo isto, Marieta?...

— Que teu pae é um homem de juizo, se te falla, segundo crelo, com sinceridade e sem recursos mentaes, nos conselhos que te dá e no ardil que em teu proveito vas tecendo.

— Ah, Marieta!... e eu?... e Angelo?...

— Se queres, começo por ti...

— Começa por mim.

— Eu te invejo o pae que tens, e todavia julgo que sou menos pobre que tu.

— E que tem isso?...

— Ah! muito: que destino nos espera na ordem natural das cousas?... Imaginemos o melhor: casar-nos-emos com arististas pobres, loucos de ternura por nossos encantos antes e durante a lua de mel, e que depois de passada essa lua, que é o tempo do nosso imperio, exigirão que lhes engommemos as camisas, e que vamos para a cozinha preparar-lhes o jantar...

— E nossas mãos de setim branco...

— E' horrivel o pensalo!... nossas mãos callejadas e nossas faces chamuscadas...

— Com effeito... eu vejo incessantemente a vida que leva minha mãe!... entretanto, é inconcebivel! minha mãe não se queixa e parece feliz com meu pae...

— Tua mãe foi desde a infancia criada e educada assim: teu avô era um mestre de obras rude e enfesado, que não tinha idéas do mimo com que na alta sociedade tratam as senhoras: era um homem de trabalho e que exigia trabalho: tua mãe sabia ao molde de teu avô: é a honestidade com toda a asperidade de labor domestico, e tambem com um certo embotamento de espirito que a livra de sentir o lido máu e triste do seu destino.

Rosina não protestou.

— Tu, ao contrario, és intelligente, instruida, prendada, formosa; conheces bem o que vales para ser muito desgraçada, se sacrificares todos esses thesouros em um casamento de inclinação sem dinheiro.

— Talvez; disse Rosina.

— Não tens o segredo de tirar tres ou quatro vezes a sorte grande na loteria; és pobre e é só o dinheiro que chama dinheiro. Os homens acham o maior prazer em namorar-nos, o não teriam duvida alguma em seduzir-nos; mas fogem ante a idéa de casar com senhoras pobres, como se fugissem de mortella contagiosa.

— Parece,

— Quo é, pois, melhor?... condemnar toda tua vida ao serviço de criada grave do senhor teu marido, pobretão, como tu, ou muito occupado em poupar despesas para não comprar metter sua mediocre fortuna, ou comprar marido...

— Comprar?!?! perguntou Rosina, elevando um pouco a voz.

— Comprar ou escolher bom esposo com a magia da tua belleza ajudada pela magia da tua riqueza.

— Estás então nas idéas de meu pae?...

— Se estou! depois que vi, ouvi e apreciei o teu elegante, velho, pretencioso e fervoroso apaixonado, ainda mais me admiro das tuas hesitações.

— Ah! tu não hesitarias, Marieta?...

— Eu?... se pudesse, tiravate o laço: haverá sopro de fortuna mais agradável para uma joven bonita, pobre e astuta do que o amor delirante de um velho rico e mettido a seductor para nem ao menos morecer compaixão, e que tolamente abre a bolsa e paga caro a gloria de ser o ludíbrio da habilit destructa-dora?...

— Desfrutadora?...

— Sim, e sem dó, nem piedade: um velho incapaz de inspirar affeição, e, portanto, sempre importuno e ridiculo, quando namora, e revoltantemente grotesco, se pretende seduzir, deve pagar o tedio que causa e a indolencia das pretensões a peso de ouro e a zombarias e irrisões.

— E a minha reputação?

— Quem acreditará jamais que a formosa e viva Rosina é amante de um sexagenario que podia ser meu avô?...

— Acredita-se no poder da riqueza.

— Tem paciencia e appoia para os furros, e para a careta do velho no dia do desengano.

— Vingar-se-á de mim, propalando e fazendo crer que tudo lhe concedi, e que foi elle que me abandonou.

— Se fosse moço, talvez; mas naquella idade de casa arruinada com espedaques nas paredes e com pretensões do edificio habitavel e solido; nos sessenta annos e devéras apaixonado terás nelle em vez de um desprezado vingativo o mais chorão e teimoso mendigo de simples tolerancia de adorações repugnantes, ainda mesmo no meio dos escarneos mais patentes.

— Mas Ernesto é casado... é pae de familia...

— Tanto peor para elle, e tanto melhor para ti: por essa condição augmenta a inverosimilhança do teu desluzo. Eu por mim até faria ostentação da farça: appareceria em sociedades, nos theatros, em passeios publicos e isso com duas vantagens: iria realizando pingua colheita de joias e de bellos vestidos, e ao mesmo tempo confiando a todos sem excepção o segredo da farça.

— E o miseravel viria logo a sabe-lo.

— E eu lhe diria que precisava explicar assim o esplendor do meu luxo no interesse da defesa de minha reputação.

Rosina estava dentro de si admirada de rever-se na moral facil, commodissima e artificiosa da amiga, que lhe parecia, allás demasiado favoneadora das doutrinas de seu pae; mas sem motivo algum para duvidar da lealdade de Marieta, perguntou:

— E Angelo?...

— E' um poeta que faz versos só de pés quebrados: Angelo, moço como é, se me afigura ainda mais tolo do que Ernesto já velho.

— Por que?...

— Porque desertou no dia da batalha e quando mais vantajosa e segura se lhe offerencia a victoria.

— Em tudo como meu pae!... disse Rosina.

— Tu amas esse Angelo?... perguntou Marieta.

— Crelo que sim; pelo menos faze-o de conta.

— E' pena: o amor é um famoso trapalhão nos calculos da razão e nas questões de interesse.

— Embora!

— Mas eu penso que Angelo não te ama.

— Por que?...

— Fugiu-te muito depressa e muito extravagantemente.

— E' por isso mesmo que ainda me supponho amada: a subita violencia do rompimento indica erupção violenta de clumo.

— E o pretexto ou a causa real da sua despedida?...

— Só admitto o pretexto, e esse está na generosidade magnífica do seu caracter.

— Em tal caso é provavel que Angelo volte bem cedo a entregar-se prisioneiro e captivo sem restricções.

— E se não voltar?...

— Rosina, eu desconfiarla do Inverno.

— Isso é lá para as terras do norte; mas o verdadeiro amor é navio que *desnortea* nas tempestades.

— Sendo assim, as tempestades serenam.

— Portanto.. que me aconselhas?...

— Pois que amas Angelo, ou no teu caso esperava por elle alguns dias, sem que por esperalo ou para esperalo desanimasse a minha esperança de boa fortuna material á custa do meu velho protector, namorado sem ventura, e fonte de proximo futuro de chamariz de molvos.

— E se Angelo não vier?...

— Não se deixa de navegar, porque um navio dá á costa.

— Comprehando.

— Pois se é tão simples! em coração de moça solteira o vacuo é a maior das loucuras; molvo perdido, molvo substituido. Não ha Angelo desértor que valha um recruta ou voluntario que vem jurar bandeira.

— Ah, Marieta!...

— Que é?...

— Vamos dormir?...

— Tens somno ou ventade de sonhar?...

— Talvez ambas as cousas.

— Tu sonharás com Angelo, e eu sonharla com Ernesto. Boa noite!

— Sonha, pois, com elle: boa noite.

Rosina não tinha somno; mas estava cansada de ouvir a amiga reproduzir como oco fiel, senão as palavras, ao menos todas as idéas de seu pae, e começava a suspeitar que este houvesse aliciado Marieta para ajudalo a combater e destruir o amor em que elle talvez a suppunha demasiado acesa por Angelo.

A suspeita já lhe parecia bem fundada; porque Marieta, que ao receber a confiança do galanteio o das pretensões de Ernesto, limitára-se a rir muito e a zombar do velho mettido a seductor, sómente desde tres noites principiára a dar-lhe conselhos e a pronunciar-se no sentido dos projectos de Ursul, cha-

gando nesta ultima conversação a enunciar os mesmos argumentos de que elle se servira.

Rosina ou não lembrava, ou não julgava circumstancia importante o facto de ter sido na quinta e quarta noites anteriores que ella enfim occupára a attenção da amiga, confessando-lhe a triste retirada de Angelo e contando-lhe com sentimento e verdade a historia do seu amor, da qual rompia naturalmente o elogio daquella coração virgem, daquella alma poetica, senhori e bella e de suas virtudes suaves, mas profundas.

Marieta aggravou ainda mais a nascente desconfiança de Rosina; pois, sentindo que esta não dormia, poz-se a fingir que sonhava, como a amiga lh'o recommendára, e foi dizendo com voz entrecortada, e como se estivesse dormindo:

— Ernesto... bom velho... é meu namorado... que ada, reços... agora é um diadema... brilhantes... quero tudo... o velho paga... deve pagar... apertou-me o braço... dá-me uma pulseira... beijou-me o collo... que enjóo!... dá-me um collar... beijou-me os dedos... dá-me dez aneis!... namorado velho... paga... paga... e eu rio-me... rio-me...

E Marieta desatou a rir, interrompendo o sonho.

— Estás douda?... perguntou Rosina.

Marieta continuou a sonhar.

— Peor... o velho quer seduzir-me... oh!... não!... não!... é horrivel... a sedução... oh... não!...

E a filha de Mazonati parecia em ancias de tormentoso pesadello.

— Acaba com isso, Marieta! disse Rosina.

Marieta passou do pesadelo a novo rir com offensa da verosimilhança do sonho, e deixando de rir logo depois, proseguin:

— O pobre velho... quer seduzir-me... que venha... lá vem... chegou... como é feio e despresivel... abre uma bolsa... derrama ouro... abre outra e outra... quanto ouro!... velho, sae!... quero ajuntar o teu ouro... vem mais tarde... quanto ouro!... rica! rica!... ai! lá volta o velho... chega-se a mim... eu sou fada... torno-me em estatua de marmore... elle teima... eis-me transformada em leão ralvoea... elle insiste... oh!... quanto ouro!... quanto ouro!... eu volto á minha figura de donzella formosa, zombeteira, mas honrada... curvo-me... apanhel uma das moedas de ouro... aqui está ella fechada na mão...

— Já se viu donda assim!... tornou a dizer impacientada, Rosina.

Marieta continuou:

— A moeda está fechada na mão... pergunto ao velho: — cruz ou cunho?... — o velho hesita... depois brada: — cunho!... — eu abro a mão... olho... digo: — perdeu!... é cruz... — o velho esbraveja... eu vou gritando: — cruz, diabo!... — o velho foge á correr... cruz, diabo!... corre afim da mais... cruz, diabo!...

E Marieta outra vez se pôz a rir com estouvamento e impertinencia.

— Marieta! juraste não deixar-me dormir esta noite?...

— Mandaste-me sonhar com o teu velho: imagine-me Rosina e sonhei.

— Pois bem: está acabado. Pódes pensar em Ernesto quanto quizeres, contanto que me deixes o direito de conciliar o somno.

— Preferias que eu sonhasse com Angelo?...

— Não. Prefiro a tudo que não sonhes em voz alta. Já sei bastante, como pensas.

— Por consequencia...

— Boa noite.

Marieta reconheceu que estava incomodando a amiga, e respondeu:

— Perdoa-me. Boa noite.

— Não me offendeste para me pedires perdão, garrula teimososa! mas eu morro de somno e a tua garrulice não me permite dormir.

— Dorme, pois, vigilante de amor! dorme ou sonha acordada: boa noite, matreira!...

— Boa noite, innocento!...

E as duas jovens amigas se calaram, como que procurando adormecer, Rosina com uma suspeita, Marieta com inveja no coração.

Rosina peccava por desconfiar injustamente de seu pae.

Ursini não estava de intelligencia secreta com Marieta nem para favorecer seus projectos sobre Ernesto, nem para contrariar o terno sentimento que Rosina tributava a Angelo. Ursini era de todo alheio aos conselhos e ao pronunciamento da camaráda de sua filha.

Marieta peccava por inveja daquelle amor mimoso, extremamente, virginal que Rosina tinha inspirado a Angelo.

Marleta invejosa sonhava secretamente com Angelo, o procurava impellir a indiscreta Rosina para Ernesto; porque tal atropelo do dever e do recato devia privar-a, tornal-a de todo indigna do affecto pudico, delicado e angelico do joven pintor.

Custa a crer em taes invejas; são, porém, invejas feminis e muito communs entre as senhoras loureiras.

IX

Depois de mez e alguns dias mais, separaram-se enfim Rosina e Marieta na melhor intelligencia possivel.

Rosina tinha observado cautelosa o pae e a amiga, e convencida em breve de que não havia accordo algum entre elles, tóra prompta em confessar a Marieta a sua passageira suspeita, e em pedir-lhe perdão, que recebeu em um beijo.

Marleta, ainda mais invejosa, porque a suspeita indicava cuidado e zelo do amor de Angelo, modificara o systema de seus conselhos, e telmando sempre em sustentar a conveniencia de atizar a paixão de Ernesto e de abusar de sua credulidade e de sua fraqueza do ridiculo velho sensual, tomando-lhe em donativos sufficientes valores para formar um dote capaz de attraahir algum casamento vantajoso, lisonjeava o capricho ou a terna esperança de Rosina, assegurando acreditar na probabilidade do arrendimento e da volta de Angelo, e encarecendo a dita da união da amiga com elle.

No entanto Marieta, loureira, estouvada, faceira e jovial como Rosina, a lançara sem difficuldade no ardor febril do namoramento em que lhe fez optima companhia á janella; fingira-se muitas vezes deslumbrada, vendo as jolas e bellos vestidos, presentes do velho apaixonado, excitando assim as vanglorias de requestada e o gosto do luxo que deviam perder de todo a filha de Ursini.

Por ultimo, finalmente, na noite que precedeu ao dia da sua retrada, Marieta confiou a Rosina que ha muito se encontrava na casa de uma familia da amizade do seu pae com um mancebo que lho fazia a côrte, e que tambem era artista, devendo por isso naturalmente conhecer Angelo, o prometeu-lhe colher noticias desta, fazer observar seu procedimento, e, se fosse possivel, perscrutar seu coração.

E' inutil dizer que Marieta imaginara um namorado artista, que não existia; mas, principalmente por esta invenção, as duas jovens se separaram mais amigas do que nunca tinham sido.

Rosina teve e não teve saudades de Marieta: teve-as; porque sempre as deixa uma camarada alegre e confidente lionjeira; e não as teve, porque ella ha de longe servil-a muito, e porque emfim a filha de Ursini já desejava acção livre e isenta da observação de olhos estranhos: Marieta começava a estorval-a.

Evidentemente Rosina ainda não amava Angelo; o pendor inopinado e forte que a obrigava a desejar-o era capricho de donzella ou de senhora desdenhada.

Não o amava, não; porque ella ainda tinha febre de loureira para procurar o gozo futil de ser namorada por outros, e ainda mais porque Inconsiderada e pueril lembrava doida os comicos aballos e divertidas ecomas de jogo de affectos violentos com o velho de quem zombava, embora sacrificando sua reputação de honesta; e friamente cubilosa, abatida, interesseira pela sêdo do brilhantismo e de luxo, reflectia desconsolada que desde um mez não apresentara um vestido novo, nem em seu cofre de joias brillhava um esmêmo recente.

A reflexão era indecrosa, baixa, aviltante; mas era natural: Ursini tinha já acostumado a filha á magia e á cubija das sêdas, dos diamantes, das perolas e das esmeraldas.

Na imaginação de uma mulher desvanecida os velludos, as sedas, as pedrarias fulgurantes, quando se ostentam, fazem inchar e radiar o orgulho, e quando se cubijam e se imaginam, causam vertigens.

E Ernesto soubera vingar-se bêm de um mez e alguns dias da importuna presença de Marieta; pois que em tão longo periodo apenas presenteara o affilhado e se esquecera de Rosina.

A penitencia fôra sentida pela filha de Ursini.

Rosina muito olvidada por Angelo que talvez pudesse tel-a arrancado das escarpas do precipicio da corrupção, chamava, apesar seu, á sua memoria Ernesto, cuja riqueza lhe proporcionava ostentação de preciosos enfeites, e cujo amor delirante e cêgo podia ser tão facil e tão fecundamente aproveitado.

A filha de Ursini, avisada em vão pela consciencia, e em vão concitada pelo capricho ou pela nascente affeição a Angelo, avançava portanto pelo caminho escabroso e arriscado que seu pae abria a seus passos.

Tão voluvel e inconsequente em idéas e sentimentos continuava sempre a mostrar-se que, tendo Albino voltado já duas vezes á casa de Ursini, Rosina, embora não o animasse com aquelle agradecido solicito que autorisa as primeiras declarações de um protendente, não o distanciava bastante com a frieza glacial, que apenas

deveria disfarçar por cortezia o profundo desprezo merecido por semelhante homem, que a ultrajava com o simples intento de chegar até ella.

Rosina violentava-se para tolerar a presença de Albino; mas arrecelava-se de contrariar absolutamente a escolha do cumplice feita por seu pae, até porque duvidava que fosse facil encontrar algum outro que tão prompta e ostentadamente se prestasse a tão fria e indigna submissão.

A filha de Ursini hesitava; mas pela propria hesitação ia sempre descendo, e pensando ora em Angelo, ora na riqueza, e no ardimento doneador de Ernesto, ora na condescendencia ignobil de Albino, sophismava consigo mesma, exaggerando as seguranças do seu supremo direito de enxotar a um tempo e opportunamente de seus pés e de seu lado o velho seductor tão ridiculo e insensato, e o moço noivo sem brilo, e tão desprezível e infame.

Assim pois, o livre de Marieta, Rosina esperou desejosa que Ernesto se apressasse a vir fervorosamente render-lhe cultos logo no mesmo dia da retrada da amiga importuna, e tanto mais que o velho, resentido e queixoso da importunação que lhe parecera systematica, deixara de apparecer nas tres ultimas tardes.

Mas Ernesto fez-se esporar em vão: ou em seu animo luzira a primeira desconfiança de estar sendo ludibriado, ou a sua colera e o seu pique não se desfogaram facilmente: o certo é que uma semana passou sem que elle apparecesse na officina de Ursini, ou subisse ao sobradinho.

Rosina impacientava-se: Ernesto era como a sua modista e o seu joalheiro gratuitos, e, além disso, não era supportavel a idéa de que fosse o ridiculo velho quem marcasse com o seu mal-querer, ou com o seu arrefecimento o fim da intriga amorosa.

Por pouco tempo mais que Ernesto mantivesse o seu proposito de esquivar-se a ir á casa de Ursini, era provavel que pae e filha o fossem procurar e render-se aos seus cofres de ouro.

O famoso seductor, porém, perdera a sagacidade paciente; a veihice tem fraquezas moraes que são logicas na fraqueza physica, e instinctivamente pressa, empenho de aproveitar o tempo; porque tudo lhe annuncia abatimento, quêda, e quêda enfim, de que ninguém se levanta.

Ernesto, o rico pobre velho, era velho sensual e apalxonado por uma formosa moça de vinte annos, pela mais bella mulher-tentação, que o transportava, e allucinava, mostrando abraçar-se por elle no amor mais ardente, e apenas contendo-se defendida por despertos

e assomos de pejo, que cada dia mais gasto e fraco apenas demorava a victoria infalivel da seducção.

O velho teimara demaia, teimando oito dias: vivera oito dias em penar de saudades e em fogo de desejos: não desconfiara de desamor e do abuso lucifroso: o velho namorado nunca desconfia de escarneo e de fingimento interesseiro da mulher joven, a quem ama, o que diz amal-o; porque não quer expor-se a desconfiança do seu demerito por velhice. O velho namorado, ou mettido a seductor é a credulidade tola elevada á mania, é pobre doente, e quem sabe?... é talvez um infeliz que em promatura caducidade se entrega ás zombarias das moças, que o castigam, como ridiculo, quando sómento deviam poupal-o, e compadecer-se da sua decrepidez manifestada embora incompleta e obscuramente em ternezas mal cabidas nelle.

Ernesto contava sessenta annos; mas era robusto, elegante, e nessa idade avançada podia explicar as suas serodias protenções de seductor com os costumes de sua mocidade, e com a consciencia do poder da sua riqueza; mas acreditando que inspirara amor á bella o loureira Rosina, não denunciava essa credulidade tola elevada á mania, essa doença que ataca os velhos sensuaes e os torna lamentavelmente ridiculos?...

Elle deixára de apparecer na casa de Ursini durante oito dias, e fechara por mais de um mez o cofre de seus vallosos presentes de vestidos e de joias por habil maneja de seducção, cujas vantagens em melhores tempos experimentara; velho, porém, como já era, não pôdo esperar.

Isto é apenas nota de um facto: não é lição que corrija a mania namorante ou seductora de bellas jovens, que assignala o começo da caducidade, ou ao menos a mais triste fraqueza moral dos velhos sensuaes.

Entretanto, Rosina estava alvoreçada e vivamente compellida pela indignação, pelo capricho e pela sdo de dons e presentes alimentadores da faccricice e do luxo, quando Ursini, que desde alguns dias não cessava de coçar a cabeça, appareceu-lhe enfim radioso ao subir ao sobrado para jantar, e de passagem murmurou-lhe ao ouvido:

— Elle volta... vom hoje.

Rosina sorriu-se, e sem responder; ao pae, disse entre si, falando consigo mesma:

— Que venha!... hei de viugur-me.

X

A vingança de Rosina foi digna de joven namoradaira, que em pouco tinha o decoro, e que ainda em menos a circumspecção.

A louca jurára a si mesma, á magia dos seus encantos, ás vanglorias da sua vaidade, enlouquecer Ernesto.

A louca queria contagiar loucura.

Era facil o contagio passado pela mais linda estouvada a mais allucinado velho.

Resina adrestou-se como o paladino antigo, para o combate. Escolheu um simples vestido de mousseline côr de rosa, da duas salas, cercado e carregado dos enfeites á móda; mas cujo corpinho lhe desenhava completamente o tronco, o que era sempre objecto de seu vivo cuidado de moça que se sabia muito bem feita; cobriu com a mais fina camisinha o peito, que transparecia formoso e alvejante, como gostava de mostral-o, e não escondeu as anquinhas que agravavam a riqueza de suas fórmas com a voluptuosidade que o movimento emprestava; vestiu-se e adorou, não se emfim, calculando antes como mulher sensual do que como donzella faceira.

Quando entrou na sala trazia nas mãos a calxinha forrada de setim, onde se uchava o adereço de perolas com que ella ainda e de proposito não se havia ornado.

Rosina depositou a calxinha sobre o piano e esperou. A certeza da volta de Ernesto apaziguára seus temores e inflammára em seu extravagante e inquieto animo o mais ardente desejo de transportar, desatinar, aturdir, pôr em phrenesi o misero velho, pretendente a seductor, tornar-lhe o sangue em fogo e tortural-o sem piedade com as suas fingidas chammãs, e rindo dentro de si com o favor e a segurança de sua enregolada indifferença e illimitado desamor.

O fingimento de Rosina devia ser como a fogueira da Inquisição a queimar horriavelmente a victima, além diseo obrigada, ou excitada pelos algozes, a agradecer a dolorosa graça do martyrio.

Na profanação de sua propria pudicicia, Rosina se propunha em desordenado estouvamento, e com a mais condemnavel malicia, a divertir-se e a provocar donativos Interessellos, indo miff ao desafio da lascivia, que devia levar Ernesto á insanía e fa-zel-o, convicto de proximo triumpho seu, derramar flôres de ouzo sobre a amante rendida e já tocando no altar do sacrificio.

A menina demorou-se sentá-la, como de costume, no banco do piano, e sorria-se bella e insolentemente ameaçadora, quando sentiu os passos de Ernesto, que subia a escada.

A refalsada contrahiu os labios, deixou de sorrir, e mascarou-se de enfadada solidade.

O elegante sexagenario achou-a com os braços cruzados sobre o peito, de modo a deixar que se projectassem entoados, e se adivinhassem fontes de doçicas dous botões de magnolia sem o calix verde.

— Não pude mais! disse Ernesto, aproximando-se.

— Eu o esperava; respondeu Rosina sem offerecer-lhe a mão; mas apontando para uma cadeira que estava perto do banco do piano.

— Rosina, eu estava mal contigo; tornou-lhe Ernesto sentando-se.

— Mal commigo!... eu o esperava sem desejarlo, pôde crê-lo!... a hypothese do immenso favor da sua absoluta e perpetua retirada da casa de meus paes era um sonho vão de generosidade de homem honesto e do perdão de Deus, com que eu nunca cheguei a contar; porque descreio da sua generosidade de homem honesto, e sei que não mereço a protecção do céo.

— Rosina!

— Eu esperava o seductor! Tinha a certeza de que elle havia de voltar; porque sabia demais que elle calcula com a violencia criminosa e inconfessavel do amor mais desgraçado, para vir martyrisar-me com a sua presenca e a sua voz, e as suas fallas insidiosas, depois de me haver calculadamente trucidado o coração com a sua ausencia de um seculo!

— Oh!... o martyrisado fui ou!... nem sabes! queres que t'o diga?...

— Não! eu sei o que podem e sabem dizer os seductores. Eu o esperava; tinha a certeza de que o senhor voltaria em breve, em tres dias, hontem, hoje ou amanhã; tinha a certeza; tinha-a; quer a prova?... alli a tem sobre o piano.

E Rosina mostrou a calxinha forrada de cotim verde.

— Criança desconfiada!... formosa e pura donzella!... disse Ernesto, que se embriagava de amor e de esperanças, ou vindo as doces recriminações da colérica e linda Rosina.

— Eu lhe tinha declarado, continuou a digna filha de Ursini, que não me abalxaria mais a receber presentes seus, a receber presentes de um homem casado que, por casado, não pôde pretender a minha mão, e que, apesar de casado, ousa amar-me,

telma em fazer-se amar e amotina a minha fraca razão de moça sensível; e que fez o senhor?... abusou da cegueira de meu pobre pai; impoz-me um novo e custoso presente que eu não posso rejeitar por meu pai!... diga: isto é nobre?... é de cavalheiro?...

Ernesto respondeu docemente:

— Rosina! eu t'o confesso: fui eu, sim, fui eu que induzi teu pai a dar-te em seu nome esse pobre collar de perolas... desobedei-te... mas, por que te revoltas assim contra o innocente ardil do mais indomito amor?...

— O seu amor?... oh!... dizem que antigamente ornava-se as victimas que se conduziam ao altar do sacrificio, e o seu amor me adereça com brillantes e perolas, me enfolta com os mais lindos vestidos, para que?... não é meu pai, nem meu irmão, não pôde ser meu marido.

— Mas adoro-te!...

Rosina ia subindo rapida na escala da exaltação.

— Adorar-me?... e com que fim?... não é claro que essas joias, que esses vestidos são ultrajes, trazem horrivel insulto a intenção, com que são dados?...

— Socéga... quero explicar-me... quero tranquillisar-te; disse Ernesto.

A comica namorada exaltou-se ainda mais.

— E essa ausencia de tantos dias não foi manifesto recurso da seducção, para explorar minha fraqueza e a mais insensata afflicção, para exasperar-me, para endoidecer-me a ponto de...

Rosina não pôde acabar a phrase; mas levantando-se, com os olhos e as faces em fogo, resplandecente de ira, de indignação, e talvez de um terno sentimento em transportado delirio, curvou-se ameaçadora e terrivel para Ernesto, dobrando-se um pouco pela cintura, de modo a approximar bastante do rosto e das vistas do velho apaixonado, seu peito que transparecia, e seu seio palpitante de tempestuosa commoção, e enquanto assim *contagiava a loucura*, ella, convulsa, e com os dentes cerrados, perguntou:

— Que quer de mim o senhor?...

Ernesto começava a não saber de si: vinha seduzir e se perdia seduzido. Tremulo tambem, e todo possesso do formoso demónio, mal pôde responder:

— Quero sómente a tua felicidade!...

Rosina deixou-se cair sentada no banco do piano, ficou por momentos muda, e logo de improviso abysmou-se em lagrimas.

Ninguem sabia chorar como ella.

O elegante velho tomou entre as suas as mãos que a dór e o pranto lhe abandonaram sem resistencia, beijou-a com ternura, e disse :

— Não chores, anjo de pureza !... sê razoavel e juve.me. Se soffres por amar.me um pouco, pensa e lamenta o horror dos meus tormentos, pois que te amo, como nunca se amou no mundo, e em respeito á honra de teu nome e de tua virtude me sacrifico e me desgraço !...

Rosina, sentindo que esgotára a fonte de suas lagrimas artificiaes, fez um esforço patente, libertou suas mãos, cobriu com ellas os olhos e soluçou sem chorar.

Os velhos têm a vista cansada e gastu. Ernesto não viu o fingimento soluçante de Rosina, a divertir.se e a desoriental.o.

— Morro de amor por tí; mas não te quereria jámais no doada por mim... não!... não!... és o meu anjo... nunca te aviltaria sacriflego!... deixar, porém, de amar-te, não!... tambem não!... oh! se tivesses um cão amigo e fiel, intelligente defensor, escravo ufanoso, lhe negarias a gloria de debruçar.se a teus pés?... é tudo quanto te peço, é tudo!... só te peço a gloria de ser o teu cão amigo fiel, com o direito de algumas vezes debruçar.me a teus pés... e beijal.os !...

Rosina ainda soluçava com intermittencias longas; ainda escondia o rosto; mas já duas vezes tinha suspirado.

O seductor continuou, dizendo :

— Ouves.me?... oh, bella Rosina !... ajuda.me a construir o monumento do teu futuro; eu preciso da tua condescendencia para, tornando.me desgraçado, fazer.te bom feliz!... ouves.me?... juro que respeitarei tua innocencia, é esse o meu orgulho no mais cruel sacrificio!... quero.te rica, deslumbrante, rainha dos balles, centro de todas as admirações e de todos os cultos nos theatros, invejada por todas e pelas mais afamadas bellezas, quero.te maravilhosu pela maravilha de tua formosura, soberba pela riqueza dos vestidos, rutilante pelo brilhantismo das joias e do luxo, e celeste pela pureza do tuas acções; quero.te assim; porque ven.do.te assim pelo meu amor desgraçado, mas sublime, terel mi.nha consolação nos triumphos de tua omnipotente belleza !

Rosina deixou cahir indolentemente as mãos no collo, e com amorosa e melancolic expressão nos olhos abatidos, murmurou, suspirando tristemente:

— E o mundo?...

— Que te importa o mundo que irá ajoelhar-se diante de ti?...

— O mundo?... esse infame calumniador já diz que sou... sua amante.

Ernesto, vendo a cólera prestes a accender-se de novo no animo da donzella, apressou-se a responder:

— Já me submetti ao extremo expediente que despedaçará a calumnia na bocca perversa do mundo aleivoso.

— E como?...

— Casar-te-ás, minha Rosina!...

A ardilosa e artista donzella fez um movimento de repugnancia.

— Oh, não!... disse ella.

E abaixando e modulando ternamente a voz, accrescentou:

— Eu quero viver e morrer solteira.

O pobre velho rico quasi que chorou de gratidão e de sensibilidade ineffavel.

— Não, meu anjo encantador, não... é indispensavel que te sujeites a accitar um noivo, como eu me sujeito a consentir em que o tenhas, mas dotando-te para que o tenhas sem oppressão de senhor, e eu sem opposição e sem odio do inimigo.

— Ah?... mas eu não comprehendo bem!!!... não amo homem algum que possa ser meu noivo; como hei de casar-me?...

Ernesto embriagava-se com essas expansões francas, embora talvez involuntarias, expansões ingenuas, innocentes e candidas da donzella, que o amava tanto.

Pobre velho como todos os velhos no seu caso!...

Ernesto guardou a lembrança do lisonjeiro e suavissimo projecto que lhe augmentava as esperanças da seducção e disse:

— Minha bella Rosina, eu te prometti e te darei um noivo; já o tens, conforme me informas; mas, confesso-te, que modifiquei ou alterei essencialmente um dos meus compromissos.

— Qual?...

— Eu te garanti um noivo á tua escolha; oh, minha Rosina!... é mais!... é muito!... eu te peço de joelhos, que o noivo seja escolhido por mim...

— Por que?...

— Rosina!... Rosina!... perdoa-me!... mas eu não quero que te cases por amor!...

Ernesto acabava de fallar com verdadeiro e profundo sentimento.

Rosina o reconheceu; mas vaidosa e cruel, querendo demorar e fruir aquelle profundo padecer que era sua vangloria, repetiu:

— Por que?...

— Oh!... e o perguntas!... não vês, como te amo?...

A loureira fez-se mais triste ainda, e cerrando um pouco os olhos, suspirou e disse:

— Se fosses solteiro, Ernesto!...

O velho refreava a custo os mais impetuosos assanhos, temendo espantar com elles a donzella, que nessa tarde se mostrava tão suspirosa e pavida.

— Sejamos razoáveis; disse elle: deixa-me fallar-te: escuta-me.

Rosina abaixou os olhos e com as mãos ora cahidas no collo, ora a acudir o bello selo offegante, pareceu absorta e pezarosa.

O seductor fallou:

— Pois que a minha extrema desdita me obriga a tolerar que te cases com outro, eu te peço que accettes o noivo já escolhido por mim...

— E quem é elle?...

— O que te foi apresentado por teu pae, Albino.

— Um homem vil... eu apenas o honro com o meu tedio...

— Por isso mesmo, bella Rosina!...

— Oh!...

— Albino será mais teu escravo do que teu marido; tu ficarás perfeitamente rehabilitada pelo casamento, rica pelo dote que receberás...

A seducção transparecia franca.

Rosina teve obrigação de sublevar-se; encarou Ernesto o perguntou:

— Para que eu seja depois de casada o que?...

— Para que ainda então eu possa amar-te, como até hoje... gozando o teu amor nas poesias de tua alma, e na suave contemplação da tua belleza!...

— Sempre o idyllo!... sem o inverosimil!...

— Barbara incrível!... não comprehendes os milagres e os gozos angellicos de sublime affecto cheto de pureza?... sim, eu

— quero minha amante, mas minha amante só na alma! dizes que amas-me, e eu quero, ou exijo de ti o sacrificio de não amar outro homem!

— Rosina marmurou:

— Esse sacrificio... é facil...

— Casa-te póla embora... paciencia!... mam não ames teu marido: ah!... conserva-me fiel esse coração, conserva-me só minha essa alma!.. e deixa-me uma consolação e doce gloria: deixa-me desinteressado ufanar-me dos triumphos da tua formosura mais resplendente pela riqueza: deixa-me encher de diademas tua fronte, de brilhantes e perolas o teu collo!... deixa-me fazer-te rutilar na opulencia, planeta magnifico!... se quizeses, ou te amares, e tudo isso farei de longe; ao menos, porém, na sublime santidade do meu amor, ao ver-te resplendendo, ou direi commigo mesmo: — reesplende por mim!...

— Ernesto!... exclamou Rosina commovida.

O seductor continuou:

— E se algum dia eu tentar... offender-te... mentir ao puro eu-lévô deste amor innocente... ah!... repulsa-me como ao máis perverso dos homens...

— Ernesto!... adoras-me assim?... perguntou a filha de Ursini com indizível embriagamento.

— E tu?... e tu, Rosina?...

— Eu?...

A temível e endemoninhada namorada derramou mil lagrimas em um olhar que inundou de influxo delictoso o velho, e disse logo e no meio desse olhar:

— Decide da minha vida; resolve o meu destino, respeitando minha honra.

Ernesto apertou-lhe as mãos, beijou-as com fervor que desmentia a santidade dos seus ostentosos protestos de pureza, e passados breves momentos de agitada commoção, tornou, dizendo:

— Casarás com Albino; assim se faz preciso...

Rosina abaixou a cabeça, cruzou as mãos no collo e respondeu com accento repassado de dôr:

— Ernesto!... por compaixão!... esse homem me inspira horror!

O seductor enterneceu-se:

— E' uma contrariedade... mas... se absolutamente o exiges... eu me obrigo a procurar-te outro noivo... estás contenta?...

— Não; tornou a moça no mesmo tom: não... o outro... qualquer que fosse... seria o mesmo...

— Rosina?... disseste que ou resolveria o teu destino... e agora...

A donzella respondeu em voz gemebunda, e como se exhalasse um gemido de angustia:

— E' que eu te amo... Ernesto...

O velho vacillou... quasi que se lançava aos pés de Rosina a cobri-los de beijos, e a atralçoar os seus já tão atralçados membros lascivos: dominando-se ainda, porém, disse tremulo e atarrantado:

— Em nome do nosso amor... eu quero que te cases...

— Casar-me-ei; murmurou Rosina.

— Com Albino?...

— Que me importa?...

Ernesto bohia gotta a gotta o veneno que a namoradaira lhe Jerramava no coração.

Enternecido é animado, mas contendo-se muito nessa tarde para começar a fazer acreditar no respeito e no amor todo espiritual, que assegurava, limitou-se a apoderar-se de uma das mãos da donzella e acarinhando-a com doce aperto, continuou a tecer os laços da seducção.

— Sei que em breve completarás dezoito annos: desejo preparar do antomão o presente que te farei no dia da tua festa. Está á venda um modesto *chalet* que, se te agradar, sorá teu. Amanhã á tarde irás com teu pae ver o *chalet*. Eu estarei lá.

Rosina protestou, porque era indispensavel que o fizesse.

— Não, Ernesto: é presente avultado de mais para que eu o aceite. Peço-te que me des um lenço... enxugarei nelle minhas lagrimas.

O velho seductor levou a seu peito a mão de Rosina, e tornou-lhe:

— Mereço tão pouco de ti que me rejeites uma lembrança de amor?... queres que me ajoelhe para rogar-te que vás amanhã com teu pae?... não ha mal em ver o *chalet*... depois decidirá... vai!... eu estarei lá.

— Irei! balbucou a loureira.

— Obrigado! exclamou Ernesto, beijando-lhe a mão. Attende mais, angelica menina!! logo depois do dia de teus annos marcamos o da minha forçada e misera abnegação, o dia do teu casamento e...

Rosina presentiu que o seductor ia humilha-la, procurando dehumbral-a com as proproções do dote que lhe destinava, e sa-

bendo que devia contar com este sem precisar abater-se, descendo a assumpto demasiado aviltante, retirou a mão que Ernesto lhe tomára e apertava, e disse com fogo que foi crescendo:

— Casamento! o meu?... que tenho eu com isso?... oh! a desgraçada escrava se submette ao captivo horrível; não lhe fallem porém delle!... é crueldade demais.

— Minha Rosina!

— Casar-me-ei!... não posso ser tua, Ernesto; que me importa de quem vou ser, o quando tenho de casar-me!

O coração do velho palpitava ancioso e desordenado em torturas de paixão e lascívia abafadas a esforços incríveis.

A namorada proseguiu, dardejando dos olhos flammas, e dando á voz todas as modulações, ora harmonicas, ora desharmonicas, do sentimento transportado e delirante:

— Cumpra-se o meu destino!... casar-me-ei!... com Albi-
no... sim! é melhor que seja com elle!... casada, eu o detestarei
mais do que hoje!... ainda que me mate, detestal-o-ei e lhe darei
a vida do detestado!...

Ernesto convulsava.

Rosina levantou-se, olhou para o velho com indizível expressão de furor e raiva.

— Ernesto!... imaginaste um amor, dois amores, duas vidas,
dois futuros absurdos, impossíveis; abusaste da minha paixão
desorientada para me acorrentares a esse pacto artificial e talvez
funesto; pois bem!... eis-me acorrentada; mas ah!... tremo,
se me enganas!...

— Oh! não, não!

— Suicido-me por tí?... casar-me-ei!... tu, porém, has de
amar-me casada sempre, a mim só, como me tens amado solteira!
... é pelo teu amor que me condemno ao supplicio que me
impões!... quero pois o teu amor sempre, sempre!

— Sim!... sim, bella Rosina!...

— Mas, vê bem, Ernesto!... o amor de que eu te fallo, é o
da alma, é o do céu, é o dos anjos, pois que não nos podemos
casar na terra; é o amor que sonhaste, é o impossível que eu te-
mo, é o milagre que eu exijo. Ernesto! juras que respeitáras sem-
pre minha pureza?...

— Juro! juro!...

— Amar-me-ás sempre santa e honestamente, como até
agora?...

— Sempre!

— Não abusarás nunca da minha fraqueza e dos impetos de minha paixão?...

— Nunca!

— Ernesto!...

— Juro-o.

— E se eu te experimentasse?...

— Juro-o.

— Pondo as mãos sobre um altar?...

— Sim.

O bello e petulante demónio levou as mãos á camisinha, arrancou-a, e mostrando nã o peito nivejante e formoso, onde nem de leve se desenhavam as clavículas, disse com arrobatamento, que excluiu o pudor:

— Põe as mãos e jura.

O peito era o altar.

O descomedido e impudico arrojo só se explicaria por delirio de amor, e, todavia, era apenas frio e calculado embuste de namoradaira empenhada em aniquillar de todo a razão titubeante do velho apaixonado e rico.

Mas os olhos de Rosina estavam nadando em fogo.

Ernesto, o seductor seduzido, abrazado, quase rompendo em lavas do vulcão da sensualidade, curvou-se approximando o rosto para approximar os labios do altar offerecido...

— Perjuro!... observou Rosina, recuando um passo.

O velho martyr obedeceu, e estendendo os braços tocou com os dedos, que tromiam em viva convulsão, naquella peito destumbrante, e murmurou sem consciencia:

— Juro.

— Agora creio: disse Rosina.

E ainda cruelmente embusteira e incondiarla, accrescentou logo ternamente:

— Oh! como eu te amo, Ernesto!

E sentando-se de novo no banco do piano, repetiu o estribilho das suas expansões de mentiroso sonho de imaginação.

— Por que não és solteiro?!... por que?...

O seductor sem duvida confiava muito em algum expediente já promeditado para encadear com desmesurado esforço os saanhos de sua voluptuosa paixão assim excitada; mas, agitado, anhelante, e como em desabrída tormenta do coração e dos sentidos, afastou-se de duas passos de Rosina, e passava ao longo da sala, procurando

do socegar, e cada vez atordoando-se mais, porque não podia desprender os olhos do rosto formoso e então melancólico e enternecido da rafalsada tentadora.

Rosina não teve piedade do seu martyr: havia determinado endoidecê-lo de todo nessa tarde, e para conseguí-lo ainda mais do que bastava ao ludíbrio insensato, e á cubiça de bellos mimos, nem poupou o seu proprio pudor de donzella, pois que o devia ter.

— Ernesto! disse ella, dando á voz doçura infernalmente delictosa.

O seductor martyr estremeceu e parou:

— Que queres?... perguntou.

— Peço-te uma fineza...

— Dize!

— Vem prender ao meu pescoco aquelle collar de perolas.

A namoradaira infrene não tinha tornado a cobrir o peito com a camisinha que pouco antes arrancara dello...

E o velho, o pobre velho, correu transportado á caixinha que estava sobre o piano, e logo depois em pé, e por detrás do banco onde a joven se achava sentada, lançou o adereço em torno do bello pescoco e fez por acolchetar o cordão de perolas.

Mas a cabeça de Ernesto dominava o tronco, e seus olhos se perdiam no peito de Rosina que offegando anciosa e impudica, empurrava em intermittente e consecutiva aspiração penosa a gola do corpinho do seu vestido, deixando entrever incompletamente, porém demais, o que o recato nunca de mais esconde.

As mãos de Ernesto tremiam e quase sem o soccorro dos olhos conseguiram por fim prender o adereço: e, todavia, elle ficou na posição em que estava, embragado de voluptuosidade.

— Ainda não acolchetaste o collar?... perguntou a seductora, simulando reparo.

— Deixa-me assim alguns momentos ainda!... disse Ernesto com a voz fortemente abalada, pousando de leve a bôca nos cabellos, e abysmando os olhos no seio maravilhoso da Rosina.

— Ernesto! não sabes acolchetar um adereço?... perguntou poucos momentos depois a estouvada e abusiva namoradaira.

— Espera... espera... alguns momentos só!...

E o seductor seduzido, o pobre velho presumido e ludibriado, sem pensar no que fazia, ou em impulso de instincto que o levava a empregar suas armas de seducção as mais poderosas, levou tre-

mento e insano as mãos ao peito da camisa, tirou dali um botão, acolltarlo brilhante de alto quilate e grande valor, e elevando e estendendo o braço direito sobre a cabeça que dominava, marcou com os olhos abysmados o alvo, esperou a aspiração intermittente, que abria espaço entre o peito e o corpinho do vestido de Rosina, e no passageiro e opportuno ensejo, largou dos dedos o brilhante que foi certohe cair no seio da donzella immodesta.

— Ah! exclamou ella, levando as mãos ao peito.

— Não te ferí, tranquillisa-te; disse Ernesto que acabava de peder a posição lasciva, tendo-a pago bem caro.

Rosina adivinhara logo que especie de setta de amor lho cabira entre os seios.

— Forir-me?... respondeu maviosa; ah!... a quanto tempo me feriste mortalmente... aqui!...

E apontou para o coração; acrescentando porém logo:

— Mas... tu és desasistado, Ernesto!... sim... tu abusas e me offendes... foi um insulto!

— Rosina!...

E o seductor ia dizer talvez, na desordem de idéas em que se achava perdido, alguma banalidade gasta, ou peor, alguma contradicção com os seus protestos de respeito agrado á virtude da donzella que intentava conquistar.

Mas a supposta victima acudiu de prompto ao supposto algoz. Pobre velho!...

Rosina cortou-lhe a palavra, pondo-lhe nos labios a rosea palma de sun assetinada mão de princeza.

— Não falles... não te desculpes... me é doce perdoar-te... porque a offensa foi de amor... e eu amo-te!...

— Rosina!... Rosina!... Rosina!... exclamou Ernesto em erupção involuntaria e ameaçadora de phreneticas lavas...

A loureira sentiu que a cratera ia vomitar violentas labaredas, e levantando-se do banco do plano, indiciando-se vacillante, medrosa, incendiada de paixão sensual, prestes a succumbir assombreada do perigo, quase a render-se á discreção do vencedor, e a fugir-lhe desejea, mas consternada, subjugada e só implorante de compaixão, doída a entregar-se por amor doído, e a esquivar-se por natural e fraca e ultima resistencia ephemera de confusões de pudor, ella, Rosina, que artificialmente simulava tudo isso, mm que

experimentasse commoção alguma nos segredos de sua alma, fingiu têmer a influencia de Ernesto que tão junto della ameaçava, e arredou-se apavorada, e foi vergenhosa e perturbada sentar-se no sophá, onde escondeu o rosto, que lhe atraiçava o falso rendimento do coração, nas mãos tão pequeninas para cobrir tão grande opprobrio.

Rosina sabia que estava absolutamente defendida pelas condições do logar e da hora: podia ali e então fingir todas as fraquezas sem receio de abuso do presumido triumphador.

Ernesto a tinha seguido de perto, dizendo-lhe:

— Por que me foges, Rosina?...

— Juraste respeitar-me, Ernesto! responde ella, como a pedir socorro generoso para sua propria fraqueza.

O seductor, embora todo em chamma, comprehendia tambem que era impossivel naquella sala o crime que elle reputava abuso tolerado pela sociedade, e não querendo sobrosaltar com seus transportes lascivos a donzella, para cuja profanação tinha já premeditado e disposto sitio adequado, chegou-se a seu lado no sofá, perguntou-lhe outra vez com o mais vivo abalo, e com tanto interesse que sem o querer denunciava occultos designios:

— Rosina!... irás com teu pae amanhã ver o *chalet*?...

— Sim... sim... disse a filha de Ursini, cobrindo atarantada o peito com a camisinha de que o havia despojado.

QUARTA PARTE

I

Propício almoçava sózinho e de má catadura no dia em que Ursini e Rosina tinham de ir á tarde examinar o *chalet*; mas dessa vez a preguiça do dormilão fôra intencional: queria fallar á irmã sem testemunhas.

O calaceiro e vicioso mancebo tinha completamente esquecido o motivo da briga que tivera no bilhar com Luiz Alberto, e nem mais pensára em Rosina e no commendador Ernesto; na ultima noite, porém, um dos seus amigos lhe dissera que Albino frequentava a casa de seu cunhado, e que transpirava na vizinhança o projecto de casamento de seu vil ganhador com sua sobrinha.

Propício conhecia Albino, arrepiou-se, ouvindo semelhante notícia, e resolveu pôr-se ao facto de tudo, adivinhando algum grande escandalo; porque não admittia que sem elle, Ursini quizesse entregar a filha a homem tão indigno.

Era por essa razão que Propício estava almoçando pensativo e sombrio.

Joanna o servia solícita.

A ama de Ernestinho sentada no chão e a pouca distancia embalava a criança.

Quando acabou de almoçar, Propício disse á irmã:

— Preciso fallar-te: manda a negra com o menino para a janella.

A ama não esperou pela ordem: levantou-se o levando a criança nos braços, foi para a sala.

— Que temos? perguntou Joanna.

— Temos que reina aqui em casa pouca vergonha escandalosa.

— Propício!

— Em primeiro lugar o teu compadre Ernesto ou é o mais estúpido dos velhos ricos, ou é amante feliz de minha sobrinha.

— Posso jurar-te pela salvação da minha alma que não é seu amante; disse Joanna com ardor.

— Mas pelo menos parece-o, e para o respeitavel publico parecer é sel-o.

A pobre mãe não respondeu; fez, porém, um movimento de impaciencia.

— Além disso, continuou Propício, contaram-me hontem certa historia de casamento de Rosina com o maior patife que ha na cidade do Rio de Janeiro, com um famoso Albino...

— Não; Rosina o detesta...

— Mas o sabujo acha aberta a porta da casa! sabes o que anda ahí?... é opprobrio de Rosina e transacção infame entre Ernesto, Albino... e... teu marido.

— Estás doido?...

— Nunca fui tão ajudado, e a prova é que vou tomar providencias:

— Quem governa aqui é Ursini.

— Mas visto que elle desgoverna, ou assumo a dictadura. Ernesto ha de sair desta casa a pontapé, e Albino idem com quatro taponas para melhor quinhão.

— Propício!... não o farás...

Joanna tinha medo, porque sabia que o irmão era violento, desordeiro, indomável e capaz de todos os excessos, desde que se encolerizava ou se suppunha ultrajado.

Propício torceu os bigodes e disse :

— Favas contadas: hei de pô-los na rua e vê lá que a bisca de teu marido não caia em metter-se no meio do rolo; porque eu quando brigar não reparo: ninguém te mandou fazer-me tia de sobrinha; era melhor não teres tido filha...

— Sim... era melhor...

— Confessaste! claro como meu dia sem chuva! ou não nruo desaferos, e muito menos de aristocratas.

— Não me entendeste, Propício! enganaste-te: o que ha á apenas uma triste meada, que não podes bem comprehender...

— Sim! em tal caso luz de gaz na noite escura... ou deslinda a meada, ou leva tudo o diabo!

— Propício! meu irmão...

— Faca ou dente! sim... pôde ser que a faca deva entrar no rolo; e eu a tenho... tenho-a!...

— E o furioso valentão tirou do bolso... abriu e mostrou um canivete, cuja folha luzente era quasi de um palmo.

Joanna recuou com horror.

Propício enraivado e feroz disse a rir ironica e satanicamente:

— Isto *espinha* bem o coração de um rico aristocrata que por capricho ou por vicio *suja* a casa dos pobres.

Havia ao menos nessa fúria grosseira, brutal e susceptivel de ir até o crime, que o mancebo desenfreado e sem educação estava ostentando ameaçadoramente, alguma coisa de elevado e nobre nos sentimentos, se é que a inveja e o odio, que os homens ricos inspiravam ao vadio pobre, não lhe davam apenas apparencias de dignidade rude.

Mas em Joanna crescia, avultava o medo.

Propício repetiu-lhe :

— Faca ou dente! ou faz-me saber tudo ou dou-me por sabido, e corto o *nó gordio* com o meu canivete.

Joanna estava a tremer, medindo as possiveis consequencias da ira e dos assanhos de vingança daquelle selvagem seu irmão, e emfim imaginou que poderia aquietal-o, confessando-lhe o que sabia.

— Propício! disse ella; posso contar com a tua discreção?... promettees por tua honra guardar o segredo que von confiar-te?

— Por minha honra! prometto-o; respondeu Propício, avançando com a mão direita em signal de juramento.

Mas accrescentou logo:

— Segredo em todos os casos morto; livre, porém, o meu direito de esconder o canivete na barriga do teu compadre, se não bastarem os pontapés pela escada a baixo.

Joanna fallou tremula, confusa, mas sincera e franca: referiu a Propicio o que ouvira de Ursini: relatou as pretensões affrontas de Ernesto, o resentimento de seu marido e seus planos de vingança productiva, as promessas de dote e riqueza que o seductor garantia, e os travessos embustes de Rosina que se divertia, obedecendo a seu pae. A nobre esposa o extremosa mãe esgotou todos os limitados recursos de sua pobre intelligencia para desculpar o marido e innocentar a filha.

Propicio ouviu tudo em silencio, a principio iracundo, depois curioso, e em seguida e até o fim, reflectindo gravemente: soubo dos presentes repetidos e valiosos de Ernesto, do proximo donativo de um bello *chalet*, embora ficasse ignorando que na tarde desse dia Rosina iria vel-o em companhia de seu pae; convenceu-se ou não, mas pelo menos concebeu a possibilidade de que a sobrinha lançava habilmente a rêde para pescar lisonjeiro e rico dote a preço de fingimentos de amor, sem rendimento ignominioso, e com ludíbrio merecido do velho que se presumia de proximo feliz seductor; e finalmente não duvidou mais de que Albino fosse apenas comparsa de triste comedia, recurso necessario para mais completa illusão e zombaria do milionario pretendente que devia semear ouro ás mãos cholas sem que jámais colhesse frutos da sementeira.

Propicio nascera com felizes disposições naturaes: teria sido homem probo, escrupuloso, talvez altivo e orgulhoso, se, baldo de educação, não houvesse em licencioso abandono cabido no golphão dos vicios pela ociosidade, pelas más companhias, pelo contagio dos costumes pervertidos, e pela reprehensivel fraqueza do amor da irmã, que com a bolsa do marido lhe alimentava em multiplicados tributos pecuniarlos de pequenas quantias o gozo facil de vadição corruptora.

Na sociedade de pobres ociosos, de maltrapilhos por negação ao trabalho, de immoraes por incapacidade do labor que acompanhava a virtude, Propicio aprendera a quorer e invejar gozos licitos e illicitos, que só a riqueza proporcionava, e na privação de muitos desses gozos resentido e assoaljado odiava aquellos que por privilegio da fortuna mereciam mais do que elle; porque

podiam comprar, o que excedia ás proporções dos míngudos donativos de Joanna, e dos seus problematicos lucros de jogador de bilhar, e do clakista alugado de theatros, em tal prevaricação da sua natureza só lhe ficára a consciencia da sua força physica, a violencia impetiosa na vingança da affronta, e o odio invejoso aos que gozavam e brilhavam mais do que elle; perdera, porém, infelizmente as instinctivas delicadezas do brío nas escabrosas ruínas do deboche, e com o seu orgulho rude apenas ostentava certa nobreza de character, que realmente não podia ter estando como estava viciado pela ociosidade.

Quando Joanna acabou de fallar, Propício accendeu um cigarro e poz-se a fumar sem dizer palavra, mas evidentemente menos encolerizado: as informações dadas pela irmã lhe pareceram verdadeiras, não acreditou que Urelni quizesse fingir largamente o seu compadre rico por espirito de vingança contra o tentador de sedução da filha, viu com acerto no revoltante manejo sómente baixa ambição de ouro; mas convencido de que Rosina, servindo aos planos do paó, não era amante de Ernesto, e unicamente procurava senhoreal-o, aticando-lhe a paixão, desarmou as fúrias do seu entono brutal.

E' verdade que pouco antes elle tinha dito a Joanna que parecer ou ser em assumpto de honra de donzella era para o publico a mesma cousa; sua moralidade, porém, não era tão melindrosa, como se ufanára de manifestar á irmã.

Propício fumou silencioso o seu cigarro e quando menos se poderia esperar, ao atirar fóra a ponta ainda acesa, soltou uma gargalhada.

— Do que ria assim? perguntou Joanna.

— Do patêta do velho!... olha, mana: que ha pouca vergonha em casa, é positivo; mas que tem sua graça, confesso. Esses homens ricos que insolentes opprimeem os pobres ou tentam levar a deshonra ao selo das familias destes, precisam receber lição mestre: eu teria dado ao teu compadre lição de pau; mas Rosina é mais habil, dá-lhe lição a morecego.

— Então pensas...

— Que em todo caso isto não póde continuar assim... sobre tudo Albino deve ser posto fóra... ainda que o diabo leve o chalet e o dote!...

— Tens razão... não andamos no melhor caminho... por estas loucuras já Rosina perdeu um excellente noivo...

— Quem?...

— Angelo, o sobrinho da comadre Clotilde... conhece-o?...

— Puff!!! um impostor.

Joanna não quiz contrariar o irmão; mas, continuando, disse:

— Todavia... o casamento de Rosina poria termo a todas essas inconveniências...

— Conforme; respondeu Propício, reflectindo.

— Se achassemos algum moço trabalhador, de bom procedimento e capaz de agradar á minha filha...

— Desagradaria por certo ao teu compadre, disse Propício, accendendo outro cigarro.

— Eu já imagino um moço que... vencida uma difficuldade grande, seria talvez decisivo.

— Que moço é esse?...

Propício começava a ouvir com dobrada attenção.

— Minha comadre, a madrinha de Ernesto, é muito soberba; e está nisso a difficuldade a vencer... disse Joanna.

— Ah?... não é bicha de sete cabeças; observou o irmão.

— Pois eu creio que se achassemos noivo digno de Rosina e elle conseguisse ganhar a protecção da minha soberba comadre... eu sei que ella manda sobre o marido, e talvez obrigaria a incumbir-se de tratar do casamento...

Joanna que dizia não saber pensar, vivia pensando em expedientes para salvar a filha; e tivera lembrança feliz, engenhosa e propria de mulher, querendo lançar a fidalga e arrogante Amélia entre Rosina e Ernesto.

Propício atirou com o cigarro, e exclamou:

— Que demónio de idéa!... é de pôr o velho a ver as trellas ao moço dia!... eu voto.

— Falta-nos o essencial.

— Que é?...

— Um moço honesto que...

— Um homem de bem... isso achá-se do pé para mão...

— Propício, um homem de bem custa muito a achar-se.

— Verás. Agora tenho que fazer.

E Propício deixou a irmã consolada por ter podido serená-la.

II

Propício, chegando á sala, ordenou á ama que levasse o menino para dentro, e voltando-se para Rosina que estava ao piano derruntou-lhe:

— Que musica é essa?...

A sobrinha olhou admirada para o tio e respondeu logo depois:

— Que lhe importa?...

— Quero ver se tocas melhor do que dantes: anda lá! começa!

— Isto é caso novo!... mas pela novidade e porque estou estudando... convenho.

Propicio estendeu-se no sofá, dobrou uma perna sobre a outra, e ora torcendo o bigode, ora afagando a enorme pobra á Ca valgnac, parecia prestar attenção.

Rosina foi por desvanecimento empenhando-se em tocar o melhor que podia, embora amasse pouco e ainda menos respeitasse o tio que era ás vezes grosseiro com ella, e que tendo lhe dado signaes de affeição e de amor durante seus annos de menina, depois ou resentido dos cuidados com que Ursini a desviava da sua intimidade, ou por inexplicavel indifferença, apenas a saudava de passagem, quando não ralhava enfezado accusando-a de namoradaira.

Com effeito Propicio, conservando embora as doces impressões do amor innocente, que lhe tinham inspirado a companhia, as travessuras e as graças infantis da sobrinha, havia-se desacostumado da sua brincosa sociedade, desde que ella entrara para o collegio e depois, atrahido ás extravagancias e aos vicios da ociosidade, e sempre muito preoccupado das atarefadas calça-rias diarias, só lembrando a irmã para pedir-lhe dinheiro, aborrecendo o cunhado, e não tendo tempo a desperdiçar com a sobrinha que por ser zanta de casa não tinha condão de milagres, sem desprezar de consciencia Rosina, quasi que devéras a desprezara pelo decuido e indifferente desmazello, com que a esquecia moça, a ignorava formosa, e não tinha nem ouvidos para ouvi-la, nem olhos para vê-la, nem coração para senti-la e amala.

Mas Propicio, que allás sómente fingia attender ao piano, em breve levantou-se do sofá, saltando um — bravo! — talvez fóra de proposito, o de pé, a pouca distancia, e em posição escolhida cravou os olhos na sobrinha a considerar-lhe o rosto, as mãos, a estatura e o talho do corpo, e enfim as proporções delicadas do pé, que avançado comprimia ou saltava o registo do piano.

As sensações que semelhante estudo deixavam no animo do observador, transuziam no brilho do olhar, no incandimento da

face, no leve tremor dos lábios que afinal, separados ligeiramente e como que paralyticos, conservaram a boca de leve entre-aberta em muda elevação dos setidos.

Propicio estava surpreso: não sabia explicar como até então não tinha sabido ver a maravilhosa belleza que em todas as manhãs olhava desattento e despercebidamente.

O tio acabava de descobrir a incognita mais conhecida — a enfeitadora lindeza de Rosina.

Entretanto, a sobrinha sabia ver muito melhor que o tio: porque executando a sua musica, viu e reveriu tudo quanto os olhos, a face e os lábios de Propicio estavam denunciando, e já meio-vingada da indifferença e da cegueira de alguns annos desse homem, que não soubera até então apreciar seus encantos, ao chegar á pausa final da peça que tocára, alegre e foigasoma, e ainda com as mãos mimozas e bellas em exposição sobre o teclado, voltou um pouco a cabeça, e perguntou:

— Que diz, tio Propicio?...

— Diabo, Rosina!... estás tocando piano com sentimento e gosto de matar!...

— Só?...

— O mais nada tem com o piano; mas realmente és formosa a fazer resuscitar a quem mata, tocando musica...

— Tio Propicio, vá consultar os medicos: vossa mercê está doento.

— Não digo que te enganase; mas do que me suppões doento?...

— Dos ouvidos e dos olhos que não estão no seu estado normal.

— Ah, ladrão de sobrinha vingativa!... dou as mãos á palmatória: se te parece, applica-me bolos, que bem os tenho merecido.

E Propicio avançou dous passos, e offereceu as mãos abertas á sobrinha.

Rosina poz-se a rir e disse:

— Que feias mãos, tio Propicio!... esconda isso...

— Tu nem sabes o que vales, Rosina!

— Ora!... não chego a valer uma carambola.

— Se quizesse, poderlas fazer, com que eu não entrasse mais em bñhar algum.

— Oh, não! prefiro imaginal-o rei, tendo um taco por sceptro, e as bolas por população do seu reino do taboleiro.

Propício não podia desejar que a conversação continuasse no mesmo tom: tornou-se grave e disse:

— Basta de gracejos; fica sabendo que hoje demorei-me em casa para occupar-me de ti.

— Ah, meu tio!... ainda ha milagres: esqueceu o bilhar?... e por mim?... muito obrigada.

— Rosina! tua reputação anda por ahí nos pedaços...

A donzella corou e respondeu:

— Já sei: vossa mercê quer apanhar para si alguns delles.

— O que eu quero, é salvar-te...

— Nas azas de que anjo?...

— O commendador Ernesto te compromette horrivelmente: todos te julgam sua amante...

— Todos, não; ainda tenho um homem generoso que me faz justiça...

— Quem é?...

— E' vossa mercê, tio Propício, que hoje descobriu que eu era bonita, apesar de ser sua sobrinha: se é capaz, negue-o!

— Negal-o seria mentir; ha, porém, cousa ainda peor do que a diffamação que te vem das tuas doudas relações com esse velho rico e famoso seductor...

— E! que é?... diga.

— O boato do teu proximo casamento com Albino, que é o ultimo dos miseraveis...

— Ah! já custa?... não tenho esse Albino na melhor conta; mas... como me falta algum outro noivo, a quem recorra...

— Rosina, tu me respondes zombando; o caso, porém, é muito sério; é como tio e amigo interessado que te fallo...

— Ah! então isto é sério, tio Propício?... vejamos onde vas ter; ouço-o sem rir-me.

— Ernesto é um infame, que tem posto em suspeltas vergonhosas a tua honra... estás quasi perdida na opinião do público.

Rosina tornou a corar, e disse confusa:

— Supponhamos...

— Albino ainda é mais infame do que o commendador Ernesto, e o teu casamento com elle seria a confissão da tua ignomínia.

Rosina repetiu perturbada; mas esforçando-se por simular a seguridade ou ironia:

— Supponhamos...

Propício proseguiu, dizendo animado:

— Tua justificação e o renascimento do teu credito perdido dependem do teu casamento com um homem em quem todos reconhecem capacidade moral para assegurar tua innocencia por conhecer bem todos os segredos que a familia reserva e guarda...

A esperta Rosina adivinhou logo um novo pletendente em Propício.

— Só meu tio; disse ella interrompendo-o.

Propício completou o seu pensamento:

— Com um homem que tenha tambem bastante capacidade material, e boa reputação de paciencia muita duvidosa para, impellido respeito ou medo, conter os insultos dos maldizentos.

— Só meu tio; tornou a dizer a incorrigivel zombeteira, tornando um ar de seriedade que illudiu a Propício.

— Sim, creio que só eu; e devo confessar-te, Rosina; ainda cego e surdo, hontem certas novidades fizeram-me chegar a mostarda ao nariz; antes, porém, de ir ás do cabo, reflecti o julguel que me cumpria vir hoje offerrecer-me para arrancar-te ao mais triste destino, embora dando ao diabo a minha independencia de rapaz solteiro.

— E... em tal caso... o diabo era eu, tio Propício!...

— Não eras, és o diabo, Rosina! porque hoje vim, e perdendo a surdez e a cegueira, estou espantado de não ter a mais tempo notado e reconhecido que és o ladrão de moça mais formosa e tentadora do Rio de Janeiro!... palavra de honra!...

— Deveras, meu tio?... pareço-lhe assim?...

Propício ouvindo sua irmã informal-o da intriga interessada armada contra o rico velho apaixonado de Rosina, concebera a idéa de envolver-se na trama para dissipar em sua desordem da vida, o doto e os valores que o pretencioso seductor inutilmente desperdiçara; demorando-se, porém, a observar a sobrinha, em verdade se sentia vivamente impressionado da sua belleza, e o manifestava em tocas e grosseiras expressões proprias da sociedade que frequentava, e dos seus habitos de voluptuosos e materiaes amores.

— Te me parece assim?... ah, Rosina! em ti não ha que tirar, nem pôr... perfeita como a Eva da criação do mundo; palavra de honra!

— Tio Propício! isto é caso sério... com effeito é verdade que vossa mercê quer casar commigo?...

— Hontem estava resolvido a isso, por generosidade de bom e dedicado tio; mas hoje, meu anjo de sobrinha, hoje quero-o, peço-o, desejo-o; porque, falte-me a luz na hora da morte, se não és um prodigio e uma tentação!

— Até aqui a historia de hontem com segunda edição correcta e emendada hoje; como porém será a historia de amanhã?...

— De hoje para sempre de captivo a teus pés, se teus pés não me empurrarem...

— Mas por pouco que eu empurre, lá me foge para o bilhar...

— Qual!... palavra de honra! o que eu sinto por ti é forte, como amor de cão, a quem houvesse matado a fome, e curado a lepra; amor de lambar os pés apezar dos pontapés!

— Ama-me, pois, tio Propicio?...

— Nem pódesa pensar, como te amo! olha, Rosina, quer o quizesse, quer não, crelo mesmo que não pensaste nisso; mas a brecha está aqui!...

E Propicio, apontando para o coração, acrescentou:

— Perdoa-me a cegueira e a surdez de tanto tempo, ladrão de sobrinha! perdoa-me; porque estás bem vingada: feriste-me deveras no amago!

— Tão depressa! faz desconfiar!

— Se foi como um raio! eu te juro que estou fulminado, palavra de honra!

— Havia nos asperos e achamboados protestos de amor de Propicio alguma coisa de natural e sincero; mas nem por isso Rosina se commoveu.

— Quer sabor?... disse ella; vossa mercê, tio Propicio, veiu hoje perturbar os calculos egoistas da minha vida...

— Ao contrario; vim operar dous milagres, fallando-te ao mesmo tempo á razão e ao coração; salvando-te o credito de honesta, e offerecendo-te amor, como nunca houve mulher que o necondosse mais fogoso!

— Tio Propicio, eu devo confessar que sempre o achei bonito e agradável!...

— E porque não me abriste os olhos?... foi falta de caridade... ah, Rosina! que demonio de cegueira!... ao pé de um anjo e não vel-o!...

— Faça idéa dos pezures do anjo!...

— Aguas pussadas não movem moínho; perdoa-me, Rosina! ah, ladrão de sobrinha! queres que me ajoelhe a teus pés...

— Não é preciso... o essencial já sei... vossa mercê ama-me... eu... sou sensível... o casamento com o tio Propício interessa á minha reputação, e... me garante... marido dedicado... e... extremoso...

— Palavra de honra!...

— Mas...

— Estás de accordo?... é a questão.

— Talvez... por ora não sei... ha um segredo... não é segredo de honra, não... e todavia é um segredo... que... sem confial-o...

— Oh! confia-m'o!...

— Tenho vergonha... quem sabe o que vossa mercê pensa ria de mim...

— Deves dizer-me tudo... porque na peor das hypotheses... o tio...

— Já disse que não é segredo de honra...

— Tanto melhor...

— Mas... é segredo ainda assim delicado... faz-me corar...

— Que puerildade! falla!

— Ah! tenho medo dos seus olhos... se quizer que eu fal le... ha de fechar-os... cobri-os com as mãos, para que eu os veja certa que me não vê, quando eu fallar...

— Fazes-me tremer!...

— Pois não trema: guardarei o meu segredo.

— Não: eis-me de olhos fechados: amo-te e portanto pre- ciso ouvir-te.

E Propício fechou os olhos e os cobriu com as mãos.

— Não abra os olhos sem ter ouvido todo o segredo que me faz corar, e hesitar antes de responder ás suas declarações de amor o proposições do casamento... é indispensavel que eu lhe diga... que eu lhe faça esta confidencia difficil... que me vexa muito...

— Já estou sem olhos! falla e confia em mim, formosa so- brinha!

— Sim... mas não retire as mãos nem abra os olhos... te- nho vergonha... em premio, porém, da sua condescendencia... no fim do segredo... beijarei com os meus labios o seu ouvido... não abra os olhos!... não retire as mãos... espere um momento que eu vença o meu vexame.

— Esperarei uma hora pela confidencia do diabo que me tenta, ou do bom anjo que deve beatificar-me... palavra de honra!...

Rosina, vendo o tio de olhos fechados e com as mãos sobre os olhos a esperar ridiculamente a confissão do seu segredo, poz-se nas pontas dos pés, e sem fazer o mais leve ruído esgueirou-se e sahio pelo corredor.

Propicio ficou só, immovel, de olhos fechados a espera da confidencia; excitou por vezes a sobrinha já ausente a fallar, e enfim cansado e aborreckdo, tirou do rosto as mãos que cobriam os olhos, abriu estes e achou-se victima da mais completa zombaria.

Rosina o deixara na mais burlesca e ridícula posição o sem duvida estaria irrdose desapiedadamente do tolo de quem escarnecera.

Propicio não se conteve; pronunciou em voz alta uma jura indecente, e sahio furioso e precipitado.

III

A furia e a precipitação com que Propicio se lançara para a rua aplacaram-se vencidas por grave preocupação que lhe absorvia o animo.

O asselvajado mancebo tomou a logração em que cahira, como travessura da joven engraçada e sciante de que pôde abusar do seu poder de formosa; arrependeu-se da jura brutal que lhe escapara, e foi procurar distrahir-se no bilhar.

Mas a preocupação o senhorcava, seguindo-o incessante e viva.

Propicio perdeu ao bilhar o pouco dinheiro que levava, aborreceu-se da companhia dos socios habituaes, e ás duas horas da tarde, depois de passeio longo, apressado, e sem consciencia do que fazia, entrou no jardim da Praça da Constituição, sentou-se em um dos bancos de pedra á sombra de uma arvore, entregou-se absolutamente á sua preocupação.

A perspectiva dos aureos despojos que a paixão do commendador Ernesto estava deixando e muito mais ainda promettia deixar a Rosina, tinha excitado consideravelmente a cobiça do vadio esbanjador de tempo e dinheiro; mas a quem se sobrava sempre aquelle, muitas vezes faltava este.

Na primeira hora de reflexão, emquanto Joanna lhe fallava, Propicio pensara que, despedido primeiramente Albino, e logo depois Ernesto, não deixava de convir-lhe muito o casamento com

a sobrinha que lhe levaria boa somma em joias e no valor do *anuel* talvez uns doze ou dezessis contos de reis, que lhe dariam meios para tafular um ou dous annos, e semelhante idéa era in-cectivo irrisistível.

Em verdade, quando cogitava assim, o mancebo tunante ao menos excluía dos seus calculos o pensamento de empolbar o dote promettido por Ernesto a Rosina; porque não acreditava que o dote, o ultimo e ameaçador donativo, pudesse ser conseguido sem que o noivo se achasse de harmonia e combinação com o velho seductor, o elle, não por nobreza de caracter, como dizia ter, mas por altivez rude e odienta inveja não se abaixaria jamais deante dos ricos aristocratas, conforme os denominava.

Atçada assim a sua ambição de esbanjador immoral, o de um lado contando pouco com a efficacia da protecção da irmã, de outro contando muito com a contrariedade e desestima do cunhado, Propicio já estava resolvido a procurar ponto de apoio no coração da sobrinha, quando Joanna, lembrando o expediente da intervenção da esposa de Ernesto, o convenceu de todo da urgente necessidade de declarar-se amante e escravo de Rosina; por que, com effeito, sem a condescendencia ou o amor desta seria inutil o empenho da soborba fidalga protectora.

Mas Propicio não precisou fingir; a belleza e as graças de Rosina produziram em seus sentidos o em sua imaginação o choque mais forte: o mancebo pervertido não sentiu pela sobrinha o amor santo que enleva a alma e só muito depois desperta os desejos; experimentou, porém, aquelle fogo material que é a paixão nos homens gastos e corrompidos pelo habito da sensualidade. Elle viu-a, cobigou-a, adorou-a com olhos lascivos e imaginação libidinosa. Era o seu modo de amar.

Como até então Propicio não tinha visto, cobigado e adorado assim Rosina, é agrido dessas indifferenças, dessas cegueiras que ás vezes se observam nas conviências da familia; ou por que falta ahí o excitemento da curiosidade que em seu estudo melhor avalla os thesouros, ou porque outras circumstancias incalculaveis fazem não saber ver esses thesouros, do mesmo modo que talvez sómente o vicio da vadição e do jogo, o phrenesi das orgias, o desenfreamento de paixões baixas e o consequente desamor, esquecimento e desprezo da familia haviam cegado Propicio aos encantos da sobrinha.

O mal educado, asperrimo e grosseiro mancebo, que nunca fizera côrte delicada, unica que é devida a uma donzella de boa

sociedade, de costumes honestos ou pelo menos de apparencias de recato, declarara seu amor á sobrinha em termos que bem morecliam immediata e dura repulsão; a sobrinha, porém, preferiria divertir-se com o tio, e deralhe com o castigo do ridiculo e da confusão burlesca o mais claro desengano ás suas inesperadas pretensões amorosas.

Era isso — a belleza voluptuosa de Rosina, a idéa da fortuna para muitos menos que mediocre, para elleilsonjeiro e consideravel; e finalmente sua manifesta esquivança ao amor que lhe declarara — o que determinava a insistente e sombria preocupação de Propicio.

Todas as esperanças do tio aniquillavam-se ante a indifferença da sobrinha. Dona Amelia podia mandar sobre o marido, Ernesto podia pelo seu ouro governar Ursini e talvez obrigalo a condescender com o casamento da filha menos conforme ás suas sympathias, e mais opposto ás suas prevenções; Joanna, emfim, facilmente se prestaria a apolar a intervenção da comadre; Rosina, porém, era de vontade independente, e capaz de elevar a opposição a capricho e de tornar o capricho em barreira indestructivel.

A imaginação de Propicio multiplicava ao infinito as maravilhas da belleza da sobrinha, e pelo menos triplicava a sua fortuna, reduzindo-se as joias e o chalet a moeda circulante.

E Propicio via o — impossivel — deante de tanta e tão voluptuosa belleza, e de tanto e tão favoneador dinheiro.

E em sua triste e desanimadora preocupação o homem que estragado pela ociosidade, pelas más companhias e pelos vicios, ainda blasonava do seu orgulho e da nobreza com que sabia erguer altiva frente deante dos *ricos aristocratas* que desprezam os pobres, lembrou-se por vezes de Ernesto que bem poderia protegelo, e outras tantas vezes lembrou-se tambem de que lhe seria possivel tomar o logar e as condições de Albino.

Seja dito em honra da verdade: de cada vez que lhe surgia na alma a lembrança, o pensamento ignobil, Propicio estremeceia e revoltava-se contra si mesmo; não era, porém, a virtude que o fazia estremece e revoltar-se, era esse falso orgulho, resto unico e adulterado de suas nobres e felizes disposições naturaes corrompidas pelo viver escandaloso, immoral e degradante.

Não ha caracter honrado e honesto, não ha coração generoso e nobre, não ha virtudes naturaes, o, se o querela admittir, virtudes innatas por mais do ferro que sejam, que resistam á ferru-

gem da ociosidade, da companhia dos homens pervertidos e devassos, da vida vadia, sensual, sem religião, vida vivida em botequins, em lupanares e em orgias.

Propicio estava já profundamente contagiado de corrupção: o seu pretendido orgulho era apenas insolencia de malcreado com a brutal vangloria de sua força physica simulando a conservação zelosa de algumas noções de dignidade e de honra, que em sua infancia recebera de sua honesta, religiosa e virtuosa irmã.

Propicio, pensando nos encantos e na riqueza ou na fortuna de Rosina, ainda pôs-se revoltava contra a maior ignominia, que aliás era um recurso para o lascivo e ambicioso sem pejo... ainda se revoltava; mas tinha-a já lembrado...

Na escada da corrupção em taes casos lembrar é descer.

Depois das primeiras lembranças e das primeiras revoltas o homem corrompido pensa que raciocina quando sómente sophisma: desce mais um degráu da escada, desce dez e desce todos...

Não é fatalidade, é logica: ha leis na moral que são as mesmas leis da physica; na degradação moral tambem o movimento é uniformemente acelerado.

Mas Propicio ainda se enfurecia contra a idéa de prostrar-se infame aos pés do rico aristocrata Ernesto, quando ao dobre do sino da igreja de S. Francisco de Paula ouviu o annuncio de que eram cinco horas da tarde.

O pobre diabo tinha esquecido o tempo que corria: havia perdido ao bilhar toda a sua riqueza, alguns mil réis que trouxera no bolso, eram passadas as horas de jantar, e não estava seguro do seu credito nas casas do pasto que costumava frequentar; levantou-se pois obrigado pela necessidade de ir pedir á irmã que lhe desse refeição, embora não fosse de costume na casa do cunhado guardarem-lhe o prato, pois que regularmente elle jantava com os companheiros de folgança e de perdição.

Quando de caminho desembocava na rua em que demora a casa de Ursini, Propicio estacou de subito, fitando os olhos em um homem que passava, levando a seu lado a mais facelra e bonita moça.

O homem não o tinha visto; mas a joven, que simulára passar sem tel-o apercebido, sorrija-se de leve para deixar entender o contrario.

Eram Ursini e Rosina.

Onde iriam elles ?...

Propício não pôde vencer a sua curiosidade, que já era então bem natural na situação em que trazia o espirito: seguiu pois de perto o pae e a filha.

Mas Ursini fez com a mão signal do parar a um carro desses a que o povo alcunhou com o nome de *bonds*.

O carro parou: Ursini e Rosina entraram nelle.

Propício avançou tambem um passo para subir ao carro; logo, porém, lembrou-se de que não lhe restavam nem duzentos réis no bolso completamente esvasiado.

O carro seguiu...

Ursini achára conhecido, com quem se poz a conversar, apenas se sentou.

Rosina voltara-se um pouco para fóra do carro e olhando Propício, sorriu-se outra vez maliciosamente, e disse-lhe adeus, meneando o leque com a graça e requebro da hespanhola namorada que é a rainha da telegraphia do leque.

IV

Propício, entrando em casa, apresentou-se á irmã um pouco apprehensivo; mas urgido pela fome, disse-lhe logo:

— Joanna, ainda não jantei.

— Pois has de jantar mal; porque eu não esperava mais por ti.

Dahi a alguns minutos Propício jantava muito melhor do que merecia e com appetite devorador que estava em contradicção com as disposições do seu espirito: entretanto, elle comia depressa, e como distrahidamente.

Joanna em pé via-o jantar, e o observava desconfiada; porque a filha já lhe tinha dado noticia do novo namorado e pretendente que achára tão de subito no tio.

Propício acabando de jantar, accendeu um cigarro, e poz-se a fumar.

Logo depois disse:

— Quando vinha para casa, encontrei Ursini e Rosina: onde foram elles?..

— Foram ver o *chalet*; respondeu Joanna, desviando os olhos para não supportar os do irmão.

— Ah!... e sem duvida o teu compadre ha de estar lá.

— Não sei; mas é provavel.

— Ao menos devias ter acompanhado tua filha.

— Ella foi com o seu protector natural: a filha está ao lado de seu pae.

Joanna não quiz dizer que Rosina fôra ver o *chalet* contra os seus conselhos de mãe, o que Ursini se oppuzera a que ella acompanhasse a filha.

— Fizeste mal, disse Propicio; mas... não discutamos.

— E' melhor: façamos por esquecer este assumpto.

— Isso é impossivel, mana, tenho levado todo o dia de hoje a pensar sobre o futuro de Rosina.

— Ah! balbuciou a irmã.

— Minha sobrinha já se acha muito comprometida, mas ainda não está perdida, como eu temia: todavia, na carreira desastrosa e vergonhosa em que o pae a atira, só eu e tu podemos impedir a sua queda fatal.

Joanna sabia onde o irmão queria chegar, e por isso absteve-se de responder. Amava muito a Propicio; amava, porém, mil vezes mais a sua filha; céga para os defeitos e maculas daquella, quando preclava defendel-o e patrocina-o, tinha olhos de agulha para devassar seus menores senões, desde que tratava de obstar que a sua Rosina fosse a elle sacrificada.

Mas Propicio não desanimou com o silencio da irmã.

— Sabes que é mais?... disse-lhe: quero um dia prestar para alguma coisa neste mundo. Estou prompto a casar-me com Rosina para com o meu nome restabelecer-lhe a credito e com o meu amor felicitar-lhe a vida.

— Propicio, respondeu Joanna; o que acabas de dizer é generoso; mas não passa de sonho, e de illusão.

— Por que?...

— Meu marido não tem confiança em ti, e jamais consentiria...

— E que me importa a cara ou a careta que faria teu marido, uma vez que tu me ajudasses na empresa, e Rosina se dæ cêdido por mim?...

— Posso asseverar-te que ella não te ama: apenas te estima, como sobrinha:

— Tambem não creio que ame o tal Sr. Albino e todavia não pde duvida em casar com elle.

— Já te disse que estamos livres dessa desgraça.

— Não estaremos, porém, livres de outras iguaes ou peores. Joanna, tu deves interessar-te por mim... bem vêes que a minha resolução é generosa... ainda ha pouco o reconheste...

— Sim... mas a occaſião é peſſima...

— Ao contrario, é optima...

— Optima?... quererias pois ligar-te a teu cunhado e a tua sobrinha para... illudir... o meu funesto compadre?

— A maroteira é de bom gosto; mas... eu não me abaixo a aristocratas. O que desejo e exijo de ti é que me auxilies, convencendo Rosina de que ella será ditosa, — e ha de selo—, casando commigo.

— Sabes que Rosina é muito caprichosa.

— Falla-lhe á razão e ao interesse do futuro. E' indispensavel que ella se case quanto antes; ora Angelo já a deixou a ver navios, e é hoje quasi impossivel achar um homem de bem que se sujeite a desposal-a nas tristes circumstancias que se tem dado.

— Ainda esta manhã me disseste que era facil achal-o.

— Sim; porque já o tinha achado em mim. Julgas acaso que não sou homem de bem?...

— Ora!... que pergunta!...

— Por consequencia...

— Propicio não telmes nessa tua idéa, é inutil pensar nella: tens contra ti Ursini e Rosina.

— Rosina vira a cabeça para onde lhe sopra o vento: podes conseguir que ella ao menos condescenda em ser minha esposa por conveniencia... o amor virá depois... e se puder vir logo, choverá no molhado...

— Mas... Ursini?... eu não quero a guerra ou o resentimento entre meu marido e minha filha.

Propicio riuee e disse:

— Tudo se fará em boa paz, a contento geral e num abrir e fechar de olhos...

Joanna reparou na segurança, com que o irmão acabava de fallar-lhe, e desejosa de conhecer seus planos pelo muito que os temia por amor da filha, perguntou:

— E dada a hypothese de disposições favoraveis de Rosina, como em boa paz nos livrarias do meu maldito compadre, e alcançarias a approvação de Ursini?...

Propicio sorriu-se outra vez.

— Oh! já te esqueceste, mana?... agelta-me o coração da sobrinha, e eu te mostro como a intervenção protectora da tua maravilhosa comadre cae como um raio no meio da garabulha que anda aqui em casa.

Joanna sobresaltou-se e exclamou :

— Não envolverei essa senhora ou outra qualquer nas vergonhas de minha familia!

— Isso fica por minha conta e risco.

— Prohibo-te que o faças!...

— E porque?...

— A mãe tomou nobre attitudo e com voz firme, disse:

— Porque tambem eu não quero que Rosina seja tua esposa.

— E a razão?... e a razão?...

— Porque tu és vadio, esbanjador e vicioso.

Propício conteve um impeto de colera; mas olhou para a irmã resentido e com indignação que flammejava no olhar.

Joanna, impavida, assoberbou-o, dizendo-lhe :

— E' isso, que te digo!...

— E's mãe-leoa commigo!... porque não o és com Ursini que te leva a filha pelo caminho da perdição?...

— Ursini é meu marido e me governa; é pai de Rosina, a ama o tem direitos sobre ella: contra meu marido eu só poderia recorrer para Deus; na terra enquanto eu viva fôr, hei de obedecer a Ursini. Tu és apenas meu irmão, a quem amo com fraqueza reprehensivel, mas de quem saberei livrar minha filha; porque te conheço e sei demais que és vadio, esbanjador e vicioso.

Propício reconheceu que tendo contado muito com o amor da irmã, se deescuridára de calcular com os extremos do amor de mãe, e, primeira vez hypocrita, soube concentrar a ira, e disse triste e sentidamente :

— E' assim... não o posso negar; vadio e esbanjador, tenho-o sido; mas vicioso... não! honra até aqui!...

E bateu brutalmente com a mão no peito.

Joanna voltou o rosto desgostosa daquella patente confusão das noções da moral e das idéas do vicio e da honra.

Propício continuou a fallar.

— Minha irmã! estou arrependido da vida de estroina que tenho vivido! palavra de homem de bem!... eu amo devóras... amo tempestuosamente a Rosina!... olhe! é questão de casamento ou de suicidio!... a paixão entrou-me e não saca mais... só com a vida!... mas é amor que me virou do mal para o bem!... quero trabalhar... verás o que hei de fazer... verás o meu arrependimento...

— Quero vel-o primeiro disse Joanna. Se fosses o que promettes ser...

— Sel-o-ei!... ao diabo a minha alma, se o não fór: sel-o-ei, palavra de honra!

A amorosa irmã, sem deixar de ser mãe, ainda mais amorosa lembrou-se de explorar em benefício do irmão esse amor que, se fosse verdadeiro, poderia talvez operar um milagre de regeneração moral.

— Pois bem, disse ella; se te corrigires, se te mostrares trabalhador, mais dedicado á familia, mais morigerado, docil e honesto, eu te prometto interessar-me vivamente por ti, e convencer minha filha da conveniencia...

Propício interrompen Joanna, perguntando-lhe assomado:

— Essa é boa!... e quantos dias me queres na tua inquisição da experiencia?...

— Dias?... Propício! tu te atralças sem o pensar: o habito da ociosidade e a pratica dos vicios não se vencem senão em longos mezes de combates para dar triumpho real e seguro á virtude. Demonstra assim que te tornaste bom, e eu te abençoarei, além de irmão querido, esposo feliz de Rosina.

— Muito obrigado!... exclamou Propício com ironia cole-rica; muito obrigado pelos seus favores!... quer deixar-me á espera...

E completou seu pensamento com uma allusão affrontosa do pudor de Rosina.

Joanna soltou dolorosa e forte exclamação de mão insultada. O selvagem não se commoveu, nem se moderou.

— Love o diabo tudo! bradou descomedido; os farrapos da honra da familia não valem, nem merecem considerações generosas. Dê no que der, vou pôr no melo da garbulha a mulher do velho seductor de minha sobrinha, e se esta recalcitrar, e se fizer de boa commigo, tornarei publica e rasa a patifaria que vai por esta casa!...

— Não o farás!

— Hei de fazel-o... juro-o!...

— Se o fizeres, serás o mais infame dos homens!...

— Infame!... exclamou Propício, erguendo-se ameaçadora. mente.

Joanna, irada, majestosa pela estatura e pela grande nobreza dos sentimentos que a exaltavam, respondeu no irmão brutal com desculpavel desabrimiento:

— Sim? infame!... e infame já o és pelo que cusaste dizer-me em face!

Propicio tremou de raiva, e vacillou um momento entre o assanho da vingança da injúria, e o respeito que devia á condição e á fraqueza natural da Injuradora; mas, embora furioso, não podendo deixar de ver deante de si apenas uma mulher, calçou com força e descortezmente o chapéo na cabeça, e precipitou-se pelo corredor, blasphemando em violenta insanía.

Joanna ficou por alguns minutos em pé e immovel, onde tão nobre o firme se mostrára no grosseiro e indigno irmão; em breve, porém, tremendo convulsa, teve de sentar-se para não cair, e ainda bem que pôde abrir logo valvulas a dôr immensa, desatando a chorar.

V

Ursini e Rosina foram recebidos por Ernesto que os esperava no *chalet*, onde ninguém mais havia.

Alguns homens que dispunha de mais gosto do que de avultados cabedacs, determinára e presidira a construcção da casa e a disposição do jardim que a cercava por todos os lados.

A casa tinha a fórma exterior das habitações suíças de que tomára o nome, e no interior offerceia aprazíveis commodos para familia pouco numerosa; havia excellente agua prompta a correr de torneiras na sala de jantar, em duas pequenas salas ou quartos lateraes e na cozinha: todos os compartimentos eram de proporções limitadas sem que parecsem acanhados, e harmonisavam-se perfeita e agradavelmente. Notavam-se no papel que forrava as paredes, na escolha das tintas empregadas nas portas e janellas, na brancura esmeradamente conservada do tecto e na lisura e no bem acabado do assoalho o amor e o zelo do proprietario, que supprira luxo de riqueza com a distincção do bom gosto e com o acéo do desvelo.

Mas o principal era que o *chalet* se abrigava no seio perfumado de um jardim defendido na frente por grades e portão de ferro, e aos lados e no fundo por cerca ou gradil de madeira quasi de todo encoberto por trepadeiras de esmerada escolha, as quaes offerceam á vista uma muralha de folhas verdes durante todo anno, e de flores de diversas cores durante alguns mozes.

Dez braças de frente sobre vinte de fundo, e nesse resumido espaço e em torno de pequeno *chalet* arvores e arbustos graciosos pela fórma, preciosos pelas flores, dispostos com arte para en-

cantar a vista, e suavisar o calor com a sombra, tenue corrente pouco male que uma penna d'agua a fugir sobre leito de pedrinhas e, enfim, no fundo, e onde mais sombra havia, no centro de um grupo de arvores com os troncos e galhos recheiados de parasitas, uma gruta de verdura, porta ou entrada aberta entre folhas e flores que a dissimulavam e no selo da gruta apenas meia luz, e banco de relva macio e fresco — eis o jardim dessa habitação que se fingira rustica.

Ursini tivera bom olho: o proprietario do *chalet* sem duvida violentava-se para vendelo, e embora o sitio não fosse dos mais estimados entre os suburbios da cidade, o preço de doze contos de réis não era talvez metade do que o terreno e a construcção do *chalet* e do jardim tinham custado.

E, todavia, Ernesto já o houvêra sob palavra por dez contos de réis que pagaria á vista.

Ernesto, Ursini e Rosina correram a casa e em primeiro e rapido exame o jardim: logo depois Ursini, como architecto que se dizia, quiz estudar a construcção das paredes e a qualidade o estado do madeiramento.

O seductor contava com essa tarefa, ou com outro qualquer pretexto que distanciasse o paé interessado e immoral; offerecendo, pois, a mão a Rosina, disse-lhe:

— Voltemos a passear pelo jardim, Rosina.

A jovem accitou sem hesitar a mão de Ernesto, e sorrindo meigamente, deixou-se levar por elle; mas, apenas chegada ao jardim, esquivou-se ligeira, e deitou a correr por entre as arvores e arbustos inconsiderada, porém graciosa e alegre, feliz, como a ave que escapando á prisão em que a tinham, abre as azas e vôa no espaço, festejando a liberdade.

Rosina, doudojando assim, examinava, observava e reflectia: não lhe tinha sido indifferente a circumstancia de não haver encontrado no *chalet* nem o vendedor, nem pessoa alguma por elle, e nem jardineiro, ou guarda da casa, e suspitosa de algum premeditado laço, fingia brincar puerilmente e meditava nos perigos a que podia estar exposta, estudando ao mesmo tempo as condições do lugar, e a proxima situação de chacaras vizinhas, pois chegára a imaginar que em alguma pudesse estar preparada a traição e a violencia.

Ernesto olhava, acompanhava Rosina cobiçoso e anhelante. via-lhe as botinas, que se mostrando, mostravam as bellas pro-porções das pernas que na viveza da carreira escapavam á barra

do vestido, forçado a dobrar-se pelo movimento e pelo impulso do ar, e viu-a enfim, parar fatigada, e encostar-se ao tronco de uma florida magnolia.

O elegante velho chegou-se para Rosina que, com o rosto accendido pela fadiga, e com os olhos a arfar pela agitação, estava mais que nunca arrebatadora.

— Agrada-te, pois, esta pequena casa com o seu jardim tão pouco exenac?... perguncou elle.

— Oh! muito!...

— E' tua, formoso anjo!...

— Minha!... exclamou Rosina jubilosa.

— Já a comprei para que fosse tua, se te namorasses della: teu pae irá amanhã assignar o titulo competente, como comprador; posque não devo apparecer para poupar-te a calumniosas supposições...

Ernesto mentia: casado como era, podia haver bens immovels; não lhe era permittido porém doal-os sem a assignatura de sua mulher: fóra essa razão, e fóra tambem o calculo do reconhecimento da donzella o duplice motivo da compra do chalet sob palavra.

Mas Rosina commovida e cheia de doce confusão, abalzára os olhos e perguntára:

— Virás visitar-nos algumas vezes, quando estivermos aqui, Ernesto?...

— Oh! todos os dias!... mas... se eu dissesse que não?...

— Eu não acceptaria o chalet.

— Rosina!

— Passeemos ao lado um do outro por este jardim, que é meu... e que eu amo; porque tu m'o deste...

— Sim... sim... passeemos...

Foi Rosina que offereceu a mão a Ernesto: sem duvida a terrivel e seductora namorada já se achava livre das apprehensões que tivera; pois que então era ella quem mais se expunha, simulando ternura, enlevo da alma, e perturbações que denunciam intimamente e arriscado fogo.

Ernesto guardava o zelava em segredo o mais traiçoeiro e perverso stratagem de seducção, para cujo exito proclava da allucinação da victima pelo incendimento de seus sentidos; applaudindo-se pois da commoção e das fiammas que começavam a atear-se em Rosina, empenhou-se em excitá-la ainda mais para que não disputada fosse a sua victoria.

Passeando ao lado de Rosina, e affectando respeito nas palavras de amor que lhe dizia, ora colhia e desfolhava rosas sobre a cabeça da formosa donzella, ora lhe apertava a mão, e a levava a seu peito palpitante e ancioso, ora simulando querer afastar os galhos de uma roseira, avançava o braço por deante dos seios da donzella, e estremeia ao passagelro toque fruido casualmente, ora baixando-se sob o ramo de uma arvore aliás mais alto do que elle, roçava com os labios um hombro arredondado, branco e formoso, e enquanto isso fazia, pouco e pouco exaltava a conversação amorosa com idéas e imagens sensuaes, que deviam atear labaredas, abraçar em voluptuosidade involuntaria, em violento e absoluto e desgovernado dominio dos sentidos a misera jovem, do quem pretendia erigir-se em algoz feliz.

Rosina guardava afflictivo silencio que interrompia sómente para responder com monosyllabos tremulos a perguntas e a provocações de vehemencia apaixonada e já por fim evidentemente lasciva, e como abandonada da razão, e a perder-se de amor, agora apertava a mão que apertava a sua, logo vacillante, sustinha-se, apoiando-se ao hombro de Ernesto.

A situação de Rosina tornava-se de momento a momento cada vez mais inautentavel.

A pobre donzella abandonada sem defesa, incendio toda, e como a desejar immolar-se, volvia os olhos para o *chalet*, parecendo chamar o pae a soccorrela, e deixava-se escravizada por amor, possessa do paixão louca arrastar pelo seductor, onde elle quizesse levalla.

Ernesto abraçouna atrevidamente pela cintura e disse-lhe:

— Como te amo!... oh!... nesse amor nos daria na terra o céu!... Rosina!... Rosina!...

A filha de Ursini convulsou apertada pelo braço do seductor, murmurou, como gemendo abafadamente:

— Voltamos ao *chalet*... leve-me a meu pae...

Mas apenas fez leve e facilmente vencido esforço para se retirar.

— Não! disse-lhe Ernesto, ainda não conheces todo o jardim, que é teu... ha nelle um asylo de amor... vem! quero que o vejas...

— Oh!... não!... balbucou Rosina.

E deixou-se levar.

O seductor conduziu-a até a entrada da gruta de verdura, de folhas e de flores que havia no fundo do jardim.

Era um precipício encantador...

— Eis o asylo de amor!... exclamou Ernesto, mostrando a porta da perdição.

Rosina estremeceu toda.

— Entra, e vê!...

A donzella não ousou entrar; mas não fugiu; olhava... tremia... quasi chorava...

Ernesto a empurrou de leve com suas mãos que tocaram assim as espaldas da victima.

A victima obedeceu ao impulso doce e amoroso, entrou na gruta, onde havia um banco de relva e apenas meia luz...

O seductor seguiu-a, e disse com antecedade voluptuosa e chola de criminoso contagio:

— Olha o banco de relva!... é teu!... toma posse d'elle!... senta-te, anjo da minha vida!... quero beijar-te os pés... ali... beijar-te os pés sómente!... oh!... senta-te, e deixa-me beijar-te os pés, Rosina!...

— Não! não!... marmurou a donzella.

Mas o seductor a empurrou outra vez, doce e terna, com as espaldas dizendo-lhe:

— Anjo de amor o de formosura!... o teu throno é ali!... ali te beijarei os pés!...

A victima deixou-se cahir sentada no banco de relva...

Ernesto ajoelhou-se diante d'ella, abraçou-lhe os joelhos... beijou-lhe os pés... e animado pela tolerancia delirante... ergueu-se ameaçador, e o vulcão prorompeu nas vehemencias da sedução exigente...

A louca donzella em vez de repellir a affronta, os perversos intentos, desatinada, vulcanica, incendiada, estendeu para Ernesto os braços e com as mãos tremulas parecia implorar compaixão.

Ernesto abriu tambem os braços; mas para assenhorear-se da presa...

Mas de subito Rosina soltou um grito de pavor.

— Que é?... perguntou Ernesto.

— Uma serpente... ali vai!... exclamou a joven donzella, apontando aterrada para um canto da gruta.

Ernesto deo-lhe-se dous passos, procurando o importuno reptil no ponto indicado.

Rosina, aproveitando o ensejo, levantou-se rapida do banco de relva, e fuziu para fóra e para longe da gruta.

Ao ruído dos passos precipitados da fugitiva, o seductor voltou os olhos, e viu desfeito o seu nefando estratagemas.

Ainda scintillante de impudicas flammas, envergonhado da tentativa burlada, confuso pelo flagrante desmentido a seus protestos de respeitoso amor, indignado contra si proprio, pois que Rosina cetera á ponto de entregar-se; e só lhe escapara por instinctiva astucia de pudicicia, que elle sem duvida teria facilmente frustrado, mostrando-se mais zeloso da occasião propicia, do que accessivel em taes momentos a qualquer idéa de perigo ou a cuidados de prudencia; Ernesto demorou-se alguns minutos, esforçando-se por ganhar apparencias de serendidade, e imaginando excusas e explicações com que se defendesse da tentativa criminosa, e sabindo finalmente da gruta, viu a formosa moça que meditava melancolica e abatida á sombra de uma arvore.

Não se representam impunemente scenas fingidas, mas vorosimels de affectos tempestuosos e de paixão phrenetica. Rosina estava pallida, e ainda fortemente abatida, á semelhança, porém, dos jogadores, que nas mais fortes commoções que experimentam, acham o mais forte encantamento do seu vicio fatal, esperava ella por Ernesto para rematar, como julgava convir-lhe, esse acto extraordinariamente vertiginoso e potulante da vergonhosa comedia.

A filha de Ursini já se suppunha, mas ainda não era legitima dona do bonito *chalei*, e, embora firmemente decidida a não render-se ao seductor nem por esse, nem por outro qualquer imaginavel incentivo, não queria expôr-se a perder a vantajosa doação, esperando o seu velho apaixonado com os furores da sua justissima raiva, ou com os vexames naturalmente immensos e abyssmadores pela evidencia do crime que elle tentara commetter, e peia irritação que lhe ficara da esteril mas infame deligencia.

Ernesto approxinou-se temeroso da bella e encantadora joven, e animando-se ao observar que ella não lhe fugia, e nem as quer o olhava colerica, disse-lhe em tom quasi de queixa:

— Rosina!... chegaste a desconfiar de mim?...

A filha de Ursini, exagerando com arte o abalo de que se achava possuida, respondeu com ternura, e ainda com indicios de turbacão e de susto:

— Não! Ernesto... a serpente era o meu desvario de amor!...

— Oh!... exclamou o velho.

— Não eras tu que tentavas seduzir-me! não, Ernesto: eu sou justa, e não posso condemnar-te: era eu a seductora!... o meu amor nos ia perdendo... ah!... perdoa-me!...

— Perdoar-te?! oh, minha Rosina!...

A feiçoeira, ou endemoninhada namoradeira, interrompeu o misero velho que a adorava tão sensual e tão delirantemente, fechando-lhe os labios com a rosea palma de uma de suas mãos pequeninas e macias, e enquanto deixava que elle lh'a beijasse com ardor, disse-lhe, confessando fraqueza e medo que confessavam amor, e provavel, e proximo, e já não duvidoso rendimento voluntario.

— Ernesto!... Ernesto!... amo-te mais do que devia... nós não podemos mais estar sós!...

Ernesto lançou-se-hia aos pés de Rosina, se nesse momento não tivesse apparecido Ursini, que vinha encontral-os.

VI

Rosina manobrava com habilidade e subtilidade do namoradeira ambiciosa, tomando para si a responsabilidade e a culpa da flagrante tentativa de seducção na gruta, donde se escapara no momento em que o velho libertino já a contava succumbindo em seus braços.

Ella diâsera a Ernesto:

"A serpente era o meu desvario de amor!

Depois acrescentara:

"Não eras tu que tentavas seduzir-me: era eu a seductora!

E por fim exclamara:

"Amo-te mais do que devia: nós não podemos mais estar sós!..."

Nessa triplíce confissão de opprobriosa fraqueza, Rosina não sómente perdoava o insulto que recebera como se declarava incapaz de resistencia, e até provocadora do seu holocausto, desde que Ernesto, no primeiro ensejo que se dêsse, ou que houvesse preparado, empregasse contra ella o facil incendimento de seus sentidos, ou aquella serpente que era o seu desvario de amor.

Pronunciando-se tão desbriceamente, que só a vehemencia da paixão delirante, obscurecendo-lhes a razão, podia desculpa-la, Rosina tinha feito entrega previa de todas as suas fracas defesas ao seductor que ainda antes do ataque podia assim prelibar infallivel conquista.

Não era heito duvidar da submissão de Rosina: já nem havia combate e opposição a vencer: a victima se allucinara a tal ponto que parecia desejar o sacrificio.

O velho seductor acreditou em tudo quanto a joven donzella quiz que elle ficasse crendo.

O resultado pouco se demorou.

Ernesto era millionario, sempre fôra generoso, contava então sessenta annos, tinha todas as vaidades de velho namorado, presumia-se amado pela bella Rosina, adorava-a com o ardor e a cegueira dos velhos que se apaixonam, e estava certissimo de ser em breve seu amante afortunado.

Tres dias depois daquella tarde de commoções fortissimas passadas no jardim do *chalet*, Ursini realizou a compra deste em nome de sua filha com todas as seguranças para que indisputavelmente só a ella pertencesse, e pagou á vista o preço convencionado.

sem duvida o vendedor sabia quem pagava o *chalet* comprado em nome de Rosina, e della ficou fazendo julzo tão affrontoso, que apenas era menos repugnante do que o conceito em que cabia o pae condescendente e corrompido; Ursini, porém, imperturbavel e sereno durante a transacção, logo que esta acabou e elle recebeu os titulos da compra do *chalet*, correu para casa entusiasmado e como doudo de alegria.

Rosina exultou.

Joanna empallideceu ouvindo a noticia daquella fortuna da filha, ou do principio da sua grande fortuna, conforme Ursini teimava em dizer.

O dia foi de festa para o pae e para a filha.

Para a mãe não o foi: Joanna procurou repetidas vezes o refugio do seu quarto para chorar em segredo: o *chalet* de Rosina esmagava-lhe o coração.

Esse *chalet* parecia á piedosa e infelizmente muito fraca e abatida mãe, e ainda mais esposa exageradamente submissa, um pregão publico da ignominia embora supposta e não real de sua filha, e ella, a pobre que não sabia ter força, e só tinha lagrimas, chorava sobre o desconceito merecido da sua Rosina.

Joanna ainda amava; mas havia horas em que desestimava o marido, reconhecendo que elle tinha impellido a filha para o *chalet*, e prevendo que ainda a impelliria para além do *chalet*.

As entranhas da mãe estavam em revolta contra o coração da esposa...

Esteril revolta!... a esposa obedecia sempre, e a mãe aonnes chorava...

Rosina percebeu a reprovação muda, nobre e dolorosa com que sua mãe condemnava a acquisição abusiva e reprehensiva do *chalet* pago pelo ouro de Ernesto, o homem casado que a amava e procurava seduzi-la; habituada, porém, á direcção absoluta de seu pae, predominada pela idéa da rudeza e da muita limitada intelligência de Joanna, não se commoveu, nem se alvoroçou ao senti-la assim instinctivamente subleuada contra o seu procedimento, e entregou-se traslucada e inconvenientemente ao jubilo indecoroso que lhe accendiam o interesse e a vangloria da propriedade do *chalet*.

Não ha, porém, na vida gostos perfectos: no meio do dia mais brilhante uma nuvem se condensa, e o sol se empalidece contrastado por ella.

Pouco antes da hora do jantar um pobre italiano recém-chegado ao Rio de Janeiro, tomado u serviço de Manzoni, trouxe a Rosina da parte de Marieta um appetitoso prato de ravioli, uma rosa lindíssima em cartucho de papel, e entre o prato e o cartucho uma carta perfumada.

O prato de ravioli era a oração incidente, o cartucho da rosa que allás não trazia espinhos era a oração subordinada, e a carta perfumada que trazia veneno era a oração principal de um portento bem estudado da grammatica da inveja.

Marieta mandava uma setta hervada ao coração de Rosina.

A carta de Marieta dizia assim:

"Rosina, — pouco me custou a fazer do meu *cahido* noeso espilho: tenho já noticias a dar-te, e doe-me que sejam ruins. Estes homens!... Tem paciencia, minha querida; o teu *innocente* e ingenuo namorado é tão falso como os outros, e talvez como o meu *cahido*. A historia da carta e do juramento prestado no pae moribundo foi toda mentirosa para dar apparencias romanescas á mala indigna traição: Angelo não tem noiva de encommenda maternal, nem te ama com aquelle ardor de que por cruel zombaria te deixou a crança. O hypocrita está apaixonado pela filha de um negociante, de quem ainda não sei o nome: tomou-se de amores por ella, tirando-lhe o retrato; lovou trinta horas em quinze dias a contemplar-a *artisticamente* para reproduzir na *zêla* suas perfeições. Isto é positivo. Angelo perdeu o coração e a cabeça, retratando a filha do negociante que tambem parece tomar muito interesse por elle. Esquece o ingrato que te desdeshou, minha querida Rosina!... é um desgraçado, que nem soube

reconhecer o que vales!... ainda se o tal negociante fosse rico, a estúpida preferencia teria explicação que não te offenderia; mas nem isso!... o pae da joven retratada tem fortuna mediotre e muitos filhos!... Angelo é portanto indesculpavel, ou comoremamente tolo. — Esquece quem te esqueceu, Rosina: tu és bella como os amores; só algum Angelo de gosto perverso será capaz de desprezar o poder dos teus encantos. Diverte-te bem com o teu velho tonto e vae tratando de acorrentar um noivo; basta que olhes e que sorrias, como sabes fazel-o!... ah! se eu fosse homem!... adeus; dou-te um beijo em cada face e dez nos labios. — Tua amiga, Marieta: — *Post-scriptum*. — Quando passaremos juntas outro mez?... tenho tanta vontade!..."

A carta de Marieta continha veneno desde a primeira até a ultima palavra. Em toda ella palpitava a infidelidade, o desamor de Angelo para com Rosina, e o abatimento e desvalia desta ante a preferencia dada por aquelle á outra joven que nem ao menos era rica e que portanto merecera mais só por seus dotes pessoas!...

Uma verdadeira e prudente amiga não teria escripto a carta, como a escreveu Marieta; em todo caso havia insensibilidade e faltava delicadeza nesse desengano doloroso desfechado fria e subitamente.

Mas o que Rosina não pensou, porque era difficil imaginal-o, o que ninguem poderia razoavelmente desconfiar, era que Marieta, que se dizia amiga de Rosina, que não conhecia, e não amava Angelo, pudesse urdir uma fabula perfida, inventar uma historia de filha de negociante, de retrato e de amor que não existiam, e que ella sómente engenhara por sentimento baixo, mesquinho, e malefico.

E, todavia, era assim!...

Marieta não tivera espiao, nada procurara saber, nem soubera de Angelo, desejava conhecê-lo, exultaria, se, encontrando-o, conseguisse ser amada por elle! faltavam-lhe, porém, os meios e não tinha esperanza de realizar esse caprichoso desejo, e escrevera a Rosina um tecido de falsidades.

Esta inverosimilhança é a triste verdade dos resultados da mais miseravel das paixões, a — inveja.

A inveja é desprezível e hedionda onde e em quem quer que se manifeste; pela differença, porém, da educação que se dá, e dos destinos que se preparam aos dous sexos, a inveja no homem de ordinario se ombravece disfarçada, quando ha su-

superioridade dos invejados nas artes, nas sciencias, nas grandezas sociais, nos lucros do trabalho, na prosperidade da industria.

Na mulher a inveja corresponde sempre á valdade, á segunda natureza que a educação lhe impoz. A mulher invejosa se enrulvece á vista dos ricos vestidos de outra, considerando e reconhecendo a belleza, observando o amor merecido, vendo o casamento feliz, acompanhando o esplendor e os triumphos, com que se exalta outra mulher.

A inveja na mulher amarrota os vestidos, avulta e faz notar as senões do rosto, e as imperfeições do talhe, e arranha ou despedaça com fundamento ou com aleivos a reputação da invejada.

A's vezes não comprehendels porque uma menina rasga ás escondidas o bonito lenço de renda da outra; porque uma joven donzella conversa em alta voz e perturba a attenção dos que ouvem a arla, que está cantando outra joven donzella; porque a senhora casada se horrorisa do vaidoso, mas innocente agrado, com que outra senhora casada recebe a côrte lisonjeira, porém, respeitosa e contida que sua formosura e seu merecimento obrigam; e explicação é facil: é a inveja que rasga o lenço, que perturba a attenção devida ao canto, e que insinua e provoca suspeitas affrontosas do recato e da honra.

A mulher invejosa, inveja tudo, o bem e o mal, inveja o amor, o casamento, e até mesmo a viuvez ás vezes: inveja desde a côr e o comprimento dos cabellos até os botões ou os laços e o salto das botinas de outra mulher.

Marieta era invejosa; não perdoava a Rosina o thesouro natural da belleza; invejara-lhe o ter merecido o amor meindroso e puro do coração virgem de Angelo, e igualmente não lhe perdoaria a felicidade do seu casamento com o joven pintor.

Escrevendo a embusteira carta, a falsa amiga alimentava a sua inveja, abatendo e contundindo a valdade de Rosina, e aggravando com a intriga e com o seu aleive os motivos que já separavam a donzella loureira e o mancebo honestissimo, para que assim ainda mais difficil se tornasse a reconciliação que de novo e docemente os encadearia noivos e ditosos.

Mas Rosina estava longe de suspeitar tanta e tão extravagante maldade no coração de Marieta, e sentiu-se profundamente ferida lendo a carta da inveja.

— Todavia Rosina era mulher, e logo após o primeiro e grande insulto, foi seu principal cuidado salvar as apparencias altivas da

sua vaidade ante Marieta que provavelmente a estaria suppondo quebrantada.

Ella quiz responder immediatamente a Marieta, e escreveu e rasgou dez bilhetes primeiro que chegasse áquelle que melhor lhe pareceu esconder a perturbação do seu espirito e os vexames do seu desvanecimento de formosa sem rival.

Rosina respondeu nas seguintes palavras:

“Marieta. — Poupa o teu *cahido* ao feio papel de espião: que póde elle *espisar* que me interesse?... oh! sim: houve um Angelo *no outro tempo*...; mas se soubesses que *tentação* me enfeitiza agora!... se fosses homem com esse rosto que tens, talvez... não sei... mas por esta duvida em que estou, vou pagando-te os beijos nas faces e nos labios. — Rosina. *Post scriptum*. — Desta vez é sonho a realizar-se: faze idéa! moço, bonito, elegante e... *abyssmo de ouro!*... vou fazer meu testamento de solteira: que-res que te deixe em legado o meu *velho!*... Não vou roubar-te por algumas semanas a teu pae, porque tenho medo: tornei-me clumenta... has de jurar-me primeiro cegueira — surdez — e palto sem coração. Adeus”.

Não escapou a Rosina que sua letra sahira tremula da mão que tremula crevera;urgia, porém, responder nesses tom a Marieta.

O portador partiu, levando o bilhete da vaidade.

Rosina como que se achou livre dos olhos, da observação fementinamente hostil, de gozo maligno de suas confusões, da compaixão impiedosa e ferina de Marieta, que, embora sua amiga, ora mulher, joven, e tambem presumida de bonita, exactamente pois nas suas condições e portanto sua emula.

Desoccupada assim de Marieta, Rosina entregou-se toda ao estudo *afflictivo* da carta da inveja.

VII

Relendo a carta de Marieta e combinando as informações nella contidas com o procedimento de Angelo, a noiva desprezada raciocinou assim:

O juramento ao pae moribundo, e a esposa imposta no pedido d'além tumulo eram falsidades, com que se desculpara a traição.

Angelo poderia explicar justificadamente sua infidelidade pelos erros e indiscrições de sua noiva: mas despedindo-se della,

e quebrando seus laços, ainda lhe jurára amor, e lhe rendera homenagem a innocência e á pureza que reconhecia nella.

Pôra isso ainda outra falsidade para melhor disfarçar a perfidia.

Já então tinha sido chamado a retratar uma joven donzella, por quem se apaixonára, retratando-a.

Era verosimil.

O pae da joven retratada e amada não é rico, e é ao contrario tão pouco notavel que o espião de Marieta não soubera dizer o seu nome.

Portanto Angelo amou a filha desse homem, e por ella esqueceu aquella que era já sua noiva sem que o dominassem os incantamentos da ambição, e sómente porque o allucinaram os encantos da feliz retratada.

Por consequencia...

A consequencia era horrivel para Rosina. Tinha havido forçosamente comparação e preferencia; comparação da belleza de Rosina com a de outra mulher, a preferencia dada a esta, preferencia injuriosa para a vencida que já era noiva de Angelo.

A filha de Ursini queria antes ter sido desprezada por quembra do seu credito.

A vaidosa rugia!...

Rosina lembrava-se de Angelo com odio feroz, e desejava ver a rival preferida, encontrar-se com ella para, inflammada em sanha, fulminal-a com o seu olhar.

Ella jurava a si mesma que havia de saber quem era essa maravilhosa mulher que parecera a Angelo, que se afigurara a um homem mais formosa do que ella, e fazia votos para que o insolente retratista as visse defronte uma da outra, e se arrependesse, o após o arrependimento estrebuchasse desprezado a seus pés, e morresse amando-a, e ferido pela sua vingança odienta e implacavel.

Ella ardia por tornar a ser vista por Angelo: sem olhal-o, sem attendel-o, passando deante delle esplendida e soberba sem enxergal-o cahido no chão do seu desprezo; havia de ter encantamentos, tentações, prestigio para atordoal-o e endoucel-o, para arrastal-o captivo e empurral-o depois com a ponta da sua botina, como objecto ruim, que se nfasta da passagem, e do que nem se conserva a lembrança.

Mas arrotando-se nesses desejos de vingança, nesses assanhos do odio, nesse embravecimento de vaidade ultrajada, Rosina

perdera o contentamento e o jubilo que lhe causara a doação do *chalet*, e assenhoreada pelo resentimento, e, embora o não confessasse a si mesma, pelo mais ardente ciúme, não pôde, durante o jantar, esconder a seus paes a commoção que lhe angustiava o espirito.

Tanto Ursini como Joanna enganaram-se, julgando adivinhar a causa da preocupação afflictiva da filha: pensaram ambos que passada a primeira e agradável impressão da propriedade do *chalet*, a joven proprietaria experimentava naturaes mordimentos de consciencia, e atropelos de pudor amotinado.

E cada qual, o pae e a mãe, foi dentro de si preparando expedientes, um para fazer dormir aquella consciencia importuna, outra para despertala ainda mais no interesse do pudor que justamente se amotinava.

Depois do jantar e do café era Joanna quem ficava a sós com a filha.

— Rosina, disse ella, bem vejo que estás mortificada, e com bastante fundamento. Esse *chalet* te compromette; é um indício falso de condescendencias desalrosas, que não houve; mas é indício que te pôde fazer mal.

— O *chalet*?... que me importa elle?...

— Que te importa?... minha filha, o *chalet* é teu... e não devia sel-o...

— Oh!... devia!... exclamou Rosina, lembrando a traição de Angelo; devia ser meu!... é melhor assim!...

— Não desvaries, menina; a tua consciencia te illumina, atormentando-te; tu te arriscas demais; olha: por andar em caminho tão tortuoso, já perdeste, ou apartaste de ti o melhor dos noivos...

— Angelo!... murmurou Rosina com um riso convulso de raiva.

A pobre mãe errava ainda uma vez, appellando inopportunamente para a lembrança do amor do nobre mancebo.

— Sim, Angelo, tornou ella; escuta, minha filha, eu não creio naquella carta deixada pelo pae, nem...

— Ah!... Não creê?...

— Não; Angelo fugiu-te porque te suppoz e te suppõe inconstante e leviana... talvez mesmo... perjura...

— Pensa-o?... perguntou Rosina, abafando a colera, e scotindo a carta de Marieta quelmar-lhe o selo.

— Angelo ainda te ama, e se se convencesse da tua innocencia...

— Ah!... sim... uma esperança para mim... elle, porém... espantel-o...

— Poderia voltar...

— Espora talvez que eu o chame.

— Louca!... pois não ha outros meios?...

— Outros meios?... perguntou Rosina sobresaltando-se; por exemplo?

— Se eu me entendesse com a tua madrinha... ella tambem desejava muito o teu casamento com elle...

As faces de Rosina tornaram-se em rosas e fiammas.

Joanna acudiu logo:

Tu serás estranha a tudo; em conversares com a comadre; ella abrirá os olhos ao sobrinho, chamal-o á á razão; e será Angelo que ha de vir...

Rosina não deixou a mãe acabar, e interrompando-a, exclamou:

— Nunca!... antes a morte... antes...

E crescentou dardojando chammas dos olhos em fogo de ira:

— Eu detesto esse homem... é um infame!...

E levantando-se arrebatada, disse ainda:

— Se minha mãe aviltar-me deante do miseravel que me ultrajou...

— Rosina! murmurou tristemente Joanna, tu offendes a tua mãe...

A filha commoveu-se áquella queixa magoada do santo coração maternal...

— Perdão!... disse docemente: mas é que minha mãe não sabe...

— Que é que eu não sei, Rosina?

— Que Angelo é hypocrita, fomentido e traidor!...

— Minha filha, perdoa-me tambem, porque eu não creio no que estás dizendo.

Rosina levou a mão ao seio com rapido movimento, e tirando dalli a carta de Marieta, abriu-a agilmente e aprezentou-a a Joanna.

— Leia! disse entregando a carta.

Joanna sorriu-se.

— Como estás irreflectida e tonta, minha filha!...

Só então Rosina lembrou-se de que sua mãe não sabia ler!... sem confundir-se pelo esquecimento que denunciava extraordinária

abstracção do seu espirito exaltadamente preocupado, ella sentou-se de novo e leu em voz de confidencia a carta de Marieta.

Quando acabou de ler, perguntou:

— E que diz agora, minha mãe?...

Joanna, aturdida com a triste descoberta do novo amor de Angelo, e muito simples para desconfiar da lealdade de Marieta, não soube que responder á filha, e ficava em silencio maldizendo da inconstancia dos homens, quando ao volver os olhos para Rosina, viu-lhe no rosto a expressião vehemente da indignação e do desespero, o comprehendeu quanto deveria estar soffrendo e tor já soffrido aquelle coração de moça vaidosa, e de noiva infeliz desprezada, porque outra mulher pudera superal-a.

A pobre mãe contrangeu-se, imaginando e talvez exagerando o padecer da filha, e para tentar arrefecer-lhe a vehemencia da dôr, deixou ouvi: uma dessas consolações vagas e estereis, que muitas vezes se dizem com o unico fim de crear em uma illusão uma esperança ephemera, que no menos abranda por algum tempo o soffrimento.

— Ora... quem sabe?... a carta do pae não foi invenção mentirosa?... quem sabe se tudo mais que contaram a Marieta não é tambem falso?...

Rosina estremeceu, escentando sua mão.

Joanna, sem que o houvesse de leve pensado, acabava de abrir a alma da filha á suspeita da verdade.

A viva, intelligente e perspicaz Rosina tornou a abrir o a reler a carta de Marieta, reflectiu depois alguns minutos, e já menos exacerbada, disse:

— E' assim, minha mãe: quem sabe?...

Joanna olhou admirada para a filha e perguntou:

— Achas que tenho razão?...

Rosina sorriu-se e respondeu:

— Achel que Marieta é mulher.

— Oh!... exclamou Joanna surprehendida por aquella desconfiança da filha.

— Se Marieta não mentiu, pelo menos empenhou-se em mortificar-me: basta esse empenho para fazer-me crer que ella era capaz do mentir.

— Eu saberei toda a verdade, disse Joanna.

— Não, minha mãe: eu absolutamente me opponho a que vossa mercê falle a minha madrinha sobre este assumpto. Não ha hypothese em que eu deça, dando um passo para Angelo.

Joanna queria combater o vão orgulho da filha; teve, porém, de conter-se; porque Ursini' entrou nesse momento.

O pae vinha a seu turno tratar de vencer as supostas inquietações da consciencia da proprietaria do *chalet*.

O expediente de Ursini' era facil e seguro; estava já muito recommendado pela experiencia: era simplesmente despertar na vaidade o desejo de mostrar-se e de ostentar sua belleza, offerecendo-lhe occasião asada para isso.

— Rosina! disse Ursini' alegremente; abriu-se hontem a exposição da Academia das Bellas Artes: queres ir amanhã de manhã apreciar-a?...
— pergunta:

A resposta affirmativa foi prompta, e seguida logo da natu-

— A que horas, meu pae?...

— Acorda de madrugada amanhã para ataviatar-te sem preparação; sahiremos de casa ao meio dia em ponto.

VIII

Castigo da inveja! Rosina tinha quasi esquecido Angelo, e Marieta urdindo feia intriga para distanciar ainda mais da sua querida amiga o nobre e estimavel mancebo, avivára sómente a imagem d'elle e a lembrança do seu amor no coração voluvel da filha de Ursini'.

Rosina, vacillando entre as suspeitas da falsidade de Marieta e da traição de Angelo, de novo encontrou no seio os germens do amor brando e delcudo e os aguilhões do capricho que a faziam almejar a reconquista daquelle escravo foragido.

O interesse de Marieta em matar-lhe esse amor dobrava o desejo que elle merecia, e dava-lhe o encanto da contrariedade da emula. Se o ser amada por Angelo era dita que Marieta lhe invejara, a reconciliação dos dous noivos e o seu casamento deveriam angustiar e desesperar a invejosa.

Mas se Angelo fosse realmente infiel e traidor?... se a paixão pela joven retratada fosse verdadeira?...

O desvanecimento de Rosina defendia Angelo e se embalava, condemnando Marieta: dola-se menos da perfidia da amiga do que da supposição da preferencia dada a outra joven, que não era bela, e só a venceria por mais formosa.

Todavia, Rosina agitava-se na duvida; não era impossível que Angelo a tivesse atraído e abatido levantando pelo testemunho do seu amor outra mulher acima della!...

Essa idéa era horrivel.

Rosina tinha para Angelo ora desejos ternos e impulsos caprichosos de velo, enfeitá-lo, dominá-lo outra vez, e amal-o, e ser sua esposa, e inebriar-se em mutuo amor, ora odio hedendo de vingativo desprezo, que se misturava com a raiva da rival preferida.

Mas nem por isso a inconsiderada e loureira Rosina esquecera a visita á Academia das Bellas Artes. Entre as imaginações do amor de Angelo, e as conjecturas do seu affrontoso perjurio ella pôde pensar no vestido que lhe convinha preferir, nos adornos mais em harmonia com elle, e no penteado que melhor combinava a moda com o effeito das graças de seu rosto.

Evidentemente Rosina ainda cuidava mais em agradar a todos, do que no fraco amor que Angelo lhe inspirara.

Elle, entretanto, ella pensava em Angelo, pensando na Academia das Bellas Artes: elle era pintor... e talvez estaria lá...

Se o encontrasse... se ambos se achassem em frente um do outro.

Rosina extremou-se no apurado gosto do seu *toilette*, em que consorciou habilmente as apparencias de elegante simplicidade com a louçania rica que obriga a attenção sem excitar o reparo.

Ao meio dia em ponto elle appareceu a Ursini, que, ao vela, exclamou:

— Pela Madona! estás a eclipsar a exposição da Academia! se eu fosse o portelro te negava a entrada.

Rosina corou ligeiramente, e talvez corou de uma fraqueza de que se accusára; porque, adereçando-se, por vezes pensara que era bem possível ir encontrar Angelo na Academia das Bellas Artes.

Ursini e sua filha não tardaram a chegar ao modesto alcaçar artistico.

O concurso dos amadores curiosos era menos numerozo do que devia ser, embora a festa annual da exposição da Academia das Bellas Artes nunca seja rica de obras novas devidas á palhota ou ao cinzel dos nossos artistas.

Mas não pôde ser de outro modo: apenas agora começamos a bruxolear no Brasil o amor das artes, e a indifferença dos

homens ricos apaga o enthusiasmo e soffoca o genio dos artistas que não podem perder tempo e dinheiro em quadros e estatuas que não têm de achar compradores.

Fôra cruelissima injustiça responsabilisar os nossos artistas pela pobreza das exposições: as victimas não devem carregar com as culpas da enregeladora indifferença publica.

Mas a chegada de Rosina tinha produzido sensação, e em algumas certa curiosidade impertinente que podia indicar conceito menos respeitoso; entretanto, a donzella lourelra e vaidosa se affligava nesses dias um pouco desoccupada do effeito que produzia nos seus olhos que a contemplavam, bem que não deixasse de passar em rapido e fugitivo olhar todos quantos entravam, sabiam ou estavam nas salas.

Eram tantos os namorados e admiradores de Rosina que ella teve de sorrir e de pagar furtivos signaes de agrado a alguns que ali a cercaram desde que a viram entrar; abstracta, porém, e como que negligente, attendia aos seus apaixonados muito menos do que costumava, e parecia apenas aperceber-se da teimosa presença delles.

Era como a mulher formosa que se deixa olhar; mas que não quer ver quem a está olhando.

Rosina correu todas as salas com ligeireza que não permittia observação séria dos quadros e retratos expostos, entrou na plinthe, e della sahio sem demorar-se mais de cinco minutos.

Ursini acompanhava a filha, accusando-a debalde da celeridade inconveniente que lhe notava.

— Temos tempo, dizia-lhe Rosina.

— Mas que vemos fazer aqui?... que tens visto na carreira em que me levas?...

A filha de Ursini corou outra vez, ouviu seu pae..

E ainda corou da fraqueza de que se accusava.

Ella não tinha visto nada, porque até então só procurara encontrar Angelo, e não conseguira a realisação da sua esperanza.

Mas... Angelo ainda podia chegar...

— Agora sim, meu pae; disse Rosina; vamos estudar conscienciosamente a exposiçào.

Ella queria ganhar tempo, e trocou a celeridade inconveniente pela exatidão e o mais prolongado e enfadonho de todos os papeis e trabalhos expostos, e ainda daquelles que menos crescimento podiam ter.

Mas Rosina sómente olhava para os quadros e não via senão quem entrava e sahia.

Eram já duas horas da tarde.

Ursini começava a impacientar-se.

Estava elle e a filha na segunda sala.

Rosina contrariada, e ainda insistente esperava... e fingia ver as obras de arte.

Uma voz disse perto della:

— Terá defeitos... mas este quadro é de pincel do mestre.

— A visão do Tasso! disse outra voz; é obra de um pintor que tem vinte e cinco annos; não pôde ser mestre...

— Em tal caso foi inspiração de amor: quem é esse pintor?...

— E' um animal invisível, collega e amigo meu; chama-se Angelo.

Rosina voltou instinctivamente o rosto e viu um velho e um mancebo com os olhos fitos em um quadro em que ella não tinha notado.

Os olhos do velho e do mancebo insinuaram-lhe onde estava a *inspiração de amor*: Rosina distinguu... aproximou-se mais... escolheu a posição mais favoravel, e viu...

Era um painel de imaginação: representava Torquato Tasso preso, apaixonado e delirante, e em perdido enlevo adorando a visão encantadora de Eleonora que parecia como um anjo subir ao céu, e mostrar-lhe no céu o throno puro de seus amores...

O quadro era cheio de sentimento, de exaltação, de transporte indizível na figura do Tasso a adorar a visão querida e arrebatadora... era o Tasso doido; mas doido de amor sublime...

Rosina embeveceu-se, admirando, amando aquelle poeta amante e doido de amor, que era mil vezes mais bello pela expressão do sentimento, do que pela formosura varonil do rosto que allás brilhava com a flamma do genio na fronte, e com a flamma do amor nos olhos, e no semblante accendido...

E logo depois ella viu a imagem de Eleonora que subia ao céu, e como que mostrava no céu, o throno dos amores puros...

Ella viu... e corou pela terceira vez nesse dia... ella viu-se em retrato dissimulado na imagem fantastica e vaporosa de Eleonora...

Não era ella, e era positivamente ella; não era o seu retrato; ora, porém, a sua cabeça, eram seus cabellos ondeantes, seus olhos, seu angulo facial, sobretudo suas espaduas e seu peito, o talhe de seu corpo perfeitamente reproduzido, suas mãos copladas no viço... para não faltar nada o buço elzante coroando o labio superior... era ella, Eleonora era Rosina, e Tasso era Angelo.

Portanto Marieta tinha mentido:

Portanto Angelo amava-a!...

Rosina estava vendo, amando Angelo em Torquato Tasso.

Ella se sentia engrandecida, vingada de Marieta, e de certo modo purificada pelo amor angelico, que a fizera Eleonora naquelle quadro de encantadora e poetica visão.

Rosina tinha enfim visto Angelo, e o tinha visto adorando-a!...

Toda esta scena havia escapado a Ursini que aborrecido de esperar que a filha se fizesse da duplice exposição da sua propria pessoa e da Academia, tinha-se afastado para o corredor, onde conversava com um amigo ou conhecido que felizmente achára.

Mas Rosina demorando-se enlevada em frente do quadro da visão do Tasso naturalmente deu occasião a que notassem o que ella fôra a primeira a notar, e hem depressa reconheceu que estava excitando observações sobre a sua não perfeita, porém muito sensível parecença com a imagem de Eleonora.

Loves e lisonjelhos gracejos murmurados perto começavam a chegar a seus ouvidos. O que tinha sido dous minutos antes advertencia de alguns tornava-se vultoso reparo de todos.

Rosina agradeceu dentro de si os signaes inequivocos do accordo unanimo em achal-a parecida com a Eleonora da poetica e apaixonada visão; mas ou porque não pudesse por mais tempo arrostar a comparação que tantos olhos faziam da sua pessoa com a figura da amada do Tasso, e a malicia motejadora de algumas allusões á felicidade da imaginação do pintor, ou porque satisfeita e alegre quizesse em liberdade dar expansão a seus sentimentos, afastou-se graciosa e serena, como se fosse alheia ao que todos pensavam, e indo ter com Ursini, convidou-o a voltar para casa.

De caminho o pae perguntou-lhe:

— Que aspecto de attracção achaste nessa exposição que to prendeu por mais de dous horas?

A filha respondeu sorrindo:

— Meu pae, não fui eu só que achei... acharam-me...

— Acharam-te?... não entendo...

Rosina não julgou conveniente explicar-se o disse:

— Gostel muito: sinto-me feliz: se vossa mercê condescendesse...

— Em que?...

— Me trazer-me outra vez á exposição... amanhã... por minha bara só...

Ursini viu que tirára grande resultado do seu expediente, e embora principiasse a desconfiar de alguma nova conquista amorosa da filha, respondeu-lhe:

— Pola bem; mas não esqueças que me tomarás emla hora só...

— Salvo o tempo de ida e volta...

— E' claro.

— Ao meio dia em ponto, como hoje...

— Seja.

Rosina estava jubilosa, mas ainda assim Ursini não se uniu a fallar-lhe logo no *chalet*.

Chegaram á casa.

Radiante de alegria e de orgulho Rosina contou á sua mãe o que não era mais segredo na Academia das Bellas Artes.

— O pintor foi indiscreto, disse ella galantemente, mas eu lhe perdôo, porque agora tenho a certeza da falsidade da carta de Marieta.

— E eu tambem já a tinha, respondeu Joanna.

— Já a tinha?... e como?...

— Logo que vocês sahiram, fui á casa de tua madrinha.

— Ah! minha mãe!...

— Socôga: Angelo nunca saberá o motivo que lá me levou; a comadre m'o prometeu e aprecia os teus escrupulos de dignidade; ella, porém, assegurou-me que a historia da moça retratada era um embuste.

— E... só isso...

— Não procurei indagar mais... tu me prohibiste adiantar o menor passo...

— Sim... por certo... não devo...

— Soube apenas que Angelo vivo triste, e parece soffrer...

— Por minha causa... talvez...

— Não sei: elle não se queixa: foi isto o que me disse a comadre.

A noticia da tristeza e do soffrimento de Angelo, em vez de affligir, augmentou a esperançosa ledice de Rosina.

Todavia, o testemunho eloquente, colorido, cheio de luz e ex posto do amor de Angelo não tinha esado a valdade da filha de Ursini: aquella valdade tinha uma vingança a tomar, e já havia planejado vingança de mulher.

Logo depois do jantar, entrou Rosina em seu quarto e escreveu á sua *querida amiga*.

— Marieta. — Fui hoje à *Exposição* da Academia das Bellas Artes: lá que ver o *quem veja*: é um feitiço que me faz voltar lá amanhã. Sobretudo está exposto um quadro delirante... não digo mais... é de arrebatat!... queres arrebatat-te?... passarei por tua casa para levar-te commigo no *meio dia* precisamente. Responde-me, se vás. Se tiveres tempo e occasião, avisa ao teu *cahido* para achar-se na Academia; desejo ver mais esse *quadro*... vivo. Adeus, formosa! abraço-te e beijo-te. Até amanhã... sim?... — Tua amiga do coração. — Rosina".

Este bilhete não tardou a ser levado e o portador trouxe a resposta que a joven vingativa esperava.

— Rosina. — Vou: amanhã ao meio dia me acharás prompta para acompanhar-te. Perversa! ainda que eu tenha hoje occasião, não avisarei o *meu cahido* para não expôr-me a vel-o fugir para tí. Sonharei esta noite com o teu quadro delirante. Cuidado!... não és feliz com os pintores... mas se eu fosse homem e pintor!... adouse! até amanhã: mil beijos em tí, princeza das fadas! tua amiga e tua idolatra. — Marieta. — *Post-Scriptum*. — Não leves o *teu velho* à *Exposição*; seria um crime de *tesa-arte*: manda-o amanhã para o *museu*".

Rosina respirou facil e contente, lendo a resposta de Marieta: Ella ia; ella, portanto, seria obrigada a contemplar, veria ao menos o quadro da *visão do Tasso*.

Era vingar-se bastante o *mostral-o*.

E no dia seguinte á hora aprasada Ursini e Rosina chegaram á casa de Mazzonati, receberam Marieta e seguiram os tres para a Academia das Bellas Artes.

Mas Ursini tinha atralçando um pouco sua filha, prevenindo o commandador Ernesto, seu compadre, da hora da visita de Rosina á *Exposição*.

Ernesto estava lá, e impoz sua companhia ás duas jovens.

Marieta disse ao ouvido da amiga:

— Esqueceste o *museu*...

Rosina, embora um pouco contrariada pela presença de Ernesto, mas desprezando-o bastante para não mudar seus designios, levou Marieta para a sala da *vingança*, e fazendo-a parar deante do quadro da *visão do Tasso*, disse-lhe:

— Vê bem!... é delirante, não é?...

Marieta olhou... viu... empalideceu um pouco, e murmurou:

— Valdosa!... é quase o teu retrato... és tu, apenas dissimulada... és tu!... quem foi o *pintor*?

— Não... não posso ser eu... respondeu Rosina, saboreando a inveja da amiga; não posso ser eu... aquella Eleonora deve parecer-se com a amada do pintor... e o pintor ama a filha de um negociante, de quem não se sabe o nome...

— Ah!...

— O autor do quadro é Angelo...

Marieta enleou-se turbada; mas logo depois dominando-se, e fingindo-se indifferente e zombeteira, disse a rir:

— Querem ver que elle explorou as commoções do passado, ou que tem a mania de amar, fazendo retratos?...

Ernesto interrompeu as duas jovens que se fallavam e exclamou:

— Aposto que as senhoras estão surprehendidas como eu?... aquella Eleonora tem pareconças arrebatadoras!... este quadro ha de ser meu!...

Ursini coçava a cabeça.

Rosina voltara as costas a Ernesto, e tomando o braço de Marieta, a levava para fóra da sala.

No movimento inesperado que fizera para sahir d'onde havia parado por momentos, Rosina viu um homem que se esgueirava pelo corredor.

Ella o reconheceu: era Angelo.

— Este quadro ha de ser meu! repetiu Ernesto; qualquer que seja o seu preço, eu o quero.

Rosina e Marieta seguiram, percorrendo as outras salas da Exposição, e de volta Ernesto que as acompanhava obsequiador e perfeitamente cavalheiro de esmerada cortezia, convidou-as a entrar pela segunda vez na sala, onde se achava o quadro da *visão de Tasso*.

— Custe o que custar, *aquella Eleonora* ha de ser minha!... hei de comprar o quadro!... disse elle.

— Miraculoso e feliz poder do ouro!... observou Marieta, rindo-se.

E a invejosa prelibava o desencanto da *inspiração do amor*, que ia ser comprada pelo velho millionario.

Rosina palpitava ansiosa...

Entraram na sala... aproximaram-se do painel...

E Rosina exultou com transporte de orgulho, enquanto Ernesto e Marietta se confundiam descontentes.

Em um dos angulos inferiores do quadro da *visão do Tasso* estava pregado um letreiro recente, que dizia em grandes e ostentosas letras :

NAO SE VENDE

QUINTA PARTE

I

O quadro da visão de Tasso não fôra sómente ufano triumpho para a vaidade de Rosina: rompia delle revelação eloquente do amor magnifico e indomito de Angelo, que fugindo pundonoroso e nobre á donzella condemnavel por seu procedimento irreflectido e pelo menos equivoco, adorava ainda a sua imagem e a reproduzia na figura da princeza, objecto do mais infeliz e do mais poetico dos amores.

Angelo nem se arreccara de expor o seu quadro: dir-se-ia tão offendido pela amada, e della por isso esquivado, como orgulhoso da pureza do seu amor.

Esta mesma contradicção de sentimentos, a condemnação da amada, e o zeloso culto do amor, dera ainda mais viva animação e esperanças a Rosina, a quem não pareceu difficil a reconquista de Angelo, em cujo coração sua imagem tinha um altar.

A filha de Ursini experimentara de sobra nas passageiras excitações de fingidas e reais ternuras que haviam enchido a sua vida de alguns annos de incontinente namoradeira: nas cartas que lhe escreviam, nos juramentos que prodigalisavam, nos clumes que mostravam, na explosão das paixões, nas tentativas audazes, nas confusões dos desenganos, nos diversos episodios emfim dos seus apaixonados, se pareciam todos mais ou menos uns com os outros. Ella tinha escapado a dez laços de seducção, e havia inspirado outras tantas verdadeiras paixões; mas naquellas como nestas encontrára sempre commoções, sentimentos, flamma, que se assemelhavam aos da vespera, e que se iam assemelhar aos do dia seguinte: era um tropel de amantes, fallando a mesma lingua,

empregando os mesmos gestos, cantando paixões na mesma clave; alguns querendo poetisa-las, mas sem poesia, quasi todos materializando-as na impetuosa e sensual manifestação do affecto.

Angelo se distinguira unico no meio de tantos: desde o primeiro dia o seu culto causara impressão a Rosina pela originalidade; contemplativo, tímido, como que religiosamente respeitoso, parecendo roccar, em cada palavra, no mais doce olhar, offender a innocencia da amada, homem e amando como as crianças amam, levado com arte a confessar-se amante, e já considerando-se noivo, e ainda e sempre delicado e contido até o extremo quasi ascetico da adoração que se tributa aos anjos, o joven pintor começára por parecer mais do que menino tibio, mancebo demasiado novel e ridiculo aos olhos da loureira.

Depois, e quando Rosina mais interessada contava mover a seu arbitrio aquelle animo debil, aquelle coração captivo para realizar de improviso o seu casamento, Angelo, embora commovido e afflicto, soubera mostrar firmeza na resistencia, e vontade forte na decisão tomada, como alguns dias mais tarde ainda se horroril e generoso se ostentara, retirando seus compromissos de noivo sem envergonhar e abater a donzella amada com a exposição dos seus erros, e tomando pelo contrario sobre si a culpa de involuntario perjuro.

Tudo isso era novo para Rosina na serie numerosa de seus namoros, galanteios e amores platonicos; mais excepcional, mais bello, mais lisonjeiro e seductor, porém, era ainda essa religião de amor que Angelo cultivava solleito nos sacrificios de sua alma, essa pureza de terna flamma que só lhe sabia do coração para accender sua palheta de artista, e derramar seu fogo na tela consoladora, no quadro da visão do poeta, apaixonado e delirante, quadro que se expandia; *mas não se vendia.*

Rosina, que a principio zombara do sentimento de Angelo, que por capricho e vaidade almejava vel-o outra vez de rastros a seus pés, que demasiado esquecida ou desestimada por elle, ora o lembrava resentida, ora o olidava occupada com as suas lides de conquistadora immodesta, e com a culpavel intriga interessella em que enredava o commendador Ernesto, ora enfim, tornava a encontral-o em sua memoria realçado em seus dotes, e mais apreciado pela propria esquivança, Rosina, que por vezes já se sentira inclinada por doce e triste pendor para Angelo depois que elle lhe fugira, que por vezes já tinha chegado a pensar que o amava, experimentara extraordinario e delicioso ubalo, contemplando-se

no quadro da visão do Tasso, e no dia seguinte exultara de orgulho e transbordara de gratidão indizível, quando após a declaração presumptuosa de Ernesto, de que por todo preço possuiria o quadro, lera o glorioso letreiro de amor delicado e altivo: "Não se vende".

Desde esse momento o coração de Rosina foi de Angelo.

Mas encanto do orgulho, mimoso filho da gratidão, talvez sua, no desenvolvimento de fraco germen que já existia no solo, o amor de Rosina começava sorenno e bello como aurora, desejoso e tímido como esperança dubia. Ainda era codo para os impetus violentos da tempestade.

Nas jovens e senhoras lourelas, quando o verdadeiro amor lhes rompe franco e perfeito nos corações esterelizados, seccos pelo fingimento, pelo artificio, e pelo abuso da falsificação dos sentimentos, exagera-se indomito, e ao primeiro obstaculo torna-se logo paixão desabrída, e muitas vezes fatal. Dir-se-lhe que é amor-deus castigando assim com incendio infernal as sacerdotizas sacrilegas.

O amor de Rosina era, pois, ainda nascente sentimento no berço do coração, doce affecto a embalar-se entre o desejo e a esperança; quasi que ainda não era amor... era a gratidão em metamorphose a completar-se, a estima a elevar-se em calor... o espricho valdoso a atlgar o fogo...

Rosina ainda não tinha deixado de ser loureira; continuava, como dantes, a animar o cortejo de sua phalange de namorados, ou do thurificadores de sua belleza, que em cartas, em flores, em requiebro, em protestos de paixão eterna, em pedidos de entrevistas que ella fingia deeejar e não concedia, em guerra de dumes, e em criminações ás vezes offensivas, lhe pagavam os tributos de vassallagem á soberania dos seus encantos.

E, mil vezes peor, a filha de Ursini consentia sempre em prestar-se ao galanteio indecoroso e petulante de Ernesto, que cada dia mais abrazado em paixão, e cada dia mais illudido por falsarias esperanças, prendia-se a Rosina, e pobre velho mariposa, queimava-se em um fogo que para elle nunca seria do amor.

Ainda presumindo-se de astuto e de consummado seductor, Ernesto, depois da doação do *chalcé*, rofreara a ardidez de seus extremos e de suas exigencias inflammaveis: apaixonado, mas em tão contido, empenhava-se em tranquilizar a donzella a quem suppunha desorientada por elle, e poupava erupções de sensualismo contagioso e insano para occasião propicia e de antemão preparada, que cauteloso e paciente estava delineando.

Mas em seus contumazes namoros, com que explorava a credulidade e apaixonado incandimento de Ernesto, Rosina não era mais a delirante beriana que exclusiva se abandonava á febre ou ao traçoelro encanto desse vicio da vaidade que assenhoreá a mulher, como o jogo ou o vinho assenhoreám seus habituados. Muitas vezes, no mais vivo fervor de um galanteio, ou no receber da janella o successivo cortejo, e esgares ternos dos seus namorados que passavam, ella suspirava melancolica, e por minutos scismava silenciosa e triste, lembrando-se de Angelo que a amava, e que todavia não procurava encontra-la nem vel-a.

Rosina chegava a duvidar de tanto poder de razão sobre tanta grandeza de amor; havia momentos em que ia até a pensar que Angelo vinha ás occultas vel-a, adoral-a de longo. A' noite, ella observava cuidadosa a estatura e o andar dos vultos que paravam á distancia de suas janellas, ou que pareciam passear aco. lhendo-se á sombra: mas debalde o fazia, em nenhum desses vultos lhe apparecia o mancebo desejado.

Longos dias tinham decorrido depois que Rosina se reconhe- cera na Eleonora de quadro de Angelo: o anno de 1870 havia já começado, e não se modificara o sentimento ou a rigidez severa do joven pintor. Esta contrariedade e a certeza de que era amada, impelliram a impetuosa donzella a um alvitre que até então lhe repugnara.

Rosina determinou encontrar Angelo e o obrigar a vel-a.

O meio se lhe offerencia facil: era ir á casa de sua madrinha ás horas em que o sobrinho de costume acompanhava a tia.

Havia nesse alvitre primeira prova de fraqueza; Rosina, porém, sophismava, dizendo a si propria que Angelo não queria vel-a, porque não saberia resistir-lhe. Demais uma visita á sua madrinha era explicavel cumprimento de dever.

E' claro que Joanna approvou com fervor a resolução de sua filha.

A visita a Clotilde era um empenho arriscado, quasi um combate de exito duvidoso: a adestrada namoradaira armou-se inspi- radamente: agitou seu penteado, deixando soltos e ondeantes pomos cabellos tanto quanto podia ser admissivel, e ordenou e compoz seu fino vestido branco com arte subtil, e com fantastica independencia da moda, de maneira tal que sem ser a copia fiel, reproduziam bastante e obrigavam a lembrar os cabellos, e o vestido da Eleonora da visã do Taaso.

O modelo queria embevecer o pintor com a ostentação de Eleonora viva.

Angelo achava-se na sala e conversava com sua tia, quando Rosina e Joanna entraram: ao ver a sua Eleonora estremeceu e apenas pôde abafar um grito de surpresa.

Rosina estava bella, como o anjo de uma visão ascetica.

Joanna e Clotilde tinham-se abraçado.

Angelo em pé e apoiando-se com a mão direita no encosto do sofá contemplou anelado a apparição de Eleonora...

No seu embevecimento o pintor condemnava o seu quadro: Rosina lhe apparecia mais candida, mais formosa, mais coelete do que a imagem da princeza de Ferrara que elle tinha realizado na sua visão do Tasso.

Mas era preciso descer do embevecimento á cortezia.

Angelo beijou a mão que Joanna lhe offereceu respeitoso, tocou com os dedos na de Rosina.

A banalidade da conversação que foi encetada augmentava os embaraços da situação do modesto mancebo que, não contando com a visita daquella a quem tanto amava, e ainda menos com a caprichosa imitação dos cabellos e das vestes da Eleonora do seu quadro, vacillava aturdido, e passava instantaneamente da admiração ao constrangimento e afflictivo vexame, de arroubos de amor á cahida em degradantes suspeitas. Quasi que não fallava; era incerto se ouvia; era positivo que estava vendo, e sofria.

Rosina mostrava-se como de leve contrariada, docemente melancolica, e lutando com enlelo invencivel; parecia não querer encontrar os olhos de Angelo; tinha-os, porém, encontrado por vezes, o corára, perturbando-se, ao mutuo choque de temerosas vistas.

Clotilde aggravou a porosa confusão de Angelo, dizendo á afillhada:

— Rosina! estás na verdade arrebatadora! mas que fantasia de toilette!... usa-se isso agora?...

A afillhada fez-se vermelha de vergonha e de turbacão e respondeu tremendo:

— Não se usa... não... nem eu vi nunca... foi... capricho...

Angelo passou o lenço pela frente e pelas faces para esconder a commoção que devia estar denunciando-se em seu rosto.

Joanna e Clotilde reataram sua conversação. Rosina abysmou-se em melancolla; mas Angelo nem por isso serenou: parecia-lhe que Joanna e sua tia o observavam furtivamente, e que notavam maliciosas o confrangimento da filha e afilhada.

De subito e como vencendo com esforço potente um encanto doloroso, mas ineffavelmente embriagador, o amante, porém honesto e escrupuloso mancebo, levantou-se, e balbuciando confuso mal imaginado pretexto, despediu-se e retirou-se.

Joanna e Clotilde olharam-se, parecendo interrogar-se e pedir explicação.

Rosina ficou pensativa.

II

Angelo não se retirára tão cedo que não houvesse dado a Rosina tempo bastante para examinar e estudar sollicita a impressão que lhe havia causado e o que devia esperar da luta evidente do poder do seu amor e da força da sua vontade.

A impressão fôra profunda e manifestada involuntaria, mas ampla e vehementemente.

A vaidade da loureira não poderia ter ambicionado mais.

O resultado da luta entre o amor e a razão se annunciára duvidoso no quadro vivo dos estragos já produzidos.

Angelo tinha emagrecido notavelmente, e sua pallidez natural, ainda mais pronunciada, era contrastada pelas olheiras roxas que se desenhavam sob as palpebras inferiores denunciando vigílias acabrunhadoras; havia nas suas faces sulcos cavados pela magreza, que se indicavam leitos de corrente de lagrimas, e na contracção do seu rosto, no brilho de seus olhos, em seu respirar difficil, se adivinhava fundo e abatido padecimento gastador da vida.

Rosina vendo assim, tinha-o achado bello.

Naquellas ruínas estava ostentoso um monumento de amor.

Mas tambem nellas se revelava a potente resistencia da vontade: havia ali a razão esmagando o coração.

A retirada de Angelo, que apenas cedera um quarto de hora ao dever da cortezia, e que pudera triumphar do prestigio e do encantamento da presença da sua amada, marcava as altas proezas do sorprendente dominio que elle exercia sobre si mesmo, sobre os seus mais ardentes affectos.

Esse homem que amava tanto, que dentro em si parecia ex-citar o fogo do seu amor, que o expandia em suas obras de arte, o que fugia da mulher amada, e a reprovava, era um arcano indescifrável pela extravagância e contradicção dos sentimentos.

Rosina não comprehendia esse culto de requintada ternura de mistura com a rejeição da amada; presentia, porém, no apparente absurdo uma subtil delicia de alma superiormente distincta, de sensibilidade exquisita, sublime, que ella encontrava pela primeira vez.

A dôr, a offensa, sempre imperdoavel para a mulher, de um desdem á sua belleza, não a revoltava mais: Angelo era o fiol, ostentosamente confesso, inspirado adorador de sua graça; soffria, atormentava-se, arruinava a saude, annuviava a vida por não poder deixar de amala, e a propria incoherencia desse affecto tão fatal e tão zelado com o proposito renitente de não buscála, nem querelá, amotinavam Rosina e faziam sentir o que elle nunca tinha sentido.

A donzella loureira tocava a hora do seu castigo. Pobre sa-crilega de amor!... pobre namorada por passatempo e vaidade!... pobre fingida amante de comedia e pantomina!... Rosina tinha ido á casa de Clotilde já com suave e grato pendor para o mancebo de quem por muito tempo zombara; encontrára-o abatido e deeffigurado, de vera achalo mais feio do que dantes, reconhecera-se muito amada, mas ovidentemente desestimada, e, peor do que isso, evitada, e voltára da visita feita á madrinha trazendo o coração em ancioso e inexplicavel abalo, a alma em captivo anhelante do senhor, e imaginação em sonhos doudos.

Rosina pensou que enfim acabava de sentir amor: sentia-o com effeito; mas o que ella não pensou foi que o seu amor ia degenerar em paixão.

E' a semelhança de Ernesto, que ainda depois de allucinado pelas artificiosas fascinações de sua garridice, continuava a presumir-se de abalidado seductor, contando apanhala por fim nas rédes lascivas calculadamente tecidas, Rosina que já amava Angelo, e que por isso mesmo tinha já perdido a seguridade e a frieza para medir, exagerar e retrahir os invites, provocações, e tentadoras armadilhas de namorada, ainda se lisonjeava com a idéa de combinar o sentimento com a arte de agradar e enfeitigar, de modo a destruir a relutancia do amante offendido e agastado.

Com effeito, alguma razão tinha Rosina para esperar que elle acabasse por se confessar submittido: não era natural que o seu amor tão generoso e inexcedivel sendo assim tão estimulado pelas ternuras e pela amorosa compuncção da amada pudesse resistir altivo e rancoroso.

E pois que ella já havia dado o primeiro passo, não lhe custava mais ir além.

Ir além era simplesmente voltar á casa de Clotilde: para isso apenas contrariava um pouco a Rosina a confissão de seu quebrantamento a Joanna; mas no seio materno ha sempre indulto e justificação para as filhas.

A nilhada sob a protecção e na companhia de sua mãe ampliava visitas á madrinha e em resultado o seu amor, posto em prova na adversidade e nos contrastes, encandecceu-se, e transpoz os limites dos affectos suaves e contidos pela razão.

Angelo desertára da casa da tia, ou se mostrava sómente a horas em que Joanna e sua filha não costumavam apparecer.

Rosina tinha já perdido assim cinco visitas. Era patente o proposito de Angelo em evitá-la.

A filha de Ursula metamorphoseava-se: tinha dias de raiva, mas na sua raiva crepitava a paixão; sempre inconsequente e exaltada, levava o espirito contradictorio, e as surpresas das extravagancias de sensibilidade até o extremo: de ordinario, triste, irascivel, quando chegava á janella, e chegava muitas vezes ansiosa, e com olhar ardente do anhelos a investigar a rua, era de incrível indifferença, ou de desprezo efuzado para quantos de costume lhe haviam merecido requebros; e recebendo o infallivel Ernesto, havia momentos em que dava á aspereza da repulsaõ proporções de descortezia.

Em uma tarde, na qual desmorteado, apprehensivo e sobrealzado pelos desabrimentos e rigores de Rosina nos tres ultimos dias, o misero velho, para abrandar-lhe a inclemencia, lhe offerocera de presente um medalhão com o seu retrato cercado de magnificos brilhantes, Rosina ainda mais intratavel do que nas tardes precedentes, e ultrajando todas as conveniencias, recebeu o medalhão com movimento febril, e indo precipitada para dentro, voltou logo depois, trazendo em uma das mãos os brilhantes da corcadura desengastados, e na outra o retrato maltratado pela violencia do processo.

— Reportamos o presente!... exclamou ella em pé deante de Ernesto estupefacto; leve o seu retrato que doedenho; ou ficome com os brilhantes que têm valor!

— Rosina! tu m'insultas!...

— Não entende isto?... é em um apólogo a historia toda dos nossos amores. Que lhe aproveite o apólogo.

E voltando as costas, foi passar junto da cadeira onde estava o chapéo de Ernesto, e atirou dentro d'elle o retrato e os brilhantes.

Mas logo, no dia seguinte, os aturdidos namorados de Rosina a encontraram á janella mais do que expansiva e fagueira, e saudaram a galanteadora, radiosa de provocações, atrevida nas modas, insensata no esquecimento do decóro.

E o velho que provára descomedida offensa, Ernesto que se não fóra a mania amorosa, sensual, e dominante dos velhos ridiculamente mettidos a seductores, não ousaria tornar a apparecer a Rosina, perfeitamente tranquillizado por Ursini que expli cara desbrosamente o proceder da filha por susceptibilidade excepcional e morbida com certeza serenavel, voltou paciente á expôr-se á experiencia, e maravilhado exaltou suas esperanças, e de novo teve por segura a seducção da donzella que fervente e delirante do amor entregou-lhe as mãos aos labios, disse-lhe loucuras, e mil vezes mais seductora que o seductor, quasi se protertnou escrava, e fez-se perdoar o ultraje insolito da vespera pela tempestuosa explosão de affectos apaixonados na tarde immediata.

Mas ainda no outro dia a susceptibilidade que Ursini declarrara excepcional, morbida e com certeza serenavel, voltava em reacção fervente que exasperava Ernesto.

Rosina tornára-se incomprehensivel para Ursini que debalde a interrogava, coçando a cabeça.

Albino não era mais recebido pela familia de Ursini: Rosina se negára á simples tolerancia da sua presença.

O pue começava a fazer concessões nos tardos escrupulos da filha no empenho de conseguir della mais prolongada condescendencia em fingir-se amorosa do seu compadre rico.

Mas para Rosina ia avultando em casa outro motivo de contrariedade e de irritação que allás em outro tempo, bem poucas semanas antes, lhe teria sido fonte de entretenimentos e de variedade de distrações.

Propicio se inflammava de paixão pela sobrinha, e inspirado a seu modo o namorado conforme sua educação, e seus impetos

de má companhia, tinha uma giria que escabrosa arranhava os ouvidos de Rosina, e explosões de clumes em que a rudeza da palavra era apenas igual á insolencia dos pensamentos e das suspietas.

Observação inaudita, ou pelo menos inesperada, Propício, o brutal ostentador de seu odio *aos ricos aristocratas*, o orgulho propalador da sua dignidade pessoal, e de sua condição de tio, que o levára a declarar a Joanna que faria Ernesto descer a ponte-pés a cascada da casa da familia, esquecera em seus clumes o *rico aristocrata*, e, adirinhando a verdade, lançava em rosto á sobrinha o seu amar *peio mais miseravel e indigno dos pintores*, e exagerando a inconveniencia, que elle chamava escandalo publico, da exposição do quadro da *visão do Tasso*, que, dizia, provocára a murmuração de toda a cidade, jurava tomar contas a Angelo e impedir a sobrinha de se *encanaihar*, casando com elle.

Rosina desprezava soberanamente Propício; mas impacientava-se com as suas teimosas e exigentes pretensões de affeição e de casamento, e ainda mais com as inexplicaveis apprehensões e temores vagos de sua mãe que procurava induzi-la a illudir o tio, ouvindo-o sem excitar-lhe furor e desespero pelo menospreço do seu affecto e do seu empenho.

Essa luta domestica se aggravava de dia em dia, porque Propício tinha já desconfiado do verdadeiro motivo das visitas amfudadas a Clotilde, e as estorvava, quanto podia, voltando muitas vezes para casa pouco antes de anoitecer, e disputando a sahida á sua pobre e fraca irmã.

Joanna não sabia explicar como o irmão dantes tão, justamente revoltado contra a frequencia de Ernesto junto de Rosina, não mais se preocupava disso, e a deixava em inconveniente abandono ás horas em que de costume chegava o commendador e *rico aristocrata*, ao mesmo tempo que vinha logo depois embarcar as visitas a Clotilde.

A irmã estava perdendo o unico pretexto que zelara para exaltar um traço ao menos do caracter do pervertido mancebo; já enfim ella propria punha em duvida o orgulho brutal, a que chamava dignidade e nobreza de Propício.

Rosina accendia-se em ira, vendo-se como que guardada á vista e prisioneira do tio, o obrigada a ceder á sua imposição pela fraqueza e temerosa condescendencia de sua mãe.

Este novo obstaculo excitava muito mais os seus desejos de tornar a encontrar-se com Angelo.

O cuidado de v
Joanna, tamb
assim perdia b

Um dia, era qua
com a irmã p
atamentos da
bera e princip
Quando á jan
do horizonte pr
O ar estava pes
— Boa noite!..
E sabia a rir,
grata.

— Mas quasi logo
— Vamos, minha
— Minha!... e

— Hei ou nun
— Mas... teu p
— Só voltará po
— Já chove...
— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

— Hei ou nun
poco depois a
em que apena
para que moross

O cuidado de vigiar a sobrinha, e de obstar que ella sahisse com Joanna, tambem contrariava extraordinariamente a Propicio, que assim pardia horas de biliar, de orgias e de actividade villosa.

Um dia, era quase noite, e Propicio carrancudo e enfeado ralhava com a irmã para desferrar-se dos desprezos e dos colericos arrebatamentos da sobrinha, quando toldou-se aos poucos a atmospheria e principiou a choviscar.

Chegando á janella o calaceiro sorriu-se, saudando a negritão do horizonte prehe de borrasca imminente.

O ar estava pesado, e ouviam-se trovões longinquoos.

— Boa noite!... exclamou Propicio, tomando o chapéo.

E sahio a rir, deixando a chuva e a trovada de sentinella á sobrinha.

Mas quasi logo Rosina levantou-se do sofá e disse a Joanna:

— Vamos, minha mãe!...

— Menina!... com este tempo!...

— Hoje ou nunca.

— Mas... teu pae...

— Só voltará pela madrugada; minha mãe o sabe.

— Já chove... é uma loucura!

— Hoje ou nunca, repetiu Rosina.

Pouco depois a mãe e a filha sahiram, aproveitando um momento em que apenas cahiam das nuvens gottas intermitentes da chuva que morosa se preparava a romper das cataratas do céu.

III

Rosina obedecera a dous impulsos; ao prazer de praticar o contrario do que Propicio calculára e a esperanza de achar Angelo em companhia de sua madrinha, exactamente porque elle não poderia pensar que duas senhoras sahissessem de passelo ou em visita com semelhante noite.

Quando Joanna e sua filha chegaram á casa de Clotilde, já outra vez chovicava mais forte, e trovejava menos longe, amfudando-se os relampagos.

Rosina muito medrosa de trovoadas fóra até então quase indifferente a essa que começava a ribombar; mas entrando na sala, mal pôde beijar a mão da madrinha, e deixou-se cahir abattida na cadeira mais proxima.

Era um ralo que a tinha quase fulminado: era Angelo que não estava lá...

Ciottilde ou enganou-se ou fingiu-se enganada, e procurou tranquilisar a afillhada, a quem considerou possuida de terror pela tempestade.

Joanna guardava silencio, olhando tristemente a filha.

Rosina, a valdeza, chorou...

E a chuva augmentava, e a trovada francamente rugia já, avizinhandose terrivel.

As tres senhoras começavam a tremer.

Ninguem mais passava na rua...

Alguns minutos se arrastaram gosados o aparentemente longos como se fossem horas e de repente ouviu-se o ruido da agua que cahia sobre um chapéo de chuva: a porta da casa abriu-se e Angelo entrou.

Duas vozes o saudaram com ardente gratidão, as de Ciottilde e Joanna. Rosina não pôde fallar; mas convulsou, e em nervoso abalo, estancou-se-lhe o pranto, e por momentos ella ficou como estatua.

O mancebo sacudiu de mais o manto que trazia, e que emfim depoz sobre uma cadeira: surprehendido pelo inesperado encontro de Rosina, e incapaz de dominar no primeiro momento sua commoção, puzera-se tontamente a cuidar do manto para cuidar de si.

Angelo, ao presentir a tremenda borrasca, tinha lembrado sua tia, tão só, sem amparo, e com a certeza de achala sem companhia em noite de tempestade, correrá para seu lado.

Rosina reflectira, advinhara portanto com esse dom de videntia subtilissima, de intuição admiravel que na mulher é um instincto.

Angelo não podia retirar-se em prompto nessa noite: havia de ficar ali preso pela borrasca, e pelo dever de protecção, ou de cuidado a que tinham direito tres senhoras.

— Ainda bem que voste!... foi Deus que te mandou; disse Ciottilde.

— Foi Deus!... repetiu Joanna.

— Foi...; murmurou Rosina.

Angelo acabava de notar a pallidez e o tremor da dónzella, objecto do seu primeiro e unico amor, e de todo esquecido de dolorosas offensas, tomou-se daquella suprema compaixão, daquelle immenso interesse piedoso, em que ás vezes se expande disfarçado e impuse o mais terno dos sentimentos.

Ciottilde
 — Vê o
 Angelo
 e segurança
 — Porq
 não ha peri
 — Tenh
 — E n
 A jovem
 gano apert
 — Já
 aperto da
 Rosina
 — Perce
 E abai
 Angelo
 i formosa
 tia, cõa
 bella, esta
 que se
 de terror.
 Com et
 rovar a t
 da dolorosa
 Angelo ao
 a sensibili
 mais viva
 I cad
 um movim
 tambem re
 Já não
 fosse, teria
 buscado in
 e talvez p
 Já um
 era abai
 de Ang
 ando do
 amaje.

Ciollide impelliu o sobrinho para a afilhada, dizendo-lhe:
— Vê o terror desta menina!...

Angelo foi sentar-se junto de Rosina, e fallou-lhe com doçura e segurança:

— Porque treme, minha senhora?... a trovoadá está longo... não ha perigo...

— Tenho medo!... disse Rosina.

— E nesse instante rebentou pavoroso trovão.

A joven senhora soltou um grito, e com ambas as mãos segurou apertada e nervosamente o braço de Angelo.

— Já passou!... disse este que estremecera ao toque e ao aperto das mais bellas mãos grossas ao seu braço.

Rosina retirou as mãos e balbuciou:

— Perdão... foi medo...

E abaixou os olhos, corando.

Angelo obrigado a dirigir palavras de animadora consolação á formosa joven, a quem tanto amava, e de quem tão resentido fugia, olhava-a commovido, e olhando-a, admirava sua esplendida belleza, suas formas graciosas, opulentas e de harmonica perfeição que se ostentavam sem artificio nos descuidos e na desordem do terror.

Com effeito Rosina, gasta a nervosa energia que a fizera arrostar a tempestade proxima a desfochar-se, e tendo pasado da dolorosa contrariedade que experimentara por não encontrar Angelo ao subito alvoroço causado pela sua chegada, recebia com a sensibilidade já superexcitada as impressões da borrasca na mais viva agitação e desmesurado susto.

A cada relampago, a cada trovão ella instinctivamente fazia um movimento para soccorrer-se a Angelo, e instinctivamente tambem recuava logo, torcendo as mãos com ancia e afflicção.

Já não era a loureira de algumas semanas antes: se ainda o fosse, teria aproveitado o medo para no soccorro explicavelmente buscado inflamar o protector, tocando-lhe o braço com suas mãos e talvez pousando em seu hombro a cabeça.

Já amava, e com os terrores da tormenta se misturavam os seus anhelos, duvidas, e tristes apprehensões de amor: estava ao pé de Angelo, e tremia ao mesmo tempo de dous meios cruéis, do medo do fogo do céu, e do medo do gelo da razão do homem amado.

Mas a chuva cahia a cantaros e a trovoada tornára-se pavorosa: as descargas electricas se succediam deslumbrantes, horribéis, quase sem intervallo, e quase simultaneamente com o ribombar dos trovões.

Clotilde e Joanna rezavam em meia voz.

Rosina nem rezar podia.

Angelo procurava debalde animar as tres senhoras; mas tambem elle dentro de si lutava com a mais vehemente turbacão do animo: quasi que só pelo terror das senhoras tinha consciencia da medonha borrasca; o que, porém, se estava passando em sua alma era outra e bem diversa, angustiosa e deliciosa tormenta de affectos em attracção e repulsão, em relampagos, chammas electricas de amor, e em trovejar reprovador, com que a razão rugia.

— Ah, minha mãe!... exclamou Rosina, erguendo-se e deixando-se outra vez cahir na cadeira a um trovão espantoso.

— Foste tu que quizeste vir; respondeu Joanna sem pensar no que dizia; eu me oppuz o teimaste... foste tu!...

— Ah!... perdoe-me!...

— Já choviscava e trovejava... e quizeste vir por força... eis ahí! eis ahí agora!...

Rosina apesar do seu medo viu um ralo de luz suavissima no rosto de Angelo.

— Minha mãe, disse ella: a trovoada estronda lá em casa, como aqui; e lá em casa estaríamos sós e ao desamparo, quando aqui...

E Rosina ia completar o seu pensamento, olhando para Angelo; mas rebentou horreroso trovão, o a flamma que fulmina parreou por breve instante incendiar a casa e o espaço.

Tres gritos soaram, como se fosse um só grito:

— Meu Deus!...

O proprio Angelo vacillára; logo, porém, observando a proecção e o assombro em que ficara Rosina, apiedado, e, sem o suppór, ternamente impellido e cheio de temeroso cuidado, tomou-lhe as mãos, que estavam geladas, e em vez de inquietar ainda mais as outras duas senhoras com o annuncio do soffrimento da joven quasi desmaiada, aqueceu-lhe as mãos, contendo-as entre as suas, e murmurou-lhe ao ouvido:

— Reanima-se!... a trovoada va passar... ouve-me?... estou a seu lado... nada recate...

Rosina soltou um gemido.

— Ecos a
e mãos: cetero
Rosina volta
das que o seu
— Mas o rab
— Não virá.
estive-se... est
Angelo acabou
e sommar.
Rosina l'ho
— E que pô
— Nada, re
sibilinas. m
Rosina volve
do joven pin
— Obrigada!
E reagido
sur esperaçã
um parida e p
— E se mo
Angelo perd
— Ah!... r
Rosina reco
se na cadeir
no secho daquel
a deu coraçã
Relampejava
est. Incendia-se
se roto, aspira
sua respirado, e
e silenciosos que
apertamente tod
O vento que
três da chuva e
correu na sala, t
à Rosina, que
pô, e bojar pe
tudo e nos labi
prime suave q
A alma de
sua vida em se

— Estou a seu lado — repetiu Angelo, apertando-lhe de leve as mãos; estou a seu lado... reanime-se!...

Rosina voltára a si do assombro passageiro, e sem retirar as mãos que o seu amado lhe tomára, murmurou com voz gemente:

— Mas o raio... se vier outro raio...

— Não virá, graças a Deus; mas se vier outro raio... tranquilise-se... estou a seu lado...

Angelo acabava de dizer uma banalidade que nem tinha som commum.

Rosina l'ho fez notar, perguntando:

— E que póde o senhor contra o raio?...

— Nada, respondeu Angelo; mas a seu lado, se um raio a fulminasse, morreríamos ambos de uma só morte.

Rosina voltou as mãos ainda presas e apertou agradecida as do joven pintor.

— Obrigada!... disse; o senhor me livra do medo do raio.

E reagindo sobre si mesma, em nervoso transporte, que o amor esperançado accendia, pareceu banir o terror, que a prostrava pavida e perguntou:

— E se morressemos assim?...

Angelo perdia-se:

— Ah!... respondeu elle; eu abençoaria o raio.

Rosina recolheu as mãos, cruzou-as sobre o peito, encostou-se na cadeira, e fechando os olhos pareceu dormir embebida no sonho daquella morte, que era, embora lugubre, um enlace de dous corações.

Relampejava e trovejava ainda fortemente e Angelo, irrefletido, inclinára-se para Rosina e embobava-se na contemplação do seu rosto, aspirava o ar que de seus labios de leve entre-abertos sahia respirado, sentia as palpações de seu seio, e as contrações e sobresaltos que a cada troar do raio convulsavam subita e passageiramente todo o seu delicado e formoso corpo.

O vento que tambem sobroviava, juntando o seu zunir ao ruído da chuva e ao bramar terrífico da trovada, penetrando vigoroso na sala, impellia algumas madeiras desatadas do ponteadado de Rosina, que iam muitas vezes revolver-se pelo rosto de Angelo, e roçar por seus labios, deixando-lhe e renovando-lhe no rosto e nos labios a impressão do mais delicioso contacto, e o perfume suave que dorravamavam.

A alma de Angelo, engolfada em dulcíssima embriaguez estava toda em seus olhos que viam e em seu coração que amava,

e nem podia medir o tempo que passava, nem as gradações da tormenta que aliás começara enfim a abrandar.

Com effeito, a borrasca declinava, parecendo afastar-se aos poucos, a atmosphera refrescava, compensando com a sua pureza os perigos e os terrores de uma hora afflictiva.

Clotilde e Joanna já respiravam reanimadas e sem fallar, mas attentas observavam a attitude immovel de Rosina, e o extatis do mancebo que lhe estava ao lado.

Mas de repente Angelo fez um movimento de surpresa seguido logo de seria reflexão.

Elle acabava de sentir na respiração franca o livre de Rosina, no abandono de suas mãos, que lhe tinham cahido inertes do peito para o collo, o que menos pudera esperar naquellas circumstancias.

Rosina tinha adormecido.

Voltando ás prevenções do seu animo, Angelo foi cruelmente injusto: era explicavel aquelle somno ao ar fresco e puro da bonança depois de tantos e tão diversos abalos em uma donzella susceptivel e cuja sensibilidade se exaltára exageradamente nessa noite.

Angelo, porém, que suppuzera Rosina em embevecimento de ternura, e em uma expansão immensa de confiança que lhe fechava os olhos para que ella não visse o relampago que á força deslumbra, mas não temendo mais morrer do ralo, morrendo com o amado. Angelo enxergou naquello tranquillo somno o desmentido claro do medo excessivo da trovoada simulado a principio, e nesse desmentido a probabilidade de artifício imaginado e posto em pratica para mysticalo e preudelo escravo de encantos que se estendiam calculadamente.

A injustiça era castigo da loureira. Rosina abusára tanto de fingimentos de amor, que bem podia ser suspeita de artifício e simulação, quando verdadeiramente amava.

Mas o joven pintor ainda a olhava, e a pobre moça adormecida, sem consciencia de si e toda e só preoccupada do seu terno sentimento, sonhou com elle, sonhou feliz, porém mudo, Rosina sonhou-se amada e sorriu-se; dormindo sorriu-se jubilosa...

Foi mais que nunca formosa, sorrindo assim... foi como um anjo radiante de graça divina...

Coltada! fóra-lhe melhor ter chorado.

Angelo viu-lhe no riso saudação de triumpho, vangloria de namorada, zombaria feita a borrasca, de que Rosina não so

temera, e a elle, a quem inebriára com fomentidas expansões de amorosa fúria, e do destemor do raio pelo sublime consorcio da morte.

Tão susceptível, como Rosina o estivera, desconfiado porque prevenido suspeltava da lealdade e dos sentimentos della, Angelo criminou por indício de embusta bem succedido o rir festivo do amor sonhado ditoso, e passando do extasis a tristeza, levantou-se, e dirigiu-se a Clotilde e a Joanna.

— A trovada acabou: disse elle; foi horrivel, confesso... agora...

— Ainda treveja; murmurou Joanna.

— Longo... já está longe... e aqui a bonança se ostenta: veja, minha senhora!... sua filha dorme tranquilla...

— Dorme?... oh!... como pôde adormecer!...

Angelo sorriu-se com ironia pungente lançada a si mesmo, e tornou, dizendo com intenção desculpôsa, mas com voz involuntariamente estremeçada:

— A's vezes... o medo... faz dormir...

E foi tomar o chapéu e o manto.

— Já?... perguntou Joanna.

— Ainda chove muito!... disse Clotilde; tu não podes sahir daqui com este tempo... seria loucura!...

— Eu gosto da chuva; respondeu estonteadamente Angelo; ó um banho immenso nas aguas do céu que apagam os calores malignos da terra...

E tendo beijado a mão da tia, o apertado a de Joanna, Angelo surdo a rogativas e protestos das duas senhoras, e mansuetamente compellido por tempestuosos affectos, sahiu, atirando-se a inundação das aguas que enchiam as ruas, e que ainda cahlam em torrentes das nuvens que afogavam a terra.

E Rosina ainda dormia, e sonhava felicidade e jubilos o sorrir, sonhando com Angelo a beijala fervoroso o apaixonado em sua noite de noivado, e ella a corar ás suas caricias, e a bemaventurar-se no amor bemaventurado pela benção do Deus.

Joanna não teve animo de despertar a filha; esta, porém, alguns minutos depois exalou um suspiro, e abrindo os olhos voltou-os para o lado, onde estivera Angelo, e em seguida por toda sala.

A pobre mãe disse:

— A trovoada acabara: tu dormias; elle deixou-nos.

Rosina tornou a cerrar os olhos e confrangeu-se tristemente.

Passára do mais lisonjeiro sonho á realidade mais descon-soladora.

Adormecera com jucundas esperanças para despertar ante cruel desengano.

A desillusão era acerba e fera.

IV

O commendador Ernesto, que desde muitos dias andava triste e mostrava-se desconfiado de estranha e indecifrável alteração nos sentimentos de Rosina, entrou inquieto e com visível perturbação na officina de Ursini.

— Bom dia, compadre! disse de máu modo e sem offerocer-lhe a mão.

Ursini saudou-o reverente, e logo perguntou:

— Compadre... senhor compadre!... que tem vossa excellencia?... parece-me contrariado...

— E muito. Venho fallar-lhe franco: estamos só?... ninguém poderia ouvir-nos?...

— Póde fallar; não ha risco.

— Compadre, ou você me engana, ou somos ambos enganados.

— Eu?... pela Madona!... eu sou do senhor compadre em corpo e alma.

— Ainda o creio; mas então...

— Quem nos engana?...

Ernesto tirou o lenço e enxugou o suor que lhe banhava a fronte: depois disse:

— Franqueza: sabe que amo sua filha...

— E que ella o ama tambem; mas...

— Eu queria tornal-a feliz... enriquecê-la... casal-a...

— Ah! já sei... é a repulsa do Albino... capricho de moça... arranjarêl outro noivo...

— Já está arranjado; disse Ernesto com rispidez e colera.

— Já?... sem eu o saber?... ah, senhor compadre!... dá-me licença para duvidar uma vez da sua palavra honrada.

— E' mais que certo.

— Então quem é o feliz?...

— Temos um inimigo dentro de sua propria casa...

— Como?... que diz?... inimigo em casa?...

E em movimento instinctivo e irreflectido Ursini exclamou:

— Propício!...

— Elle mesmo; respondeu Ernesto.

O italiano coçou a cabeça por alguns momentos: depois tornou, dizendo:

— Propício é capaz de tudo: mas juro que minha filha o despreza.

— Sua filha!... e a crueldade com que ella me trata desde algumas semanas?...

— Eu supponho que é delirio de paixão e atropelo de pudor e de honestidade; disse aquelle paes immoral e escandaloso.

E acrescentou immediatamente:

Rosina o iguala a Albino: tenho certeza disso.

— Sim?... o eu que estou em horribel apuros?

— Porque?...

— Um tormento do inferno!... uma scena conjugal!... minha mulher que é imperiosa, altiva, e de um genio... aqui para nós... diabolicamente vingativo e absoluto, declarou-me hontem que sabia de nossas intimas relações e da protecção que eu dispensava a sua familia.

— Oh, diabo!... senhor compadre...

— E sem indicar suspeita alguma, nem ciumes, porque em sua soberba nunca se abaixa a isso: mas evidentemente ciumenta e furiosa até as pontas dos dedos, disse-me que o compadre tinha um cunhado de nome Propício, que amava Rosina e desejava desposal-la; que esse Propício procurara sua protecção, e ella lh'a promettera, concluindo enfim por declarar-me que me encarregava de promover o casamento e de dotar a noiva.

Ursini conteve um impeto de colera.

— Tem razão, disse; eu guardo um inimigo dentro de casa; mas hoje mesmo...

— Que quer fazer?...

— O que é indispensavel; pô-lo fóra...

— Não faça tal, compadre!... exclamou Ernesto; você não conhece minha mulher!

— Perdão... mas não ha hypothese em que eu convenha em semelhante casamento.

— Entretanto, minha mulher exigirá de mim que o faça realizar: eu não me engano... ella me suppõe... apaixonado de dona Rosina... e quer vingar-se, obrigando-me a casala com seu cunhado.

— Propicio é vadio, esbanjador, corrompido; aborreço-me tanto, quanto eu o aborreço; Rosina o tem em pessima conta: o casamento é impossivel.

— E por ventura e desejo eu!...

— Que pretende então o senhor compadre?...

Ernesto hesitava em confessar claramente o imperio absoluto que Amella exercia sobre elle, e a posição mesquinha que pela sua soberba e pretensões de superioridade jerarchica de nobreza ella lhe impunha na sociedade conjugal; mas obrigado a explicar-se, foi confessando tudo entre desculpas, e reticencias, e acabou sem ainda dizer o que de Ursini queria.

— E em resultado?... perguntou esto.

— Em resultado... não sei... minha cabeça já não governa, Compadre!... haverá meio de me tirar deste embaraço?...

Ursini encolheu os hombros.

Ernesto proseguiu, dizendo desassocgado:

— Eu trazia duas angustias no coração: julgava que dona Rosina e Propicio estavam combinados; o compadre livrou-me dessa suspeita cruel!... mas a exigencia de minha mulher!...

— Abi nada posso eu; disse Ursini.

— Amella está habituada ás minhas condescendencias...

— Resista uma vez, senhor compadre.

— Oh!... o o que ella pensará de D. Rosina e de mim? e o que fará em seu arrogante furor?... e todavia que injustiça! tenho sido tão desgraçado!...

E o velho amoroso e ridiculo sem ao menos poupar-se e poupar o, embora infame, pae de Rosina, a repugnante expansão de seu accordo, apertou com ancia as mãos do compadre e repetiu:

— Ainda tão desgraçado... tão desgraçado!...

Ursini, o miseravel, teve vontade de rir; mas contendo-se, disse com incrível desbrío:

— Como?... desgraçado?... e Rosina que endoideceu pelo senhor compadre, e que está com um genio intoleravel!...

— Eu que o diga! murmurou o velho.

— E porque?... desespero por não poder ser esposa de quem ama!...

— Ella lh'o disse?...

— Mais de cem vezes o tem dito; mas é tão honesta!... senhor compadre, não a acha mais magrinha e abatida?... eu tenho medo de vela adoecer.

Ernesto, o velho namorado, acreditava em tudo que lhe lhe sonheava a paixão. Inebriado pelo que ouvira a Ursini, alentou-se, sorriu á esperança, e mais calmo voltou á sua grave questão.

— E a maldita intervenção de minha mulher!... que casamento! importuna! compadre, recebi a primeira abordagem esta manhã...

— E que respondeu?...

— Que havia de responder a minha mulher?... que suppunha ser facil effectuar o casamento, desde que eu me prestasse a dotar a noiva.

— Ah, senhor compadre!...

— Ainda não tive socorro para reflectir: se eu suspeitava da bella Rosina!... mas agora... reflectamos ambos... procuremos uma sahida... ajude-me...

— O caso não é desatado... temos tempo...

Ernesto disse de mau modo:

— Engana-se: minha mulher desata logo todos os casos...

E poz-se a passear ao longo da officina.

Ursini acompanhava Ernesto com os olhos, e esperava o resultado de suas reflexões.

O plano souu nesse momento: Rosina tocava uma musica triste, severa, e cheia de expressões de dôr acerba.

— Aquillo inspira! atreveu-se a dizer o pae desnaturado, disfarçando no tom serio a mais vil zombaria.

O velho tinha já estacado, e escutou immovel a musica até o fim.

Quando Rosina acabou de tocar, elle deu um passo para Ursini e disse:

— Sim... inspira...

— Concebeu alguma idéa?... foi mais feliz do que eu.

— Compadre, positivamente seu cunhado é vadio, vicioso, e esbanjador?...

— Positivamente.

— Amará elle doréas sua filha?

— E' incapaz de amor honesto: sentin cheio do chalet, e de esperança de dote: estou prompto a jural-o.

Ernesto chegou-se para Ursini, e sorrindo-se perguntou:

— Não pôe duvida em ajudar-me a representar uma comedia?...

Ursini teve outra vez de vencer a vontade de rir.

— Eu adoro as comedias; respondeu.

— Compadre, tornou-lhe o velho; eu, você e D. Rosina estamos desde este momento inteiramente enthusiasmados pelo casamento proposto e exigido por minha mulher.

— Conforme: vejamos o mais...

— Você em vez de despedir de sua casa, agrade; seduza e domine seu cunhado...

Ursini começava a adivinhar e a fazer conta de lucros.

— E o melo?... Propicio é intratavel...

— Ha de tornar-se submisso...

— Como?...

— Letra aberta: dê-lhe dinheiro e prometta-lhe mais sob a condição expressa de mudar de noção e de intenções: faço-o tomar outra noiva, e garanta-lhe dote igual ao de sua filha: seja elle quem nos ultraje com a sua inconstancia e desprezo, e quem revolte minha mulher com o seu estouvamento, e a sua indecorosa extravagancia. Que diz?...

— Que é de mestre; mas deve custar caro.

— Que me importa a despeza!...

— E' que o senhor compadre só se lembra de Propicio!... isso é facil: por dinheiro elle fará tudo...

— E além de Propicio?...

— Rosina se prestará a entrar na comedia?...

— E de que serve a influencia do pae?...

— Ah!... já está gasta de mais!... mal pensa os transees em que me vejo; mas enfim... eu não recuo... entretanto...

— Diga...

— O senhor compadre deve ser mais paciente... e mais sôlido... não tome tão ao serio as impertinencias, os enfados, e as horas de escabroso tratamento, com que Rosina o exaspera; collinda!... quem mais padece é ella!...

— Ainda bem que me consola, dizendo-me isso!...

— Teimo em ser amavel apesar da acerbidade dos modos da menina... não a esqueça, nem se esqueça de honjeal-a com alguns signaes de sua lembrança e cuidado... ah! eu vejo como

ella fica adg
de vem...
ria... é secr
— Diga-m
— O dia
finja que o m
traga-lhe uma
simples botão
— Obrigad
advinhar...
— Dese m
há sentir...
— E Propic
— Havendo
— Assim a c
— Ah, senh
igual: é o po
sic: salve os e
— E o seu su
— Seguraste
— Compadre,
meu dote: de
— Sem rper
pudo por Propic
Ernesto apert
esperanças e choc
Levava o cora
tapa de mais: já
holhosos e proce
em a doce aspect
linda, a despenha
seu protegido.
Mas Ernesto es
comprehendêrê
bahi.
Com toda a sua
de lo mesmo mo
que não inclinad
Propicio podia ter
a sua infancia rec

ella fica adorando qualquer enfeite ou prenda, que do senhor lhe vem... é um delírio... não me convem dizer mais... todavia... é segredo... Rosina não quer que se saiba...

— Diga-me!...

— O dia de seus annos chega... é... depois de amanhã... finja que o não sabe... mas depois de amanhã... por acaso... traga-lhe uma flôr... um ramalhete de amores-perfeitos... um simples botão de rosa... faça de conta que adivinha...

— Obrigado!... obrigado, compadre!... eu hei de saber adivinhar...

— Dese modo minha influencia de pae mais facilmente se fará sentir...

— E Propício?...

— Havendo dinheiro a dar-lhe, fayas contadas.

— Assim a comedia que imaginei...

— Ah, senhor compadre! a sua comedia não tem nada de original: é o poder do dinheiro resolvendo as difficuldades da vida: salvos os episodios, no fundo a comedia é trivial.

— E o seu successo?...

— Segurissimo: o ouro puro ainda não falhou.

— Compadre, você me dá alma nova! posso contar com o seu concurso dedicado?...

— Sem reservas: ajude-me a dar juizo a Rosina, e eu respondo por Propício.

Ernesto apertou ambas as mãos de Ursini e gabiu da officina esperançoso e encorajado.

Levava o coração com um peso de menos, e com uma esperanza de mais: já não pensava que Rosina o repellia inconstante, deadenhosa e procedendo de accordo com Propício; e embalava-se com a doce expectativa de zombar impunemente de sua mulher, fazendo-a desapontar com o logro petulante em que a deixaria o seu protegido.

Mas Ernesto estava longe de esperar a estranha, divorea o surprehendente ordem de idéas a que seria levado nessa mesma manhã.

V

Com toda a sua dureza o ferro é gasto, destruido pela ferrugem: do mesmo modo as melhores disposições naturaes, o caracter mais inclinado ao bem não resistem á corrupção dos vicios.

Propício podia ter sido homem nobre e distincto na sociedade: em sua infancia recebera, da irmã somente, lições de virtude

e em extremos do amor germens de presumpção do seu merecimento e de boa opinião de si; tivesse a educação dos últimos annos da segunda infancia e dos primeiros da adolescencia desenvolvido as noções da virtude, e dirigido prudentemente a presumpção de maneira a corrigil-a e a tornal-a simplesmente dignidade. Proplício teria honrado sua familia e merecido a estima geral.

Mas, repugnando o estudo e o trabalho como aconteceu a quasi todos os meninos, e achando para essa repugnancia protecção irreflectida e nociva no amor cego, no amor involuntariamente mau de Joanna, provou muito cedo os traiçoeiros e doces venenos da vida sem deveres e sem tarefas de obrigação; as primeiras condescendencias tornaram obstinada a relutancia do menino vaidoso, e o menino malcreado, dominando de todo sobre quem o malcreava, exagorou os abusos, não estudou; não aprendeu a trabalhar, e chegado aos annos perigosos do ardor dos prazeres, lançou-se a elles, e abysmou-se na ociosidade.

Em pouco tempo a logica produziu as suas consequencias.

Dispondo de minguaodos recursos que arrancava á irmã, Proplício não podia engolfar-se na depravação dolrada dos mancebos ricos e viciosos, na qual ha um certo matiz, que elles trazem da boa sociedade que frequentam, e com que mascaram a llicenciosidade, disfarçando-lhos a brutal torpeza. Elle procurou, pois, a companhia dos depravados pobres, e della tomou a guria, e amostrou-se no jogo ruidoso e desordelro, em seus orgias de hedonidos phrenesia, e nos expedientes vis para haver dinheiro.

Todavia Proplício, erganando-se nas perversões de sua antiga presumpção, ainda tinha para si que era orgulhoso, e chamava nobreza de caracter esse pretendido orgulho.

O orgulho não é, nunca será virtude; mas é ao menos, em-hora reprehensivel, sentimento altivo, consciencia alterosa de qualidades que se têm, e que se reputam estimaveis e distinctas.

Não póde haver orgulho, altivez de sentimentos, e menos ainda nobreza de caracter no devasso que apodreca mergulhado na ociosidade e na depravação: se elle teve orgulho, a ferrugem do vicio venceu-lhe a rigeza, gastou-o, destrulu-o.

Não ha quem se possa ostentar em alturas, tendo descido até afundar-se no paúl.

Proplício é a prova.

Um dia a perspectiva de um dote de origem inconfessavel, o calculo dos gozos esbanjadores, da vida larga e dispendiosa, que por algum tempo lhe proporcionariam doações e os presentes

que um
motivos
coligou
se dias
e a
sente saud

Rodina
e homem lo
declarou que
e jurou de ser

A cobiza
de sensualiza
a salvo.

O recurso
plena com
sua mais de
lho e misero

É para qu
pelo e destrui
tu illicitos, ne
lo provase, co
dilecto, infam
e notorio inin
e ao pé de E
e a renda est
este feliz, ou p
de Rodina.

Quando igno
sumidos raste
sua providencia
sido, não póde
lham, corruptel
sua se fundasse
sua ante o ab
sua e na offerec
sua e inimigo
de Rodina que pa
sua e todos
de America.
com estella, o
sua antes de

que um velho rico fizera com suspiciosa intenção e equívocos motivos, a uma joven pobre e formosa, levaram Propício a alhar cobiçoso para essa moça, sua sobrinha, a quem podia ver todos os dias, e a quem até então mal concedera passagens e indifferentes saudações.

Rosina era bella; obrigado a alharla com attenção Propício, o homem todo animal, accendeu-se em sensualismo, o pensou e declarou que a amava, e desdenhado, o repellido insistiu, teimou, e jurou desposala.

A cobiça do dote já desmentia o orgulho, e nem o assanho do sensualismo subsequentemente despedido o poderia deixar a salvo.

O recurso intrigante, baixo e indigno a uma protectora explorada com insinuações deshonrosas a propria noiva requerida ainda mais denunciava o desmentido desse orgulho que era falsa e miseravel illusão de homem corrompido.

E para que a victima da ociosidade, o immoral, o caracter gasto e destruido pela ferrugem dos vicios, não pudesse conservar illusões, nem pretextos, nem ovasivas, — para que o pervertido provasse, ostentasse, jurasse baixaza, miseria d'alma, ultima abjecção, infame prostração perante o ouro, Propício, o ufanoso e ostentoso inimigo *dos ricos aristocratas* devia ir até humilhar-se aos pés de Ernesto, o até a offerecer-se em aluguel torpissimo, ou em venda estupendamente ascosa ao velho rico, ao *rico aristocrata*, feliz, ou pelo menos suppetto seductor ou esperançoso amante de Rosina.

Quadro ignobil da extrema degradação do vicio, aviltamento, ignominioso rastejar de homem pelo pó pisado por outro homem, lição providencial de que na pratica, no contagio da peste dos vicios, não pôde restar nem apparencias de orgulho, o só ha baixaza, corruptela, e aniquillação de todos os sentimentos e de todos os instinctos da dignidade, do pudor, e até das ultimas he. atações ante o absoluto sacrificio da extrema vergonha na expiação e no offerecimento do seu opprobrio. — Propício, o orgulhoso, o inimigo dos *ricos aristocratas*, deslumbrado pelo dote de Rosina que para elle era riqueza, depois de conseguir com nleivosos e tredos manejos a intervenção protectora e clumenta da soberba Amella, foi prostrar-se sem brio deante de Ernesto.

Com effeito, quando o velho apaixonado de Rosina, tendo pouco antes deixado a officina de Ursini, chegou a porta do

seu escriptorio, conteve apenas um movimento de desagradavel surpresa ao ver Propicio que se approximava d'elle.

— Eu estava a espera de V. Ex.: disse respeitoso e com o chapéo na mão o protegido de D. Amélia.

Ernesto sem descebrir-se, nem saudalo, perguntou secco-mente:

— Para que ?...

Propicio respondeu um pouco perturbado:

— Não poderel dizelo aqui na rua.

— Entre: tornou-lhe Ernesto,

E entrou e subiu adiante; mas no patamar da escada voltou-se, e ainda perguntou:

— Quer fallar-me em particular ?...

— Sim, senhor.

Ernesto, começando a sentir-se curioso, e lembrando-se tambem que não lhe convinha maltratar o homem, de cuja condescendencia precisava tanto para enganar sua esposa, baniu de seus modos a aridez com que o recebera, e levando-o para uma sala, om que com elle podia estar a sós, offereceu-lhe cadeira e disse-lhe:

— Aqui ninguém virá interromper-nos.

Propicio lançou um olhar investigador em torno da sala.

Ernesto o comprehendeu e accrescentou:

— Nem ouvir-nos.

Propicio vinha de recado feito e estudado, e principiou logo:

— Senhor commendador, vossa excellencia ha de estar muito atezado commigo...

-- Porque ?...

— Porque me suppõe intrigante e atrevido denunciante... e seu inimigo emfim...

— Ah! já sei: refere-se a um assumpto de que hoje minha mulher me fallou: o senhor deseja casar com sua sobrinha e procurou a intervenção de Amélia: onde está nisso a intriga e a denuncia ?...

Propicio embaralhou-se um pouco, e balbuciou:

— E' que eu pensava... podia a senhora pensar... que dia-bo!... perdão... mas...

Ernesto sorriu-se e disse:

— Olhe: já me occupo de senhor: conversei com seu cunhado que, para obsequiar-me, ficou de tomar a peito o seu negocio.

— Varro essa! exclamou Propício que, apesar do cuidado que trazia, era sempre escravo da sua glória; com Ursini de par, ceiro não entro no jogo.

— Mas Ursini é o pai da noiva...

— Que o leve o diabo, senhor commendador! foi por isso que vim aqui: eu estive de espreita, e bem vi V. Ex. entrar na affeina: elle tem moxinifado e desfrutado V. Ex. a vento fresco; mas commigo não navega nem a puxo de remos.

— Não o entendo.

— Já sei; mas havemos de entender-nos, palavra de honra!

— Ah!... ainda bem.

— Eu devia e podia ter começado por dirigir-me ao senhor commendador; mas tinha razões para acreditar que não seria ouvido nem attendido, e para se-lo e ter entradas com V. Ex. pro curei a protecção da senhora dona.

Propício mentia: elle tinha conseguido que Amélia o recebesse, escrevendo-lhe de modo a excitar-lhe suspeitas e ciúmes; recebido, denunciara a paixão de Ernesto e o seu empenho na seducção de Rosina, estava desde alguns dias de intelligencia com a soberba senhora, que enfim era sempre mulher, apesar da fidalguia; com alguma habilidade explicára a principio o seu proceder pelos escrupulos e deveres de tio da donzella ameaçada em sua honra, e só por ultimo, e como recurso para livral-a do seductor propuzera o alvitre do seu casamento, que Amélia acolheu vivamente.

Mas Propício se resolvera a entender-se com Ernesto, por que pouco e pouco fôra perdendo as esperanças que depositára na influencia de Amélia, desde que se convencera do amor que enlaçava os corações de Rosina e de Angelo, a quem reputava em activa correspondencia, e em honestas, porém, terrissimas relações protegidas por Joanna.

Esse amor ia annullar os planos interesseiros de Ursini, dosvendar os olhos de Ernesto, que já sómente por cegueira de velho não enxergava repulsas, e portanto o poder de Amélia sobre o marido não podia levar sua alçada até as expansões immensas do coração de Rosina.

Porque então Propício se abatera a procurar Ernesto?... é difficil, é preferivel não dizel-o: ha abysmos fundos, negros, horrivels que é melhor não sondar.

Ernesto ouvira a explicação dada por Propício em suas últimas palavras, e respondera com um novo sorriso, que exprimi tanto incredulidade como favorável acclamação.

Propício animou-se e continuou, dizendo:

— Para que reservas?... o senhor commendador teve a bondade de receber-me: não acha mais acertado dispensar ceremonias e pôr tudo em pratos limpos?...

— Certamente.

— Pois o caso é simples: salvo o devido respeito, o senhor commendador não mystificado, tem sido tolo, com perdão de Sua Excellencia, eu não quero sê-lo e...

— Como é isso?...

— E é preciso que nos ponhamos de accordo, não é?... palavra de honra!...

— Mas como é isso?... perguntou outra vez Ernesto; tolo!... tenho sido tolo?... sabe o que diz?...

— Não foi para offendê-lo...

— Mas então?... explique-se: tolo!... como e que tenho sido tolo?...

Propício não hesitou: com toda a rudeza, com a franqueza escabrosa de quem não sabia mitigar com a suavidade mimosa da boa sociedade a porção de fel que brutalmente obrigava a beber, expoz a Ernesto o ardil em que elle havia cahido, a trama e os conselhos dados por Ursini á filha para provocar-lhe ardor apaixonado, fazê-lo julgar apparentemente provavel a seducção de Rosina, excitá-lo a ir assim dando em presentes, e em doações, capital, fortuna, dote que a donzella de outro modo não teria.

Ernesto ouviu Propício até o fim sem uma só vez interrompê-lo: escutou-o ora sorrindo, ora corando, ora empallidecendo: passára da desconfiança do informador á suspeita da verdade informada, dessa suspeita ao vexame da zombaria, desse vexame ao resentimento profundo de escarnecedor e quase opprobrioso abuso da sua credulidade.

Realmente elle tinha sido tolo! e um homem vinha lh'o dizer!...

Na casa de Ursini o gae e a filha o consideravam miseravelho namorado ridiculo, e fazendo do seu amor vilipendiado fonte de favores e de rendimento, lisonjoavam-o em face, e gargalhavam delle pelas costas!...

Ernesto se revoltava; mas, pois que era velho, estava apaixonado, e se presumira amado, em sua revolta de animo accendia-se em odio contra Ursini e Rosina, que tão indignamente o tra-

riam illud
 (astromettic
 sen doce é
 Havia
 (gracia; a
 qerer desc
 bejo para a
 rival que F
 Ferido
 ando e astu
 cruelmente
 alo podend
 enam sua d
 tempo guar
 — Supp
 — Supp
 lara de hon
 — E a q
 de.
 — A que
 var... que pr
 — E com
 Propício s
 De estava fal
 — Pois ai
 — Então?
 (s) sabia q
 ber entre mlt
 — Isso exp
 — Se sua
 de minha mulh
 — E meu
 — E se Ro
 e senhor teve
 contrarase a e
 — Tudo isso
 al' eu vou dese
 Ernesto irri
 cido de Propicio
 — Não pres
 na viciinha o s

ziam illudido e menoacabado; detestava, porém, ainda mais o intromettido importuno que lhe viéra abrir os olhos e desfazer seu doce engano.

Havia também momentos em que se punha a resistir á evidência; a descrever a exposição claríssima feita por Propício, e a querer descobrir nella calumnias filhas do clume, e falsario manejo para arredal-o da casa de Ursini, espantando assim o feliz rival que Rosina amava.

Ferido em sua ufania de cavalheiro galanteador, e de afortunado e astuto seductor, ultrajado pela zombaria e pelo desprezo, cruelmente despedaçado em sua indomavel paixão, querendo e não podendo duvidar do que ouvira a Propício, Ernesto sopitou enfim sua colera, quebrou o tormentoso silencio que por algum tempo guardara, e disse rapido:

— Supponhamos que seja verdade o que acaba de referir-me.

— Supponhamos não; acudiu Propício; é verdade pura, palavra de honra!...

— E a que vem o senhor?... perguntou rispídamente o velho.

— A que venho?... a isto mesmo: pensei que fazia um favor... que prestava um serviço á vossa excellencia...

— E com que fim?... com que interesse da sua parte?...

Propício sentia-se confundido pela aspereza com que Ernesto lhe estava fallando.

— Pois ainda em cima!... exclamou.

— Então?... o senhor ama sua sobrinha, e quer casar com ella... sabia que eu tambem a amava... e foi atirar minha mulher entre mim e ella... com que fim?...

— Isso explica-se... é que...

— Se sua sobrinha o ama, que precisão tinha da intervenção de minha mulher?...

— E meu cunhado que é meu inimigo!...

— E se Rosina me despreza... se eu tenho sido tolo, como o senhor teve a delicadeza de dizer, que lhe importava que eu continuasse a sê-lo, pois que até agora isso não o preocupou?...

— Tudo isso parece estapafurdio; mas não é, palavra de honra! eu vou desenrolar a meada...

Ernesto irritou-se ainda mais com a linguagem e estylo chulo de Propício e disse, encarando-o ralvozo:

— Não preciso: eu já sei bastante: quer que lh'o diga?... sua sobrinha o tem em má conta e o rechaza sem piedade!...

— Tal e qual: vossa excellencia começa a tomar tento no negocio.

— E desconfiado de que eu chegue a ser mais feliz, velu...

Propício interrompeu Ernesto.

— Ah! vossa excellencia errou o ponto; a nossa infelicidade é igual, e a unica differença está em ser a sua mais cara e mais triste...

Propício sem querer offendia o velho que levantou-se trado, e perdendo de todo o zelo de sua dignidade pessoal, diase, tartamudeando:

— Retire-se! não logrará o seu intento!... não ha de livrar-se de mim... o seu empenho é afastar-me de sua sobrinha...

— Ao contrario! ao contrario!... exclamou Propício que tambem se puzera de pé; ao contrario!... o senhor commendador deve... mas, que diabo!... parece que não me quer ouvir!...

Ernesto olhou de má cara o tio de Rosina.

— Ao contrario?... que quer dizer?... perguntou com altivez.

— Para vilão, vilão e meio: vossa excellencia deve fingir que continua a ser o que tem sido... e frequentar como dantes a casa do tratante de meu cunhado, e obsequiar ainda mais a senhora minha sobrinha...

— Oh!... mas o senhor deseja casar com ella... e minha mulher urgida por seus pedidos e por...

— Aguas passadas não movem moíno: deescanse no que diz respeito á senhora dona: agora quero entender-me só com vossa excellencia.

Ernesto voltou aos seus primeiros impulsos de curiosidade.

— Acabe emfim e de uma vez dizer-me o que pretende.

— Pretendo pôr-me de accordo e fazer alliança com vossa excellencia; isto é claro como agua.

O petulante esquecia que as aguas ás vezes são turvas, e ás vezes até pestíferas.

Ernesto sentou-se de novo, e disse:

— Sente-se e falle.

Propício obedeceu prompto á primeira ordem; mas em verdade atrapalhou-se muito e não pôde obedecer logo á segunda. O velho impacientou-se.

— Sou obrigado a preveni-lo, de que tenho negocios a tratar.

Propício fez um esforço, e principiou por este preambulo ameaçador:

— Não acha que é sempre melhor fallar franco e decidido sem rofolhos nem imposturas?... a gente diz a que vem, e está tudo na rua! depois ou sim ou não, acabou-se a historia.

— Sim; respondeu Ernesto; verdade, franqueza, e nada de reticencias.

E accrescentou com intenção:

— Sabe quanto lhe posso ser util; falla, pois, sem receio.

Propicio mudou de cadeira para ficar junto do ouvido de Ernesto.

Evidentemente o mancebo depravado pela ociosidade, pela pratica dos vicios, e pela sôde de ouro, que o jogo, a vadição e as orgias excitavam, ia fazer allí o extremo sacrificio dos restos do seu brío arruinado.

A verdadeira conferencia de Propicio e Ernesto começou então em voz baixa e temerosa: o *orgulho desprezador dos ricos aristocratas*, e o velho millionario immoral e corrompido porque o é todo o corruptor, conversaram por longo tempo, fallando-se com os olhos desviados um do outro, como envergonhados de olhar-se.

A conferencia a meia voz deve ficar entre os dous: ignoral-a é consolação da virtude, o recurso honorifico da moralidade e da decencia.

Basta dizer que Ernesto e Propicio separaram-se perfeitamente entendidos, harmonizados e de plano combinado.

Basta accrescentar que o velho seductor descera até o mais baixo e ignominioso escandalo.

Basta registrar que não ha orgulho concebivel, nem dignidade possivel em quem roja pelo pó ascoso, e se conspurca no lodçal dos vicios.

VI

Apenas Ernesto sahira da officina de Ursini, tinha esta corrido a interrogar Joanna sobre as pretenções de Propicio e as disposições de Rosina.

O italiano contava muito com o juizo da filha; mas a audacia do cunhado o deixara sobressaltado, e tanto mais que a revolução que se operava no animo de Rosina, suas contradicções, seus caprichos colericos, e as desfeitas com que ella repollia Ernesto indicavam claramente que algum sentimento novo e flammigero lhe abrazava o coração.

Ursini tinha por vezes e sempre debalde procurado entrar nesse segredo da alma da filha, que se negara a revelá-lo, assegurando sempre completa isenção de amor.

O pae tinha, pois, perdido a antiga e absoluta confiança da filha, e justificada era essa perda pelo immoral empenho de Ursini em explorar a paixão de Ernesto embora com sacrificio do credito de Rosina.

Rosina já tinha medo da cobiça infrene do pae.

A desordem e perturbação dos sentimentos generosos, e do amor mais santo já estavam castigando com a duvida, e com a desconfiança a postergação das noções do dever, e o abuso sacrilego da influencia paterna.

A filha ainda amava, já porém não estimava o pae, e dello se arrezelava.

Joanna tranquillizou Ursini, que respirou livre do que mais temia.

Rosina não amava, nem attendia a Propicio: pelo contrario, revoltada contra suas pretensões, exaggerava o desdem levando-o até á injuria de offensivo menoscabo.

Ursini retirou-se desaffrontado de um pesadelo horrivel: preferiria tudo ao desgraçado amor de Rosina a Propicio.

Mas Joanna que pudera tranquillisar o marido, ficou agitada e afflicta, sabendo que o estouvado e brutal irmão ousava dirigir-se á esposa de Ernesto, e que esta queria impor um noivo a sua filha.

A pobre mãe que involuntariamente inspirara a Propicio aquelle recurso para a esposa de Ernesto, fazendo já perfeita idéa de caracter estragado, da deslealdade e da petulancia do irmão, estava certa de que elle não teria hesitado em ganhar a protecção de Amélia, excitando-lhe suspeitas da infidelidade do marido e desconceituando a sobrinha; e assim a prever e a exaggerar affrontas possíveis com que o odio e o ciume da soberba senhora se vingassem da resistencia de Rosina á sua imperiosa vontade, attribulava-se pensando no infortunio da filha.

E logo depois sentindo os passos de Rosina que se aproximava, nem cuidou em occultar a sua pena.

— Que tem, minha mãe?... perguntou a joven donzella; meu pae sahio ha pouco daqui... e vossa mercê que estava socegada...

— E' uma nova desgraça, minha filha!

— Qual?... é de mim que se trata?

— E'...
pode chegar
Rosina
para a ter
onde que a
— Que
ceiosa.

Joanna
Rosina
— Minha
sompdre.

— Como
— Ciúme
Propicio, trata

— Não o
— Que ou
— Será o

fil... eu tamb
Joanna
— Que tr

de sua filha
— Minha
— Pois não
— E o se

fil...

— Que me
— Reflicia
e he como par

mentamento e
Rosina que
sua esperança:

— Ella é m
de por preferir
Joanna costu

— E, se he
de sua esperan

— Minha m
— Não digo
de uma sep
e no casamento e

— Mas eu de

— E'; o tambem de teu tio, cuja maldade sei agora até onde pódo chegar!...

Rosina descorou-se: dantes tfo altiva e sobranceira, começara a ter medo de tudo quanto entendia com a sua reputação, doendo quo amava Angelo.

— Que ha, minha mãe; diga; murmurou ella triste e recelosa.

Joanna contou á filha o que Ursula lhe communicara.

Rosina tranquillizou-se e disse:

— Melhor! a noticia me consola: vou ficar livre do seu compadre.

— Como?...

— Clumenta de mim e não podendo conseguir casar-me com Propicio, tratará de pôr a ferros o seu velho marido.

— Não conheces aquella senhora; observou Joanna.

— Que ousaria ella contra mim?...

— Será capaz de tudo para amesquinhar-te e vingarse do ti... eu tenho medo que venha aqui e...

Rosina exaltou-se, e interrompendo a mãe, exclamou:

— Que venha! eu lhe direi que dê em casamento alguma de suas filhas ao seu protegido!

— Menina!

— Pois não é assim?... ella tem noivas em sua casa!

— E o seu furor, o seu ciume, e a sua arrogancia, minha filha?...

— Que me importam!...

— Reflecte, Rosina; basta que essa senhora queira nodoar o teu nome para que todos acreditem no que ella propalar com o resentimento de esposa offendida.

Rosina quebrantou-se logo; mas disse como agarrando-se a uma esperanza:

— Ella é muito soberba para denunciar-se desamada e abetida por preferencia dada a outra mulher.

Joanna continuou, dizendo:

— E, se houver, o que é possível, rompimento e separação dos dous esposos...

— Minha mãe!...

— Não digo que haja; mas ninguem sabe até onde irá o ciume de uma esposa que se acredita atraçoada por seu marido?... o teu casamento com Propicio apaziguaria dona Amelia vingada...

— Mas eu morrerrei antes do que...

— Oh!... Deus me defenda de te aconselhar jamais semelhante sacrificio!... e é por isso que eu temo...

— Que temo?...

— Nem sei! mas dona Amélia contrastada por ti nesse empenho, o convencida de que seu marido te ama o de que tu o attendes...

— Eu o tenho já desfeitoado vinte vezes! tenho levado o desprezo até o extremo.

— Ah!... muito tarde!... exclamou a mãe; és pura; mas estás suspeita de grandes erros!...

Rosina deixou ouvir um gemido e duas grossas lagrimas cahiram-lhe dos olhos.

— Vê pois; disse Joanna; se outros suspeitam de ti, que não suspeitará a esposa de Ernesto?...

— Ah!... e com apparencias de razão!... balbuciou Rosina.

— E' por isso que eu temo tudo! repetiu a pobre mãe.

— E agora?.., perguntou Rosina.

— Não sei... não sei... eis o que me angustia, minha filha!...

— Tenho sido tão má!... disse a loureira arrependida.

— Má não é verdade; mas desajuzada e mal dirigida tens sido.

Joanna alludiu ao marido para desculpar a filha.

Rosina comprehendeu a justa e piedosa allusão e tornou dizendo:

— Talvez meu pae tenha concorrido para os meus ultimos desatinos; mas... não é de alguns mezes, é de alguns annos que sou má!...

— Má, Rosina?...

— Tão vaidosa... tão douda... tão... oh, minha mãe!... dil-o-ei por meu castigo, tão namorada!... e hoje... tão tarde...

A triste moça não ousou completar o seu pensamento.

— Que querias dizer?... perguntou Joanna.

— Queria dizer que se eu não tivesse sido vaidosa, douda, namorada!...

— Acaba!

— Seria hoje a mais feliz das esposas!...

A mãe inundou o rosto da filha com um longo olhar cheio de amor, e de compaixão profundamente affectuosa.

Rosina repetiu com a dôr pungente do arrependimento inútil por serodio:

— Tão vaidosa!... tão douda!... tão namorada!...

Joanna resumiu mil perguntas em um nome.

— Angelo?...

Rosina resumiu mil explicações nesse mesmo nome, respondendo docemente:

— Sim, Angelo.

Alguns minutos de silencio se passaram.

Quem primeiro o rompeu, foi Joanna.

— Não tens sido má, minha filha; tens sido sómente leviana.

— Eu o sei; mas não o pensa... o mundo.

— O mundo de que fallas, é Angelo...

— E'.

— Elle julga mal de ti com injustiça...

— Mas julga mal!...

— E todavia... ama-te...

— E me desestima!...

— Porque não te conhece bastante...

— Oh!... mas se eu me condemnô a mim mesma!... não o mereço, bem sei.

— Rosina! Angelo te abriria os braços, correria a felicitarte, se te explicasses francamente com elle, se lhe confessasses tuas inconsiderações e teus erros, se lhe abriesses teu coração e tua alma com toda a luz da verdade e do sentimento!...

— Já não o posso fazer. minha mãe! hoje só tenho um desejo... o de morrer. Elle me ha de chorar... ao menos.

— E tu!... perguntou Joanna com os olhos rasos de lagrimas.

— Descançarei de todo.

— E eu?... exclamou a mãe, desatando a chorar.

Em resposta Rosina cabiu nos braços de Joanna, chorando com ella.

— Não hei de morrer, não!... não, minha mãe!... isto passa!... não passa, minha mãe?...

E em ardores de paixão o impeto de dôr separou-se da mãe que abraçara, e olhando-a como espantada, disse:

— Oh!... mas se isto não passa, deve matar depressa!...

E Rosina sorriu lugubrememente.

— Minha filha! exclamou Joanna; eu fallarei por ti.

— A quem?...

— A elle.

— Não!... não!...

— Ainda orgulhosa e insensata!

Rosina reflectiu breves momentos e ponco e pouco seu rosto se accendeu em vivo rubor.

— Já não o encontramos mais!... disse ella magoadamente.

— Eu o obrigarei a uma entrevista: tua madrinha nos auxilia: ella lhe marcará o dia e a hora em sua casa.

— Angelo negar-se-á.

— Não crelo: é perfeito cavalheiro para não menoscabar uma senhora honesta, que apenas lhe pede para ser ouvida.

— Minha mãe, uma condição...

— Qual?...

— A's occultas na alcova da sala da casa de minha madrinha, hei de assistir e ouvir a sua conferencia com Angelo.

— Não pensas que isso me constrangerá?...

— Não! minha mãe não lhe dirá cousa alguma que me avilte, ou que me abata e humilhe... não terá pois de que constranger-se...

— Socoga: pódas estar certa disso...

— Mas eu quero ouvir Angelo!... quero ouvi-lo, minha mãe!... é condição...

Pois bem; disse Joanna; seja assim.

— E quando/

— Hoje iremos, ou ainda que só, irei falar á comadre Clotilde.

— Iremos ambas.

— E se Propício vier, como já costuma, impedir-nos a sahida/...

Rosina respondeu com accentuação grave e decidida:

Minha mãe, é preciso fazer de conta que meu tio morreu para nós esta manhã.

pouco seu rosto
magradamente.
trinha nos surt
menoscaber uma
ida.

inha madrinha,
elo.

que me arlite,
que constran-

urtil-o, minha

comadre Co-

nos a saída/.

lida:

morreu para

no chalc', 88

**Este romance é distribuido
GRATUITAMENTE
a todos os leitores que tomam
parte nos Concursos do
JORNAL DO BRASIL
os quaes offerecem sempre
surpresas agradaveis e uteis**